



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

HISTÓRIA - AMÉRICA LATINA

**ITAIPU BINACIONAL, ALVORADA DO IGUAÇU E VILA BANANAL
DESLOCAMENTO E ISOLAMENTO SOCIAL**

EDSON ALENCAR FARIAS

Foz do Iguaçu
2017

**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

HISTÓRIA - AMÉRICA LATINA

**ITAIPU BINACIONAL, ALVORADA DO IGUAÇU E VILA BANANAL
DESLOCAMENTO E ISOLAMENTO SOCIAL**

EDSON ALENCAR FARIAS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Latino-Americano
de Arte, Cultura e História da Universidade
Federal da Integração Latino-Americana,
como requisito parcial à obtenção do título
de Bacharel em História da América Latina

Orientador: Prof. Dr. Gerson Galo Ledezma
Meneses

Foz do Iguaçu
2017

EDSON ALENCAR FARIAS

**ITAIPU BINACIONAL, ALVORADA DO IGUAÇU E VILA BANANAL:
DESLOCAMENTO E ISOLAMENTO SOCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Latino-Americano
de Arte, Cultura e História da Universidade
Federal da Integração Latino-Americana,
como requisito parcial à obtenção do título
de Bacharel em História da América-Latina.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Gerson Galo Ledezma Meneses
UNILA

Profa. Mestre Cleusa Gomes da Silva
UNILA

Profa. Doutora Senilde Alcântara Guanaes
UNILA

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de ____.

Dedico este trabalho a Deus, o Pai; a Deus o Filho; a Deus o Espírito Santo, pela graça e dom da vida.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço ao meu professor orientador por sua paciência para comigo e pela orientação desde o pré-projeto até o trabalho final. Sua trajetória acadêmica é uma inspiração para mim. Muito obrigado!

Às professoras da banca, Cleusa Gomes e Senilde A. Guanaes, pelas orientações e sugestões pertinentes e pontuais que certamente enriqueceram muito este trabalho. Agradeço por terem aceito o desafio de compor esta banca. Muito obrigado!

Aos colegas de curso que compartilharam as mesmas angústias e inquietações ao longo da nossa jornada. Cada um seguirá seu caminho, mas compor a primeira turma do curso de História nos ligará para sempre.

Em especial agradeço ao Anderson de Oliveira, que foi mais do que um colega de curso, se tornou um amigo desde o primeiro semestre. Esta amizade certamente seguirá para o resto da vida. Obrigado por partilhar os momentos bons e maus ao longo do curso, sobre o curso e sobre a vida. Agradeço o incentivo e, se não desisti muitas vezes, foi porque você insistiu. Obrigado meu amigo!

Agradeço ao meu irmão Edgley, que durante os quatro anos de curso me liberou para estudar, fazer os trabalhos, sair para compromissos durante o horário de expediente sem nunca cobrar nada por isto. Você foi muito importante na minha formação. Obrigado meu irmão!

Agradeço aos meus pais que, mesmo à distância me apoiaram e foram fonte de inspiração para minha caminhada. Sempre serão meus exemplos para exercer a paciência e a perseverança. Obrigado pai e mãe!

O agradecimento mais que especial vai para minha esposa Natércia, meus filhos Vitória e Davi. Obrigado por me apoiar durante os anos de estudo, durante as horas para os trabalhos e pesquisas. Obrigado por estarem ao meu lado e serem minha motivação para querer continuar crescendo. Vocês são a razão de tudo isto. Muito obrigado!

*O que chamamos de poder do homem sobre a
Natureza acaba por ser um poder exercido por
alguns homens sobre outros tendo a Natureza
como instrumento.*

C. S. Lewis

FARIAS, Edson Alencar). **Itaipu Binacional, Alvorada do Iguaçu e Vila Bananal:** deslocamento e isolamento social. 2017. 107 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso História da América-Latina – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2017.

RESUMO

A instalação da Usina Hidrelétrica de Itaipu, no extremo Oeste do Paraná, trouxe uma série de consequências para a região que estava em processo de desenvolvimento. A ocupação da região se deu com base num projeto de nacionalização das regiões fronteiriças e mais efetivamente a partir do movimento que ficou conhecido como a Marcha para o Oeste, empreendido pelo presidente Vargas, quando diversas empresas colonizadoras atraíram um contingente de colonos gaúchos, catarinenses e paranaenses, muitos deles de origem europeia, para ocupar os espaços considerados "vazios". Neste trabalho analisamos este processo. Apontamos os elementos mais marcantes na formação da região para entender o surgimento do Distrito de Alvorada do Iguaçu na década de 1960 e a sua extinção na década seguinte, quando Itaipu foi instalada na região. Para isto, discutimos os efeitos de Itaipu sobre a região para entender o consequente surgimento da Vila Bananal, comunidade formada a partir do represamento do rio Paraná para a formação do lago de Itaipu, que era parte integrante do território de Alvorada do Iguaçu e que acabou deslocada e isolada socialmente. Trabalhamos ainda o conceito de Memória e Identidade Cultural para entender como estes sujeitos atuaram nestes processos e como Itaipu tenta apropriar-se das memórias individuais e coletivas para escrever a história segundo sua perspectiva.

Palavras-chave: Itaipu, Alvorada do Iguaçu, Vila Bananal, Memória.

FARIAS, Edson Alencar). **Itaipu Binacional, Alvorada do Iguaçu e Vila Bananal: deslocamento e isolamento social.** 2017. 107 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso História da América-Latina – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2017.

RESUMO

La instalación de la Usina Hidroeléctrica de Itaipú, en el extremo Oeste de Paraná, trajo una serie de consecuencias para la región que estaba en proceso de desarrollo. La ocupación de la región se dio con base en un proyecto de nacionalización de las regiones fronterizas y más efectivamente a partir del movimiento que se conoció como la Marcha hacia el Oeste, emprendido por el presidente Vargas, cuando diversas empresas colonizadoras atrajeron un contingente de colonos gaúchos, catarinenses y paranaenses, muchos de ellos de origen europeo, para ocupar los espacios considerados "vacíos". En este trabajo analizamos este proceso. Mencionamos los elementos más importantes en la formación de la región para entender el surgimiento del Distrito de Alvorada del Iguazú en la década de 1960 y su extinción en la década siguiente cuando Itaipú fue instalada en la región. Para esto, discutimos los efectos de Itaipú sobre la región para entender el consiguiente surgimiento de la Vila Bananal, comunidad formada a partir del represamiento del río Paraná para la formación del lago de Itaipú, que era parte integrante del territorio de Alvorada do Iguaçu y que acabó desplazada y aislada socialmente. Trabajamos todavía el concepto de Memoria e Identidad Cultural para entender cómo estos sujetos actuaron en estos procesos y cómo Itaipú intenta apropiarse de las memorias individuales y colectivas para escribir la historia según su perspectiva.

Palavras-chave: Itaipú, Alvorada del Iguazú, Vila Bananal, Memoria.

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	<u>10</u>
<u>1ITAIPU: EM NOME DO PROGRESSO</u>	<u>16</u>
1.1 PROBLEMAS SOCIAIS.....	23
1.2 DESAPROPIAÇÕES	24
1.3 O DESASTRE AMBIENTAL E OS INDÍGENAS	30
<u>2ALVORADA DO IGUAÇU: CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE</u>	<u>38</u>
2.1 ENTENDENDO OS PROCESSOS HISTÓRICOS	38
2.2 MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DOS SUJEITOS.....	49
2.3 ALVORADA DO IGUAÇU: VIDA E MORTE	57
<u>3VILA BANANAL: DESLOCAMENTO E ISOLAMENTO SOCIAL</u>	<u>72</u>
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	<u>82</u>
<u>REFERÊNCIAS</u>	<u>86</u>
<u>ANEXOS</u>	<u>88</u>
<u>ANEXO A – ENTREVISTA COM MARIO BATISTELLI</u>	<u>88</u>

INTRODUÇÃO

A construção de uma usina hidrelétrica, seja onde for, é sempre um processo traumático e, quanto maior o tamanho da obra, tanto maior será o impacto produzido por ela. Por isto, toda e qualquer resistência ou discurso contrário precisa ser silenciado e toda barreira tirada do caminho. Quem visita Itaipu Binacional se impressiona com sua grandiosidade e imponência. A imagem que ela vende para o país e para o mundo é de ser uma empresa com profundo compromisso socioambiental. Seu slogan "*A maior geradora de energia limpa e renovável do planeta*" estampa suas campanhas, mas, basta um olhar um pouco mais atento ao seu passado e as fissuras no seu "concreto" começam a aparecer. As vozes que se pretendiam silenciadas, ainda ecoam e reverberam nos anseios de uma comunidade que foi esquecida, mas que resiste deslocada do seu local original por causa da construção da barragem e isolada o bastante para ser ignorada pelo poder público desde então, a despeito de sua importância econômica para o município que integra.

Vila Bananal, um pedaço de terra às margens do Lago de Itaipu que, pela distância e isolamento a que foi submetida, mais parece um braço amputado do município de Foz do Iguaçu. Esta comunidade localizada a 50 km de seu domicílio eleitoral é o remanescente do que um dia foi o distrito de Alvorada do Iguaçu que era parte integrante de Foz do Iguaçu. Na década de 1970 quando o local fora definido para a instalação de Itaipu, Alvorada do Iguaçu já contava com uma infraestrutura em franco desenvolvimento. Porém, seu crescimento foi interrompido bruscamente com a instalação da hidrelétrica na região Oeste do Paraná. A formação posterior do lago da barragem deixaria Alvorada do Iguaçu e outras comunidades debaixo d'água, bem como uma vasta área da flora e a fauna local.

Todo esforço em tentar manter este processo no esquecimento, no entanto, se desfaz, quando a própria natureza resolve falar. Em alguns períodos a estiagem na região se acentua, causando um esvaziamento no lago de Itaipu, revelando aos que desconheciam e recordando aos que se haviam esquecido que, outrora uma comunidade fora expulsa de suas terras e que toda uma biodiversidade animal e vegetal ficou debaixo d'água, fazendo imergir memórias, questionamentos e revelando este processo doloroso para aqueles que vivenciaram tais eventos.

Foi num destes momentos que pudemos andar por aquelas terras e presenciar *in loco* as ruínas da antiga Alvorada do Iguaçu. Pudemos ver restos de casas, objetos de uso pessoal e doméstico, e até mesmo o antigo cemitério local, expondo este processo recente da história da região. Mesmo para quem não vivenciou uma situação semelhante, é possível conjecturar, enquanto se caminha por entre aqueles resquícios, o que pôde ter significado para aquelas pessoas deixar para traz suas casas, suas terras, seu modo de vida. Esforço desnecessário para os que viveram tais processos na pele e que podem vez ou outra pisar novamente aquele chão. Para eles, adentrar aquelas terras novamente é andar em território estranho e ao mesmo tempo íntimo, fazendo vir à tona memórias, lembranças, dores e sonhos não realizados.

É nestes sujeitos que este trabalho se fundamenta e encontra sua razão de ser. Pois foram eles, os primeiros a pagarem o preço do “progresso” trazido por Itaipu ao Brasil e Paraguai e, são eles, os últimos a serem beneficiados por este “progresso”. Retirados do seu lugar de origem, isolados em um local de difícil acesso e só lembrados quando se faz necessário legitimar a posse das terras ao poder público com vistas no valor econômico que estas trazem ao município. As transformações que se observam na paisagem são tão profundas quanto as que se percebem nas relações sociais e econômicas vivenciadas por estes sujeitos.

Vila Bananal está localizada entre os Municípios de Santa Terezinha de Itaipu e São Miguel do Iguaçu e conta hoje com aproximadamente 150 habitantes. A região em questão compõe parte considerável da área rural de Foz do Iguaçu e é responsável por grande parcela dos *royalties*¹ pagos ao Município por Itaipu. Dos municípios indenizados por Itaipu, Foz do Iguaçu está entre os que mais recebem *royalties*. O curioso é que, desse valor, pouco, para não dizer nada, retorna para a comunidade de Vila Bananal em forma de investimento.

Este trabalho foi motivado por uma inquietação gerada ao tomarmos conhecimento da situação que estas famílias vivenciam na comunidade, cuja rotina diária foi e é afetada diretamente pela construção da usina hidrelétrica de Itaipu. A

¹Valor pago como indenização aos municípios que tiveram perda de área produtiva devido à formação da represa de uma hidrelétrica. Santa Helena é o município que mais recebe *royalties* de Itaipu, seguida por Foz do Iguaçu, São Miguel e outros treze municípios, conforme o tamanho da área afetada.

formação do lago legou estes moradores a um isolamento tão contundente quanto constrangedor. As bananas que dão nome à comunidade ocupam uma área cada vez mais reduzida. O que se observa então são grandes propriedades rurais espalhadas e um aglomerado de casas próximas umas às outras, que corre o risco de desaparecer em um futuro próximo.

Este trabalho pretende analisar como uma região que sofreu tantos processos traumáticos em um curto período histórico, que chegou a estar no centro de uma disputa territorial devido a sua importância econômica, acabou esquecida pelo poder público que dela se beneficia.

O objetivo desta pesquisa é, portanto, problematizar os efeitos de uma hidrelétrica na vida de pessoas que são subitamente atingidas por elas, e que, por conta disto, precisam deixar seu habitat de forma súbita e arbitrária. Neste sentido, nos propomos a analisar como se deu o alagamento, deslocamento e isolamento de uma comunidade inteira, tendo como fonte a narrativa oral de alguns destes sujeitos que viram suas vidas mudarem por conta da chegada de hidrelétrica de Itaipu, além da bibliografia sobre a história local. Vila Bananal, como é chamada atualmente, ainda sofre as consequências deste processo, por isto a escolha desta comunidade como objeto de estudo.

Na tentativa de compreender como estas pessoas foram afetadas diretamente, faço uso de dois conceitos importantes para a compreensão da história, principalmente quando há carência de fontes documentais ou o acesso a elas é restrito, como é o caso das comunidades deslocadas em virtude da instalação de uma hidrelétrica, embora já existam campos de pesquisas para esta temática. O primeiro é a relação História e Memória, já que, metodologicamente, esta pesquisa se fundamenta no campo da História Oral, sendo que, na coleta da entrevista, a memória é o mecanismo com o qual o sujeito se constrói em relação a si mesmo e em relação ao outro. O esforço é de perceber o que este passado tem a dizer a estes sujeitos e sobre eles à medida que trazem os elementos que marcaram suas vidas em relação a estes processos. Diversos autores respaldam e fundamentam os estudos de Memória no campo historiográfico, porém, aqui, faço uso de dois importantes historiadores: Jacques Le Goff, com *História e Memória* e Pierre Nora, com *Lugares de Memória*. Com eles, pretendo discutir a Memória relacionada ao

passado e os lugares como canalizadores desta memória, além de tratar a relação entre lembrança e esquecimento na construção do sujeito.

O segundo conceito trabalhado é a relação entre Identidade e Cultura. Esta relação reflete a forma como estes indivíduos se definem na sua subjetividade e em relação ao outro, e como o lugar interfere diretamente na formação e compreensão de si mesmo. Entender tais conceitos é importante porque estes sujeitos foram deslocados do seu lugar e precisaram estabelecer novas relações com seu passado e com seu presente.

O fato de estarem tão distantes em relação ao seu local de domicílio e tão próximas a outra localidade permite que estes sujeitos se utilizem de mecanismos onde a identidade se constrói de acordo com a necessidade do momento, visando terem suas demandas atendidas pelo poder público. Este fenômeno é observável porque a proximidade com o município de São Miguel do Iguaçu força a que as necessidades mais emergenciais sejam supridas ali, enquanto que outras mais complexas ou que demandem menos urgência sejam reivindicadas politicamente de seu domicílio eleitoral, de onde se pode utilizar do voto, entre outros elementos, como forma de chamar a atenção para o local.

Para compreender um pouco da realidade na Vila Bananal foram realizadas visitas em três ocasiões distintas. Na primeira oportunidade, percorremos a região pelas estradas que cortam as plantações em várias direções e por fim chegamos a um aglomerado de casas que seria o local que concentra a maior quantidade de pessoas da comunidade. Ali, fomos apresentados a algumas famílias e expomos a intenção de realizar a pesquisa, tendo como objeto de estudo a população local. Neste dia, tomamos conhecimento de quem seria a pessoa mais indicada para a realização da entrevista, pois como o morador mais antigo, poderia dar bastante detalhes da história da região. Esta pessoa seria o Sr. Mario Batistelli, 80 anos, morador na região desde o ano de 1973.

Na segunda visita ao local, conhecemos pessoalmente o Sr. Mario e conversamos com ele brevemente. Ele nos recebeu no seu portão e quando dissemos do que se tratava nossa minha visita, logo se mostrou prestativo em colaborar. De fato, ali mesmo ele já narrou algumas histórias do seu cotidiano, mas

como nossa intenção naquele momento era apenas fazer o primeiro contato e agendar para outro dia, não fomos preparados para colher a entrevista. Então não anotamos nada, apenas o ouvimos e solicitamos uma entrevista formal, no que ele prontamente atendeu.

Na terceira visita sim, fomos preparados para ouvi-lo. Sem ter ideia de como seria e nem de quanto tempo levaria a entrevista, preparamos um roteiro para não nos perdermos e tentarmos tirar do nosso interlocutor aquilo que fosse útil para a pesquisa. Porém este roteiro foi logo deixado de lado, pois estávamos diante de uma pessoa com muita história para contar e com muita disposição para contá-las. A entrevista durou quase 2 horas e neste período ele falou dos vários processos que vivenciou, dentre os quais sua vinda para a região oeste do Paraná e sua experiência na Vila Bananal onde vive desde que chegou ao local. A entrevista consistiu num importante instrumento para entender a realidade local tanto atual quanto histórica e foi utilizada na construção dos argumentos tanto para apoiar outras fontes quanto para criticá-las.

Outro recurso que lançamos mão foi o uso das imagens. Elas não estão no trabalho apenas para ilustrar, mas como um instrumento para argumentar e contraargumentar os discursos. A maioria dos recortes de jornal foram coletados por Cley Scholz e está disponível pelo site <https://br.pinterest.com/cleyscholz/adeus-sete-quedas>. São recortes da época em que Itaipu estava em construção, especialmente no período final e abordam as questões-chave no processo de construção da usina, as expropriações, o alagamento, o fim de Sete Quedas e seus efeitos sociais e ambientais. Algumas foram tiradas do Jornal Nosso Tempo, que também acompanhou de perto esta problemática e fez um trabalho de denúncia das práticas abusivas praticadas pela empresa e em nome dela. Há também fotografias do nosso acervo pessoal, tiradas do que restou de Alvorada do Iguaçu quando o lago de Itaipu baixou seu nível e revelou os escombros que ainda permanecem no local e também da Vila Bananal atualmente. Além destas, há também algumas ilustrações que mostram a transformação da região antes e depois de Itaipu. Por fim, algumas imagens atuais do setor policial que mostram como o isolamento tem causado danos à imagem da Vila Bananal.

No primeiro capítulo, trabalhamos a Hidrelétrica de Itaipu. Procuramos mostrar os argumentos para sua implantação e seu contexto histórico, trazendo a discussão presente na sua própria história narrada em sua página da internet, na forma como as palavras *Desafio* e *Progresso* definem momentos distintos da empresa e reafirmam sua posição junto à sociedade. Procuramos mostrar os efeitos que o empreendimento trouxe para a região no que tange aspectos sociais, ambientais e econômicos, de como afetou a vida daqueles que tiveram que deixar suas propriedades para dar lugar ao lago da represa. Falamos também das lutas do expropriados por melhores preços em suas propriedades e das consequências para as populações indígenas e para a fauna e flora local.

No segundo capítulo abordamos os processos de ocupação do território e a construção da identidade cultural na região Oeste do Paraná. Optamos em fazer um retrospecto histórico mostrando as transformações que a região sofreu, com seus fluxos migratórios, a construção da relação entre os sujeitos, a conformação do "outro" e a afirmação do protagonismo pioneiro em torno dos colonos atraídos pelas Empresas Colonizadoras. Fazemos também uma discussão em torno do uso da memória na construção das identidades e do lugar como catalisador desta memória e como Itaipu tenta apropriar-se das memórias individuais e coletivas para calar a voz dos sujeitos ou permitir que estes falem de acordo com sua própria lógica. Em seguida tratamos de mostrar como, a partir destes processos, surge o Distrito de Alvorada do Iguaçu, seu contexto social, suas lutas no processo de desapropriação e sua extinção com a chegada de Itaipu à região.

No terceiro e últimos capítulo, tratamos sobre a questão da Vila Bananal, comunidade cuja origem se dá deste processo de deslocamento e isolamento que Itaipu acabou trazendo para a região. Falamos da importância econômica da região para o município de Foz do Iguaçu por conta dos *royalties* pagos por Itaipu e do fato de ser uma importante área agrícola e pecuária para o município. Abordamos também os problemas enfrentados por esta população para ter suas demandas atendidas, valendo-se do Município de Foz do Iguaçu e de São Miguel do Iguaçu, além de outras problemáticas ocasionadas por conta do isolamento.

1 ITAIPU: EM NOME DO PROGRESSO

“Aí está Itaipu – a maior hidrelétrica do mundo – causadora da maior catástrofe ecológica provocada pelo homem em todos os tempos. O Paraná nada ganhou com esse gigante. A energia está sobrando, os lucros não são nossos. Só os prejuízos” (MAZZAROLLO p.31)

Foto 1: Anúncio da Eletrobrás publicado dia 5 de novembro de 1982 (O Estado do Paraná)



Fonte: br.pinterest.com/cleyscholz/adeus-sete-quedas

O Brasil orgulha-se do seu potencial energético já instalado e do grande potencial a ser explorado devido a fartura hidrográfica que o país possui. Porém, o processo de instalação de uma Usina Hidrelétrica é sempre traumático, por mais ermo que seja o local escolhido para sua construção. Isto porque, inevitavelmente, este local sofrerá com modificações no meio ambiente que serão irreversíveis. Uma parte significativa da flora acabará submersa após o represamento, animais serão pegos de surpresa, sendo que boa parte deles não terá tempo suficiente para encontrar abrigo. O território sofrerá transformações também no que diz respeito a sua paisagem que será modificada drasticamente. No entanto, quando o local escolhido para uma barragem fica próximo a comunidades já estabelecidas, sejam elas urbanas, rurais, ribeirinhas ou indígenas, o impacto gerado se dimensiona

sobremaneira, trazendo consequências não apenas ambientais, mas também socioeconômicas e culturais.

No Brasil, até o ano de 2003, existiam 517 centrais hidrelétricas em operação. Este total estava dividido em 139 Usinas Hidrelétrica (UHE), 230 Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCH) e 148 Centrais Geradoras Hidrelétricas (CGH). Com esses dados podemos ter uma ideia de quantos rios foram represados para dar conta da demanda destas centrais hidrelétricas. Sendo assim, muitos territórios por onde serpenteavam rios margeados ora por florestas ora por cidades e campos agropastoris deram lugar a outro tipo de território: os Lagos Artificiais. KARPINSK, 2007

Atualmente de acordo com informações divulgadas pela Rede de Obras², *existem 86 projetos de novas hidrelétricas em andamento no Brasil, sendo que 17 estão em obras. Entre as demais, 30 aguardam licenciamento, 24 estão em estudos, 13 ainda na fase de projeto e duas negociam financiamento. Essas iniciativas representam investimentos da ordem de US\$ 25 bilhões.* Destas, a de maior impacto no momento é, sem dúvida, a de Belo Monte no Pará, na região do alto Xingu. O projeto arrojado, que quando terminado será a quarta maior do mundo em capacidade instalada na verdade não é atual, seus primeiros estudos foram iniciados ainda na década de 1960, em paralelo com Itaipu. Passou por vários governos e estava engavetado até ser retomado pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O impasse atravessou os oito anos de seu governo, mas foi sua sucessora Dilma Rousseff quem acabou autorizando o início dos trabalhos no canteiro de obras, abaixo de protestos e manifestações dos indígenas e ribeirinhos, principais afetados pela obra, além de ambientalistas e ONGs (Organizações não governamentais) das mais diversas vertentes.

Há um histórico comum a praticamente todas as usinas hidrelétricas construídas e/ou em construção no país. Os problemas são diversos e abarcam questões principalmente ambientais e sociais, uma vez que os que sofrem com as hidrelétricas geralmente são os menos favorecidos, cuja voz não é ouvida ou é silenciada. O caso de Itaipu foi emblemático devido a sua grandeza e contexto histórico em que foi construída. A partir de Itaipu, inúmeros pesquisadores têm se debruçado e desenvolvido trabalhos científicos com a temática "Atingidos por

²A Rede de obras é o mais abrangente e confiável sistema de informações sobre projetos e obras residenciais, industriais, de edificação e infraestrutura em andamento no Brasil e pode ser acessado pelo site www.rededeobras.com.br

Barragens", analisando tanto Itaipu e suas problemáticas quanto outras hidrelétricas espalhadas pelo país.

Para entender o processo que culminou com a construção de Itaipu e que, por consequência, resultou na remoção das comunidades que estavam no seu caminho, contribuindo para o surgimento de Vila Bananal e seu isolamento, até chegar a condição em que se encontra atualmente, é necessário ter em mente o período histórico em que a mesma foi projetada, bem como o processo de formação da região onde ela foi instalada, além de entender como a região se inseriu no projeto nacional. Isto é importante para perceber quais forças trabalharam a favor de Itaipu e quais agentes se mobilizaram para fazer-lhe resistência.

Na década de 1970, o discurso do *progresso* era o motor que movia as ações dos governos sul-americanos. No caso brasileiro, "megaprojetos" prometiam mudar para sempre o panorama do país. A indústria estava aquecida e precisava de fontes energéticas para que o ritmo se mantivesse acelerado. Comandado por governos militares e em meio ao clima de otimismo proporcionado pelo tricampeonato conquistado pela seleção brasileira de futebol, o país experimentava um notável crescimento econômico e viu na sua abundância hidráulica, a opção ideal para fazer frente à escassez de outras fontes energéticas como petróleo ou gás natural.

Todas estas obras transformaram o Brasil em um grande canteiro de obras em busca do seu desenvolvimento e produção de energia. Neste período, imensas áreas, naturalmente preservadas, foram destruídas para a implantação destas obras, causando grandes impactos ambientais e sociais. Não haviam audiências públicas para a apresentação do empreendimento junto à comunidade e nem incluíam discussões junto à sociedade para mostrar os planos do setor elétrico, plano de ação que contemplasse a população afetada e as questões ambientais, o que permitiu com total liberdade a construção de grandes obras hidrelétricas como, por exemplo, Tucuruí - Pará (NERES, 2008) e Itaipu - Paraná (LIMA, 2004) e, a partir daí, surgiram pressões sociais em vários pontos do Brasil.³

Foi com base neste panorama e com o propósito de colocar o país nos trilhos da *modernidade* que nasce Itaipu, empreendimento que, desde o início, destacava-se por tratar-se de um projeto audacioso em todos os sentidos. Se a história da região oeste do Paraná é marcada por ciclos de desenvolvimento, Itaipu

³THAUMATURGO, Leila Regina Youssef; SIMÕES, Silvio Jorge Coelho; TRANNIN, Isabel Cristina de Barros - A construção da usina hidrelétrica de Itaipu e seu impacto sobre a urbanização de Foz do Iguaçu - Universidade Estadual Paulista - UNESP

certamente constitui-se um marco importante da história recente. Porém, o mesmo desenvolvimento produziu uma série de mazelas que ainda hoje se fazem sentir. A obra teve seu início em 1973, com a assinatura do Tratado de Itaipu pelos então presidentes Emilio Garrastazu Médici (Brasil) e Alfredo Stroessner (Paraguai), mas já vinha sendo discutida já na década de 1960. Por este tratado, segundo MAZAROLO, *criava-se a empresa Itaipu, dando-lhe a concessão para explorar durante 50 anos o potencial hidrelétrico do Rio Paraná, pertencente aos dois países em forma de condomínio, desde e inclusive o Salto de Sete Quedas de Guaíra até a Foz do Rio Iguaçu*. Pelo Tratado também ficava acordado que a produção da energia seria dividida de forma igual entre os dois países e garantia ao Brasil a preferência pela compra do excedente não utilizado pelo Paraguai a preços competitivos.

Na página da empresa na internet, a história da sua construção é narrada com base em 3 pilares: *Desafio Humano; Desafio Energético e Desafio Diplomático*⁴. Em cada um dos tópicos, são mencionados de maneira superficial os *Desafios* enfrentados e como foram "vencidos". A história é contada de forma a gerar no visitante virtual o mesmo deslumbramento que se tem quando se visita a obra pessoalmente, destacando sua grandeza, seus números e o esforço descomunal daqueles que a construíram, ao mesmo tempo em que desvia o olhar dos problemas reais que ocorreram e, diga-se de passagem, ainda não foram de todo solucionados. O termo "Desafio", muito bem utilizado pelo *marketing* da empresa mexe com o ímpeto do ser humano de superar barreiras e ir além das próprias forças, e neste caso, de ir além das forças da natureza, já que, para que a barragem pudesse ser construída, o próprio leito do rio Paraná precisou ser alterado através de um canal de desvio. Denota também a necessidade de envolvimento e de união de forças no sentido de buscar soluções. Neste sentido, toda oposição ou pensamento contrário passa a ser visto com maus olhos, especialmente quando anualmente a empresa mostra os números e comemora os recordes de produção de energia. Porém, a ideia de que não houve oposição ao projeto Itaipu, ou que sua relação com os atingidos por ela foi sempre pacífica, é um tanto quanto equivocada. Houveram sim embates, discordâncias e desmandos, o que a história oficial tenta suprimir ou tratar como casos isolados e superados.

⁴www.itaipu.gov.br/nossahistoria

Se atualmente a palavra que define a obra é "*Desafio*", na época da construção a palavra de ordem era o "*Progresso*". A empresa na verdade era o próprio símbolo do progresso, o motor que levaria o país a sair do atraso econômico e manteria o país nos trilhos do desenvolvimento tecnológico, colocando-o na vanguarda da produção de energia "limpa" e renovável. Porém, se "*Desafio*" tem a intenção de incluir os sujeitos neste processo de desenvolvimento, colocando-os como parte ativa da narrativa, já o "*Progresso*", por outro lado, é avassalador e excludente, colocando os sujeitos em situação passiva e sem ação, cabendo-lhes apenas aceitar tal movimento, passando por cima de todos os que se encontram em seu caminho, pois ele pressupõe um destino inevitável para a nação que não quer ficar no atraso, sendo que, aqueles que se colocam em oposição estão, na verdade, indo contra o futuro da própria nação .

O ano de 1964 marcou no Brasil a ascensão ao poder, através de um golpe de Estado, de um governo militar no Brasil. Estava instalada no país uma ditadura que tinha como uma das suas metas políticas e propagandistas um ideal de progresso, desenvolvimento nacional, ideais que estavam longe de serem novidades no país, mas que nesse período vai se transformar na principal bandeira do regime militar. MUCHIUTI ARANHA, 2012

Por ser uma empresa binacional e de caráter governamental, desde o início Itaipu foi regida com mãos de ferro, tanto do lado brasileiro quanto do lado paraguaio, tendo à frente militares ou civis indicados por estes, já que os dois países viviam debaixo de ditaduras militares. O autoritarismo exercido por Itaipu através do Governo Federal e daqueles responsáveis pelas negociações em nome dela era tamanho que nem mesmo *Sete Quedas* foram poupadas. *Sete Quedas* era um conjunto de cachoeiras, localizada na cidade de Guaíra, no Oeste do Estado e disputava a atenção turística com as Cataratas do Iguaçu. Elas desapareceram durante a formação do lago de Itaipu. Tal poder pode ser percebido nas declarações do então Diretor-Geral de Itaipu no lado brasileiro, o general José Costa Cavalcante, que mesmo antes de morrer deu seu nome ao Hospital de Itaipu (Hospital Ministro Costa Cavalcante) e ao Ginásio de Esportes da cidade (Ginásio de Esportes Costa Cavalcante). A reportagem intitulada "*DE ITAIPU À PRESIDÊNCIA?* ", que revelava sua intenção em concorrer ao cargo de presidente da república, mostra também sua postura politicamente arrogante frente aos acontecimentos e o poder que aquele cargo, naquela empresa, naquela conjuntura significava:

"MENDONÇA (Jornal Ilha Grande) — O senhor falou que é Itaipu, e não o governo, que está procedendo às indenizações das benfeitorias que serão

alagadas". O agricultor terá então a indenização de seus bens. Sete Quedas é para o povo de Guaíra, um bem econômico que deixará de render no momento em que Itaipu fechar as comportas. Que providências estão sendo tomadas para indenizar o povo de Guaíra.

CAVALCANTI — Eu poderia responder, mas vamos deixar para Paulo Cunha responder essa pergunta. Ele que cuida disso (...)— Eu acrescentaria que Sete Quedas existem como uma grande obra de Deus, mas que pouco está produzindo. Apenas um turismo muito rudimentar. Nem de longe comparado ao turismo de Foz do Iguaçu, que as Cataratas proporcionam. Agora, por obra do homem, esse recurso de Deus, que pouco está rendendo, passará a render muito mais para os donos das Sete Quedas que são a União Brasileira e a União Paraguaia. Não é Guaíra nem o estado do Paraná o dono de Sete Quedas. (NOSSO TEMPO, Foz do Iguaçu, 1981)⁵

Foto 2: 3 de setembro de 1982 - General Figueiredo, presidente da República, visita Sete Quedas.



Fonte: br.pinterest.com/cleyscholz/adeus-sete-quedas

Nas palavras do então presidente João Figueiredo, nada mais poderia ser feito para evitar o encobrimento das Sete Quedas. Trinta e cinco anos após o seu desaparecimento, Itaipu não se reconhece como aquela que causou o fim de uma beleza natural, que gerava renda para toda uma região e que era o orgulho de uma

⁵<http://www.nossotempodigital.com.br/edicao/35/?pagina=9> (acessado em 03/04/2017)

cidade que se desenvolvia com base na sua vocação turística. A empresa se coloca, na verdade, como aquela que deu fim a um litígio entre o Brasil e o Paraguai que disputavam o território onde as quedas se encontravam simplificando a questão da seguinte forma: não se pode brigar por algo que não existe mais. *"Lago encobre a área em litígio: O entendimento diplomático abriu caminho para o início dos estudos técnicos. A solução proposta por um consórcio de empresas estrangeiras, que previa o alagamento de grande parte da área em litígio, encerrou a disputa por terras na fronteira"*. Procura-se desta forma amenizar a responsabilidade da empresa frente aos problemas gerados a partir da sua imposição para a região.

ADEUS ÀS SETE QUEDAS, BEM-VINDA A LUZ.

O enchimento do reservatório interfere na vida de milhares de pessoas que habitam nas margens do Rio Paraná entre Foz do Iguaçu e Guaíra. Os moradores de Foz veem o rio esvaziar a jusante da barragem, por causa do fechamento das comportas, enquanto Guaíra lamenta o alagamento das Sete Quedas.

Moradores de Guaíra realizam protestos e artistas prestam homenagem aos saltos que acabam encobertos pelo reservatório. Ansiosos por se despedir das Sete Quedas, 32 turistas morrem em janeiro de 1982 com a queda de uma passarela sobre o rio. Ao longo da faixa de 170 quilômetros, submersos entre Foz do Iguaçu e Guaíra, 8.519 propriedades urbanas e rurais são alagadas na margem brasileira, e os donos indenizados. O município de Guaíra passa a receber royalties da Itaipu pelo alagamento.⁶

Itaipu constitui-se na verdade como a imposição de um projeto nacional onde os fins justificam os meios. Especialmente na década de 1970 quando o país vivia debaixo de um regime ditatorial, essa prática se tornou corriqueira, uma vez que a política do medo, da censura e da repressão imperava no país. Sabendo que, até então, a região experimentava um crescimento gradativo e sem sobressaltos, a chegada de Itaipu representa uma mudança drástica neste sentido, onde uma leva de trabalhadoras chegava a todo o momento, mudando completamente o panorama da cidade que a recebeu, bem como de todo entorno ao rio Paraná, tanto do lado brasileiro quanto do lado paraguaio. Vale lembrar que a colonização do oeste paranaense já era fruto de outro projeto de desenvolvimento nacional, que trouxe para a região grupos de pessoas dispostas a fincar raízes e povoar o local. No entanto, o primeiro projeto foi pautado muito mais por aspectos culturais e de soberania nacional (nacionalizar as regiões fronteiriças), que veremos mais detalhadamente à frente, enquanto que para o segundo (Itaipu) estava em jogo questões econômicas dentro de um projeto de poder e desenvolvimento. Porém, a

⁶Retirado do site (<https://www.itaipu.gov.br/nossahistoria>) acessado em 05/03/2017

empresa acabou contribuindo para gerar transformações tanto culturais quanto territoriais, compondo um cenário diverso do que estava se desenhando antes da sua chegada a região.

A uma população composta na sua maioria por pessoas oriundas dos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, entre estes muitos de origem europeia e asiática (fluxo migratório experimentado pela região anteriormente), agora se unia gentes de diversas regiões do país. A colonização anterior explica de certa forma a predominância branca na região que só foi quebrada, em partes, com o início da construção da usina que trouxe no seu bojo uma leva de gente de pele escura para compor o seu quadro de funcionários. Estes por sua vez, acabaram ocupando cargos de menor critério técnico e, juntamente com os demais funcionários de menor grau de instrução, acabaram ficando com o trabalho braçal e pesado e, conseqüentemente, de menor remuneração, ocupando também na hierarquia habitacional, espaços de qualidade inferior. Esta hierarquização acabou afetando as relações entre os próprios trabalhadores e também com a sociedade local, gerando rivalidade, sendo que os níveis eram definidos diretamente pelo bairro em que os funcionários habitavam.

1.1 PROBLEMAS SOCIAIS

Foram inúmeros os problemas sociais que Itaipu deixou como herança. A cidade de Foz do Iguaçu era apenas uma pequena cidade na época, com suas peculiaridades e cotidiano definidos de acordo com uma lógica extrativista e agrícola. É certo que mais dia, menos dia, a cidade acabaria tomando forma de cidade "desenvolvida", com todas as características que uma cidade grande possui, haja vista sua vocação turística e o fato de fazer parte de uma região de fronteira. No entanto, o que se viu com o início das obras de Itaipu foi um crescimento vertiginoso em todos os sentidos e, com a mesma velocidade que o progresso chega a essa região inóspita do Brasil chegam também todas as mazelas que o acompanham. A violência, a miséria, favelas, desemprego em larga escala, especulação imobiliária, diferenças sociais acirradas, subempregos, mercado ilegal, o contrabando e as drogas.

Em contraposição, até 1973, quando da instalação do projeto Itaipu, havia uma menor discrepância entre as classes sociais da cidade e um maior

intercâmbio entre elas, provavelmente em função do isolamento em que se encontrava Foz do Iguaçu, e devido ao processo de conquista e ocupação daquela região, que trouxe em seu bojo culturas distintas que ali foram se plasmar, caracterizando assim a economia local. Acreditamos que esse contexto contribuiu para que aquelas estruturas subsistissem inalteradas até a instalação da “nova ordem” representada por Itaipu, que será responsável por um redimensionamento das classes sociais da cidade, bem como por estabelecer os abismos que detectamos entre elas. (PENA CATTA. P 31).

Foz do Iguaçu não estava preparada para absorver tamanho contingente de pessoas que chegavam em busca de fazer a vida à sombra de Itaipu. Ainda que Itaipu dispusesse a seus funcionários toda uma estrutura de apoio como habitação, escola e saúde, o mesmo não acontecia ao restante da população. Havia ainda um sem número de pessoas que vinham tentar a sorte e, tendo sua entrada em Itaipu negada, acabavam perambulando pela cidade ou indo morar em barracos nos arredores da cidade, no que viriam a se tornar bairros populares ou até mesmo as futuras favelas, tudo isto na esperança de um dia serem absorvidos ao quadro de funcionários de Itaipu. Os cortes de funcionários em massa ao final de cada etapa da construção contribuíam para gerar um clima de incertezas entre os funcionários. Muitos, por haver gastado tudo o que tinham, já não contavam com meios de voltar ao seu local de origem depois de serem dispensados pela empresa, outros por terem estabelecido vínculos com a cidade e com pessoas, uma vez dispensados não queriam deixar a região e preferiram tentar a sorte atuando na construção civil ou migrando para outro ramo profissional.

Para sobreviver, tentavam um emprego na pequena estrutura comercial da cidade que não conseguia absorver tão grande contingente de desempregados, que só aumentaria com o passar dos anos. Alguns faziam pequenos bicos, outros ainda acabavam empurrados para o comércio ilegal ou ainda para a marginalidade. E outros acabavam mendigando nas ruas da cidade, o que se tornou um problema social e de segurança pública.

1.2 DESAPROPIAÇÕES

Quando em novembro de 1982 Itaipu fechou as comportas para a formação do lago da barragem, era o ultimato para que todos que estivessem no raio de alcance das águas saíssem. Muitos ficaram até o último momento para ver as águas subirem e despedir-se de suas propriedades que agora já pertenciam à Itaipu. O processo de desapropriações iniciou-se no mesmo momento em que as

máquinas chegaram ao canteiro de obras, com os estudos técnicos, as medições de abrangência do futuro lago, a catalogação dos imóveis a serem desapropriados e a comunicação aos proprietários. A partir daí, medo e incertezas se instalaram na região, principalmente entre os que seriam atingidos.

A obra levou sete anos para ser concluída e neste período, Itaipu precisou adotar diversas estratégias para consumir as desapropriações. Nas terras haviam casos distintos: proprietários com escritura em mãos, terras com registro em duplicidade, posseiros, arrendatários e meeiros. A propaganda de Itaipu tentava acalmar os ânimos, dizendo que todos os casos seriam analisados um a um e que todos seriam indenizados, o que na prática foi bem diferente. Para tentar amenizar o impacto, Itaipu não mediu esforços, chegando a utilizar a figura de artistas que contavam com a simpatia do grande público na ocasião, como Teixeira (cantor gaúcho) e Lima Duarte (ator global).

Foto 3: Propaganda de Itaipu para acalmar os agricultores expropriados.

Para a formação do lago, Itaipu vai precisar comprar as áreas próximas das margens, para alargar o rio e fazer a represa.





EVITE INTERMEDIÁRIOS

Trate diretamente com os homens da Itaipu. Eles estão ali pra ajudar. Peça sua orientação e confie neles. É gente que não brinca em serviço. Aguarde! Você será procurado pelos representantes credenciados da Itaipu.

FIQUE TRANQUILO

Todos os proprietários vão ser indenizados. Quem tiver propriedades na região pode ficar tranquilo. Seja dono de fazenda, sítio ou casa. Não precisa se preocupar. Depois de receber o dinheiro, você poderá continuar na terra produzindo, até Itaipu precisar dela.

ITAIPU PAGA O PREÇO JUSTO

Para comprar as propriedades, Itaipu está fazendo um levantamento geral. Inclusive de todas as benfeitorias que existam: lavouras, mangueiras, poços e cercas. Na base do preço justo, Itaipu garante o pagamento pra todos os proprietários.

Colaborando com o pessoal da Itaipu, você estará ajudando a construir a maior usina hidrelétrica do mundo.

Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon.
Adaptado de BENTO RIBEIRO, Maria de Fátima. 2002

Na imagem, a frieza do concreto ao centro é amenizada pela simpatia do ator que representa um funcionário de Itaipu, responsável por fazer a abordagem junto aos donos das propriedades(esquerda) e pelo ator Lima Duarte (direita). No entanto, a prática foi bem diferente e logo este discurso se desfez diante da luta que a empresa teria de travar com os expropriados e seus aliados ao longo de toda a construção da mesma. Este tipo de discurso denuncia uma estratégia bem articulada onde, para a opinião pública se apresenta de forma amigável, comprometida com os direitos dos expropriados, trazendo-os para perto, a fim de que se sintam parte integrante do processo de construção não apenas de uma usina hidrelétrica, mas do *progresso* e do futuro da nação e, para os expropriados fica a intransigência e as promessas não cumpridas. Na verdade, a necessidade da campanha já sinaliza que a situação estava fugindo do controle e os focos de levante dos expropriados precisavam ser contidos.

Você também vai ajudar a construir a Itaipu, a maior usina Hidrelétrica do mundo. Itaipu vai adquirir as terras por preço justo, isto é, a indenização vai corresponder não só ao valor da terra nua, como também aos dos benefícios que foram agregados a terra, como destoca todo o trabalho para tornar a terra mecanizável e todas as benfeitorias existentes. (Apud MAZZAROLLO p.50)

A estratégia de Itaipu, de isolar os proprietários e fazer negociações individuais e não em grupo, para evitar que estes se mobilizassem contra os desmandos da empresa, parece demonstrar claramente sua intenção de desarticular qualquer possibilidade de reação. Este foi o primeiro de muitos processos pelos quais tiveram que passar os moradores de Alvorada do Iguaçu e das demais comunidades atingidas pela barragem. Muitos migraram para outras regiões, para outros Estados ou até mesmo para o Paraguai, na tentativa de adquirir terras mais baratas, já que a especulação imobiliária e agrária levava os preços de terras e de casas às alturas, além de que o preço oferecido por Itaipu na compra das propriedades impossibilitava que muitos adquirissem terras ou propriedades na região. Aqueles que conseguiram comprar terras nas proximidades ou que não tiveram suas propriedades atingidas diretamente pelo lago, se viram isolados e com suas propriedades desvalorizadas pelo esvaziamento da região e pela falta de estrutura necessária para garantir a sustentabilidade econômica e social.

Antes das terras desaparecerem, a região foi tomada por protestos, festas de despedidas e eventos religiosos. Algumas famílias transportavam, além de roupas e utensílios, casas inteiras de madeira.

Lenir Spada, 69 anos, foi uma das moradoras que teve a vida transformada pelas águas. Ela vivia com a família em Alvorada do Iguaçu, distrito de Foz do Iguaçu que desapareceu após a criação do reservatório. Deixou para trás 11 alqueires de terra, um mercado e uma loja.

Daquela época, ela se lembra das pessoas que relutavam sair das casas e dos amigos que partiram para o Mato Grosso. A família, que foi morar em Santa Terezinha de Itaipu, recebeu indenização pelos 11 alqueires de terra. “Foi difícil. Tinha gente que não queria sair”, lembra.⁷

Outra tática adotada para expulsar os habitantes da área pretendida por Itaipu era espalhar o medo ao declarar que, caso a pessoa não aceitasse tal proposta, a decisão seria feita via judicial, o que acarretaria em custos para o agricultor e a desvalorização de sua propriedade. Estas e outras estratégias funcionaram em boa medida, o que não quer dizer que não tenha havido resistência por parte dos proprietários. Esta resistência se deu muito porque os expropriados se uniram para lutar por seus direitos. Auxiliados pela CPT (Comissão Pastoral da Terra), formada por alguns padres e pastores que, de certa forma, deram voz aos donos de terras, já que Itaipu se recusava a tratar com estes por considerá-los incapacitados no tocante a assuntos burocráticos, propondo que fossem intermediados por advogados, na sua maioria sem escrúpulos e movidos pela ganância. Por conta disto muitos expropriados acabaram assinando acordos injustos e se viram completamente sem condições de começar vida nova de forma digna. A CPT passou a intermediar os interesses dos afetados, juntamente com representantes de cada região, tornando-se uma pedra no sapato da grande empresa. Foi o que de certa forma garantiu algum ganho para os expropriados, mas nada que pudesse reparar os prejuízos causados pela obra que iam muito além das terras vendidas a preços baixos.

—Pensa bem, com o que vamos receber só poderemos comprar terra no Mato Grosso, em Rondônia, no Pará ou no Paraguai, tudo terra de mato, coisa que nós não temos mais condições de enfrentar, porque já gastamos nossa vida aqui, colonizando esta região. E depois, uma terra de mato leva anos para ser mecanizada. Como faremos, então, para construir casa? E o tempo até produzir a primeira safra? Itaipu não conversa, não vem discutir conosco, só quer impor, mas nós vamos fazer reuniões e estudar o problema. Se o progresso e o orgulho brasileiro exigem a construção dessa obra, nós exigimos justiça. Armindo Berger em MAZZAROLLO, 2003 p. 57

Para ter uma ideia, no início do processo de desapropriação Itaipu oferecia Cr\$16 mil (dezesseis mil cruzeiros) por alqueire de terra, valor ínfimo e questionado desde o início. A especulação que se gerou e a falta de escrúpulos de

⁷<http://www.gazetadopovo.com.br/economia/especiais/itaipu-30-anos/usina-refez-o-mapa-da-regiao-oeste-8tbwwaaiyoig2mbijrefca2j2> (acessado em 26/05/20107)

muitos donos de terra da região faziam com que este valor se tornasse ainda mais insignificante. No entanto, a luta dos proprietários e da CPT fez com que este valor fosse aumentado várias vezes. Diversas mobilizações acabaram pressionando a empresa a recalcular o valor do alqueire e reajustar. No entanto, a inflação da economia também fazia com que o preço pago pelas terras perdesse seu valor rapidamente. No dia 17 de março de 1981, uma comitiva de expropriados resolveu marchar até o escritório da Itaipu em Foz do Iguaçu. Esta primeira marcha dos expropriados ficou conhecida como *Trevo da Vergonha* e culminou com um acampamento que durou 54 dias no trevo entre a BR 277 e a Avenida Paraná que dava acesso ao escritório da empresa em Foz do Iguaçu. Nesta ocasião os manifestantes foram recebidos pela polícia militar armada com fuzis, baionetas, metralhadoras e armas químicas. Estes ficaram de prontidão durante todo o acampamento dos agricultores.

Foto 4: Comitiva de expropriados em mobilização recebidos pela Polícia Militar.



Fonte: Jornal Nosso Tempo de 18 a 25/03/1981

Após esta mobilização, o preço do alqueire foi ajustado para Cr\$ 650 mil (seiscentos e cinquenta mil cruzeiros) por alqueire, a serem pagos em um prazo de 15 dias após assinado o acordo. No entanto, as promessas não foram cumpridas e o processo se arrastou por mais um ano, o que levou a uma nova mobilização com passeata e acampamento no "Trevo da Vergonha". Desta vez, os agricultores que

ainda não haviam recebido a indenização exigiam o pagamento de Cr\$ 1 milhão (hum milhão de cruzeiros) por alqueire, a serem pagos também em um prazo de 15 dias após este novo acordo ser assinado.

Porém, a compensação financeira não era tudo. Para muito além da questão da terra, de bens móveis ou imóveis, estava o apego ao lugar, no sentido de pertencimento a uma terra, a um povo, a uma comunidade. Estava presente também toda uma rede de relações culturais, afetivas e emocionais estabelecidas com o local, de um ideal de comunidade construído entre os colonos que ao chegarem a estas terras precisaram estabelecer entre si, aos quais, uma indenização financeira não tem o poder de restituir. Isto não foi levado em conta por Itaipu. Estes colonos chegaram à região com sonhos, promessas e expectativas e aqui encontraram outros que partilhavam do mesmo ideal. Embora vindos de lugares diferentes, estes colonos conseguiam identificar-se culturalmente. No entanto, acabaram encontrando a intransigência e a frieza de Itaipu.

Os indenizadores e construtores da Itaipu - de restos feitos à imagem e semelhança do sistema materialista e do regime despótico a que serviram no Brasil e no Paraguai - não eram capazes de ver algo mais além de números, cálculos, projetos de engenharia, pesos e medidas. A eles não ocorria que a matemática e a técnica não têm resposta para tudo, nem que a ciência e a tecnologia podem ferir o ser humano. Às vezes reconheciam o sacrifício que exigiam da população e até admitiam ser impossível um ressarcimento justo, que compensasse realmente as perdas impostas. A terra, a casa, o estabelecimento, a propriedade organizada para a produção tem um preço relativamente fácil de ser estipulado. Mas como dar o preço de valores culturais, sociais e afetivos, construídos por pessoas, famílias e comunidades durante décadas? MAZZAROLLO, 2003 p 41

O prazo para a retirada das pessoas da área alagada chegava ao fim, mas os conflitos estavam longe de se esgotar. O quadro era desolador para as famílias ou indivíduos que ainda não haviam tido uma resposta satisfatória para suas reivindicações. Entre estes estavam principalmente posseiros e meeiros, conforme reportagem do Jornal O Estado do Paraná de 3 de agosto de 1982. O fechamento das comportas para a formação da represa estava prevista para o mês de outubro do mesmo ano. Segundo a reportagem, estas famílias se recusavam a deixar a região e rumar para o Acre para onde estavam sendo enviados alguns desapropriados. A situação nos locais de abrangência do lago era caótica, conforme descrito na reportagem:

A paisagem na área do futuro reservatório lembra o cenário de um filme de terror: casas destruídas vilas inteiras abandonadas e cobertas pelo mato. Com a aproximação da data prevista para o alagamento torna-se cada vez mais comuns na região o trânsito de caminhões de mudança, às vezes em cenas absurdas como a do caminhão que leva na carroceria uma casa inteira para um local mais seguro.

Por fim, as águas começaram a subir e não havia mais o que ser feito além de lamentar e ver a paisagem ser transformada da noite para o dia. Com ou sem acordo, a população precisou deixar o local. A recomendação era que todos fossem retirados sob o risco de ficarem ilhados devido a subida rápida das águas. A população acompanhou através da imprensa o fechamento das comportas. De Itaipu abaixo o rio secou, enquanto que de Itaipu acima, as águas subiam e aumentavam seu volume a cada dia. Levaram 14 dias para que todo o vale do rio Paraná fosse coberto e toda a vegetação se encontrasse debaixo de vários quilômetros de água. Começa a corrida para salvar os animais da inundação.

Foto 5:14 de outubro de 1982. Rio Paraná começa a sair do seu leito. O Estado do Paraná



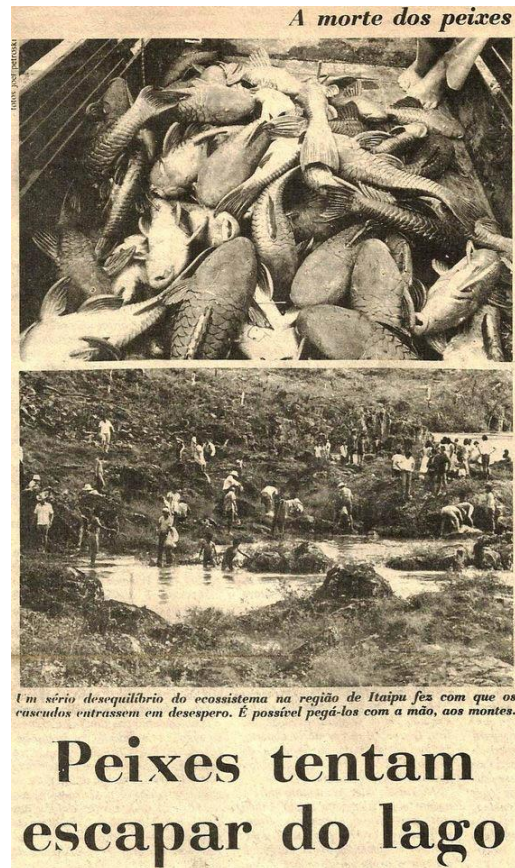
Fonte: br.pinterest.com/cleyscholz/adeus-sete-quedas

1.3 O DESASTRE AMBIENTAL E OS INDÍGENAS

Se Itaipu não ouviu e nem atendeu ao apelo das populações locais que tiveram suas vidas alteradas para sempre, o que dizer da fauna que foi coberta por densas águas, e das inúmeras espécies animais que tiveram seu hábitat inundado do dia para a noite. O tratamento dado aos indígenas já acuados pelos processos coloniais anteriores, mas que mantinham ainda alguns focos habitacionais na região foi outro ponto problemático, já que mais uma vez foram expulsos e acabaram alguns

sendo dispersos para outras regiões ou ilhados em uma pequena reserva às margens do lago de Itaipu.

Fotos 6: População recolhendo peixes que tentam escapar do Lago.



Fonte: br.pinterest.com/cleyscholz/adeus-sete-quedas

O desequilíbrio causado pela represa deu a sua cara logo de início. Na imagem acima vemos os peixes que tentavam escapar do lago e acabaram presos em lagoas formadas pelo relevo, o que fez a alegria das comunidades que os pescavam com as próprias mãos. Já os que ficaram abaixo da Itaipu, acabaram encontrando uma enorme e intransponível barreira de concreto na hora de subir o rio no período da Piracema, período em que estes precisam vencer as corredeiras para fazer a desova e garantir a manutenção da espécie. Este problema só foi solucionado em partes, anos mais tarde, quando Itaipu criou o canal da Piracema, um canal com corredeiras artificiais fazendo a ligação do Rio Paraná ao Lago de Itaipu através do rio Bela Vista que corta a área da usina.

Estima-se que 80% dos animais foram massacrados e tiveram sua população reduzida drasticamente. O período escolhido para o represamento foi

totalmente inadequado, já que na primavera uma grande quantidade de animais está se reproduzindo. Segundo noticiado na época, era possível encontrar muitos animais mortos, outros sobrevivendo agarradas nos topos das árvores sofrendo de inanição, muitas fêmeas grávidas não conseguiram abrigo, e uma infinidade de ninhinhos com ovos ou filhotes indefesos. Isto sem contar a quantidade de árvores e vegetação nativa que simplesmente se perdeu para sempre. É o que se constata através das declarações do Biólogo Cláudio Araújo, do Rio de Janeiro, que se ofereceu como voluntário para tentar salvar parte dessa biodiversidade:

O biólogo carioca Cláudio Araújo esteve na região e ficou estarrecido com os trabalhos da operação “Mymba-Kuera”, ou seja, “pega-bicho”, levada em efeito pela Itaipu Binacional durante o enchimento do lago.

(...) ele constatou que não há condições humanas nem materiais para resgatar com vida a grande maioria dos bichos. Muitos passam vários dias agarrados nas copas das árvores vivendo à base d'água que em muitas áreas está contaminada. Os que são salvos, não são encaminhados para um local adequado e não raro matam-se entre si. Poucas lanchas, poucos homens especializados para coordenar a operação. Eles não tomaram conta da loucura que é uma obra colossal como essa.

(...) Cláudio fez um apelo para os faraós de Itaipu para prolongarem a operação que teve seu encerramento no dia 25 (novembro de 1982), mas como sempre, eles foram insensíveis, como insensíveis foram com os colonos expropriados. Colonos que em sua maioria, tiveram que morar no Paraguai, outros em favelas e outros ainda migraram para o Mato Grosso. (NOSSO TEMPO. 82 – 56)

Os poucos animais que foram recolhidos pelos biólogos e voluntários foram levados para refúgios biológicos tanto do lado brasileiro quanto do lado paraguaio da barragem, sendo mantidos ali até estarem em condições de serem devolvidos à natureza, mas o desastre natural a que a região foi submetida não tem precedente.

Quando o governo negociou com Fernando Martinez, cacique que representou as tribos na negociação pelas terras que seriam inundadas, não levou em conta as necessidades particulares dos indígenas, somente ofereceram terras, 253 hectares, em tese, mais que o dobro das que possuíam, e um valor em dinheiro. Mas as questões indígenas implicam outros aspectos muito mais importantes que a terra e o dinheiro. Sua tradição com a terra e a natureza que os cerca, com o rio, com as matas e os animais são mais profundas das que as que o homem branco estabelece. Estava em perigo ali sua percepção com o local e sua identidade enquanto herdeiros desta região, remanescentes dos povos originários que já povoaram esta vasta região no passado. Seus antepassados estavam

enterrados alie muitos dos cemitérios indígenas acabaram submersos pelo lago. É possível observar como afirma o Jornal Nosso Tempo, as dificuldades enfrentadas pelos indígenas:

“As preocupações com a situação crítica que Itaipu impôs à tribo nos últimos anos, somadas as antigas e atual invasão dos brancos, perturbam visivelmente a vida do cacique e de sua aldeia” (NOSSO TEMPO ed 48 p.3)

O índio continua sofrendo com o passar do tempo com as mudanças que o homem branco impõe, e as mudanças vão mutilando e extinguindo a cultura dos indígenas de forma violenta e desordenada. A FUNAI como órgão que se intitula protetora do índio pouco fez no início do processo de realocação dos indígenas como afirma MAZZAROLLO: *“De início, a FUNAI tentou simplificar as coisas mostrando-se mais preocupada em evitar atritos com a Itaipu do que em amparar os índios.”* (MAZZAROLLO 2003. p 123)

Foto 7: Índios despejados por Itaipu - O Estado do Paraná.



Um laudo realizado por Celio Horst concluiu que as famílias deveriam ser reintegradas a outras tribos a livre escolha dos envolvidos, e que a FUNAI acompanhasse o processo de indenização e que o dinheiro fosse utilizado em benefício das famílias. A ideologia utilizada pela FUNAI pode ser representada nas palavras de um ex-presidente da instituição coronel Nobre da Veiga:

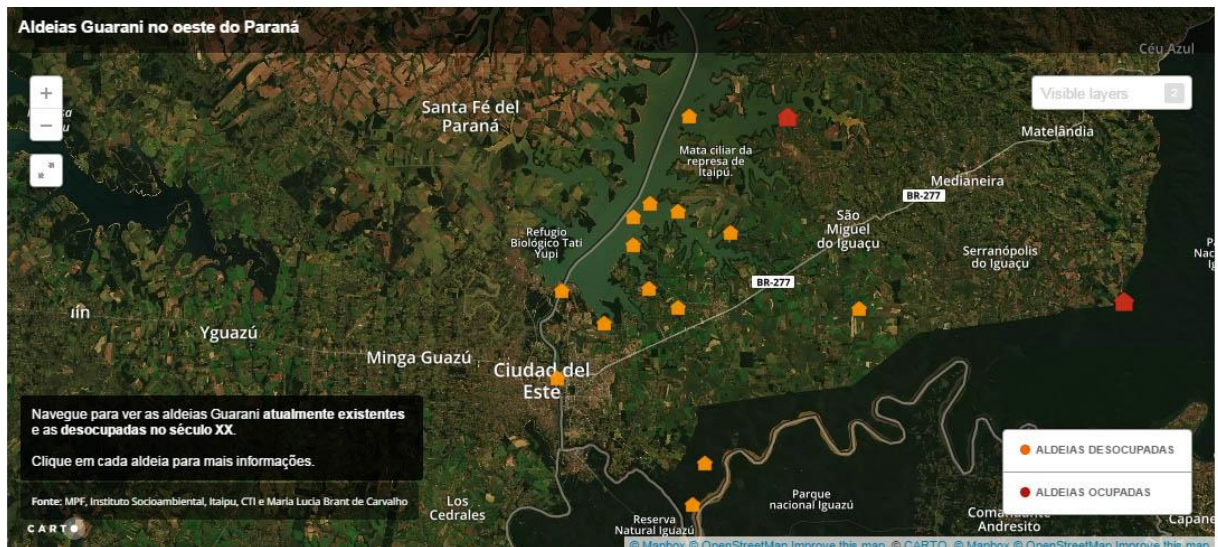
“Os índios não têm nada que reagir. A terra que possuem é suficiente, e vamos convencê-los disso. O governo decidiu que não quer mais ampliações de áreas indígenas”(MAZZAROLLO 2003. p 125)

Era esse o pensamento do governo da época, e o mesmo se utilizava da máquina ditatorial para fazer valer sua palavra, observando que a maioria dos órgãos e instituições públicas era dirigida por militares como no caso aqui a FUNAI e Itaipu. A Comissão de Justiça e Paz do Paraná, revoltada com o laudo de Celio Horst solicitou um laudo antropológico ao antropólogo Edgar de Assis de Carvalho que concluiu:

Com mais este ato de vandalismo cultural, fere-se frontalmente a lei 6001/73 (Estatuto do Índio), rompe-se com os direitos constitucionais, nega-se o exercício da diversidade a um grupo indígena que se configurou como habitante imemorial da área. Que se respeite a história cultural de cada grupo indígena, que se imprima significado positivo à auto identificação étnica – esses serão os requisitos mínimos, senão indispensáveis, para que as culturas indígenas em seu conjunto possam exercer suas diversidades no corpo da nação brasileira. (CARVALHO apud MAZZAROLLO 2003 p.125)

Não é possível pegar um integrante de uma tribo de um determinado local, e colocar em outra tribo e acreditar que o problema estará resolvido, pois os costumes podem variar conforme a localização da tribo, que podem ter comida, língua, costumes e organização interna diferente. Este é um tipo de categorização equivocada que segue olhar ocidental do indígena desde a invasão ibérica e permanece como se percebe. É ingenuidade pensar que por serem índios, são todos iguais, é generalizar de forma demasiadamente perigosa os costumes e maneiras de viver de um povo.

Desenho 1: Mapa mostra a presença indígena no passado (laranja) e na atualidade (vermelho).



Fonte: <http://apublica.org/os-ecos-de-itaipu/>

Na imagem, vemos os locais da região onde já houveram aldeamentos indígenas no passado marcados com a cor laranja, e onde atualmente se encontram os aldeamentos. Revela como era vasta a presença indígena e como os processos de colonização acabaram por reduzir quase que por completo sua presença no oeste paranaense.

Itaipu levou os municípios diretamente afetados pelo lago a perderem cerca de 13,90% do seu território. Como forma de compensação passou a pagar *royalties* a estes municípios, o que não encobre as injustiças cometidas ao longo da sua construção, quando o *progresso* passava por cima dos direitos de qualquer cidadão, pouco importava se alguém iria perder suas terras e uma vida toda de trabalho e esforço para deixar suas terras produtivas; se os indígenas seriam novamente deslocados e teriam sua área reduzida; ou ainda se toda uma biodiversidade animal e vegetal se perderia debaixo d'água.

Itaipu entrou em operação comercial (venda de energia) em 1985, mas só em 1991 os municípios e os governos estaduais passaram a ter direito ao benefício, graças a criação da Lei dos Royalties, que regulamenta o dispositivo constitucional. Mensalmente Itaipu deposita no cofre do Tesouro Nacional os royalties para serem distribuídos às partes que a eles tem direito: o Estado do Paraná, os municípios afetados, a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), o Ministério do Meio Ambiente e Amazônia Legal, o Ministério de Ciência e Tecnologia, o Ministério de Minas e Energia e o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. MAZZAROLLO, 2003 p. 35

Acontece que a fome por energia é insaciável e o mesmo discurso continua sendo utilizado com o propósito de justificar a construção de usinas hidrelétricas nos quatro cantos do país. Mesmo com leis ambientais mais severas e uma população mais esclarecida e articulada, utilizando as redes sociais para denunciar, expor desmandos e imposições onde eles acontecem quase que em tempo real, estas obras ainda prosperam e têm produzido os mesmos resultados nocivos. Para a opinião pública, Itaipu era o símbolo do progresso e empreendimento modelo em todos os aspectos. Os desvios de conduta, os maus-tratos, as jornadas de trabalho estafantes, as indenizações injustas, e outras situações nada exemplares ficavam mais a nível local, denunciados por aqueles que estavam sentindo na pele tais práticas.

Vale destacar o papel do Jornal *Nosso Tempo*⁸, que em tempos de torturas generalizada, foi uma voz a denunciar as práticas abusivas relacionadas à Itaipu e os abusos cometidos pela ditadura militar na região oeste do Paraná, especialmente na tríplice fronteira. Destacamos os fascículos que compreendem os anos de 1981 a 1982, período crítico e essencial para entender o processo de desapropriação e indenização dos povos prejudicados pela formação do lago de Itaipu e o efeito devastador causado pelos frequentes cortes em massa de pessoal do rol de funcionários de Itaipu. O Jornal *Nosso Tempo* foi um crítico ferrenho de Itaipu e toda sua problemática. Em praticamente todas as edições deste período a empresa estava na pauta das discussões, na grande maioria das vezes como vilã.

A empresa representa ainda hoje um marco da engenharia civil, sendo reconhecida internacionalmente como uma das *7 Maravilhas da Engenharia Moderna*. Mas a despeito de toda propaganda positiva que se promovia sobre o projeto Itaipu, a obra foi responsável direta e indiretamente pelas diversas transformações sociais e ambientais vistas acima, sendo que, seus efeitos ainda se fazem sentir, passados 35 anos desde a formação do seu reservatório, no final de 1982. A realidade local jamais foi a mesma após Itaipu e apesar dos inúmeros projetos ambientais e sociais que a empresa desenvolve na região, tais como, o

⁸O Jornal *Nosso Tempo* está quase todo digitalizado e disponível para leitura e análise através do site www.nossotempodigital.com.br

*Cultivando Água Boa*⁹, o *Canal da Piracema*¹⁰, além do apoio a eventos e projetos de desenvolvimento social que presta aos municípios que foram atingidas por ela, com o intuito de amenizar os problemas que causou.

Além de todas estas transformações que tratamos acima, de forma mais direta, Itaipu ocasionou o encobrimento do Distrito de Alvorada do Iguaçu e a sua extinção, bem como o surgimento da Vila Bananal, processos que abordaremos nos capítulos seguintes de forma mais detalhada.

⁹O Cultivando Água Boa é um programa fundamentado em documentos nacionais e planetários que contempla diversas ações socioambientais relacionadas com a conservação dos recursos naturais e da biodiversidade, e com a promoção da qualidade de vida nas comunidades da Bacia Hidrográfica do Paraná 3 (região conectada pelos rios e córregos com o reservatório da usina de Itaipu). A denominação Cultivando Água Boa, com o verbo no gerúndio para denotar um processo contínuo, realça a necessidade de que, assim como se cultiva o solo para que dê bons frutos, a água também precisa de “cultivo”, ou cuidado, para se manter abundante e com qualidade.
<https://www.itaipu.gov.br/meioambiente/cultivando-agua-boia>

¹⁰Canal da Piracema: Com 10 km de extensão, o Canal da Piracema permite aos peixes migradores chegar às áreas de reprodução e berçários acima da usina no período da piracema, a migração reprodutiva, e seu retorno no período de outono e inverno, quando ocorre a migração trófica para áreas de alimentação. A ligação é fundamental para a conservação da biodiversidade. O Canal da Piracema usa um trecho do leito do Rio Bela Vista para vencer o desnível médio de 120 metros existente entre o Rio Paraná e a superfície do reservatório. A foz do Rio Bela Vista está a 2,5 km abaixo da barragem. As corredeiras são intercaladas por lagoas, de forma a propiciar um remanso para os peixes que estão subindo em direção ao reservatório. Nas lagoas, as espécies (migradoras ou não) podem eventualmente se alimentar e descansar.
<https://www.itaipu.gov.br/meioambiente/canal-da-piracema>

2ALVORADA DO IGUAÇU: CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Alvorada do Iguaçu foi um pequeno Distrito no extremo Oeste do Paraná, fruto de um processo semelhante a muitos outros que se desenvolveram na região a partir da política nacional de ocupação das regiões fronteiriças e os "sertões do país"¹¹ projeto que ficou conhecido como "Marcha para o Oeste". Porém, diferentemente dos demais Distritos que surgiram na mesma época, Alvorada do Iguaçu teve curta duração, sendo sobrepujada por outro projeto de desenvolvimento nacional, que trouxe a Hidrelétrica de Itaipu para a região. Itaipu foi responsável não apenas pelo fim de Alvorada do Iguaçu, mas também por uma série de transformações sociais, territoriais e econômicas na região do oeste paranaense. A consequência mais direta que liga Itaipu à Alvorada do Iguaçu é a Vila Bananal, localizada próximo a São Miguel do Iguaçu e que se constitui nosso objeto de estudo.

2.1 ENTENDENDO OS PROCESSOS HISTÓRICOS

Para compreender como a região oeste do Paraná se desenvolveu, faz-se necessário um breve levantamento dos processos pelos quais a mesma passou. A pouca bibliografia que trata da história local acaba, de certa forma, por sedimentar o senso comum em relação aos fatos e temporalidades que a região sofreu ao longo dos anos. Embora haja espaço e seja necessária, a intenção deste trabalho não é fazer a crítica a esta bibliografia já escassa, mas apenas retirar dela o que for útil, para a compreensão dos processos que contribuíram para a formação da região, para então entender como Alvorada do Iguaçu, Itaipu Binacional e Vila Bananal se inserem dentro destes processos.

Com base nesta bibliografia, a região desenvolveu-se a partir de ciclos bem definidos. Seu povoamento recente tem relação direta com estes ciclos. Segundo relatado em *HISTÓRIA DO PARANÁ (Séculos XIX e XX)*, de 2012, a região

¹¹Neste sentido, "sertão" foi uma categoria construída primeiramente pelos colonizadores portugueses, ao longo do processo de colonização. Uma categoria carregada de sentidos negativos, que absorveu o significado original, conhecido dos lusitanos desde antes de sua chegada ao Brasil – espaços vastos, desconhecidos, longínquos e pouco habitados – acrescentando-lhe outros, semelhantes aos primeiros e derivados destes, porém específicos, adequados a uma situação histórica particular e única: a da conquista e consolidação da colônia brasileira. (AMADO, Rio de Janeiro, 1995p. 148)

passou por quatro fases bem distintas antes de Itaipu, que contribuíram para o desenvolvimento da região, conforme apontado abaixo.

Podemos dizer que o processo da ocupação da região Oeste ocorreu em quatro etapas. A primeira, e mais antiga, decorre da ocupação pelos índios que se espalhavam também por todo o território do continente sul-americano. A presença desses grupos indígenas, como Xetá, Kaingangue Guarani, foi notada no processo mais recente da colonização, fazendo com que essa população fosse mais uma vez reprimida. A segunda fase corresponde à atuação e presença dos padres jesuítas espanhóis que desenvolveram várias reduções (missões) pelo território. Esses aldeamentos indígenas, apesar de destruídos na primeira metade do século XVII pelos bandeirantes paulistas, conservaram forte a presença espanhola na região.

A terceira etapa data do período entre 1881 e 1930, que corresponde à introdução do sistema das *Obrages*, entre Foz do Iguaçu e Guaíra, cujo objetivo principal era a exploração extrativista da erva-mate e da madeira. Por último, a quarta fase ou a etapa recente aconteceu principalmente pela atuação das empresas colonizadoras que efetivaram a colonização moderna do Oeste paranaense. PRIORI, Angelo. 2012 p. 76

As duas últimas etapas vão estar no cerne do povoamento mais expressivo da região, responsáveis por trazer um contingente de exploradores argentinos e paraguaios no primeiro momento e, no segundo momento, colonos oriundos tanto do próprio Estado do Paraná, quanto dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, principalmente. Vale salientar que, essa narrativa está presente nos relatos fundadores de boa parte dos municípios circunvizinhos a Foz do Iguaçu, já que estes eram parte integrante do mesmo, vindo a emancipar-se politicamente em processos recentes, partilhando, portanto, de uma história comum até meados do século XX.

Tornou-se município no ano de 1951, tendo desmembrado de seu território inicial os atuais municípios de Matelândia (1960), Medianeira (1960), São Miguel do Iguaçu (1961 e que depois desmembrou de seu território o município de Itaipulândia) e Santa Terezinha de Itaipu (1982). Sendo que no ano de 1988 o município era constituído por dois distritos ainda: Foz do Iguaçu e Alvorada do Iguaçu, permanecendo esta divisão territorial, segundo o IBGE até o ano 2001. (IBGE, 2012)Apud RIBEIRO, CASSULI, FRASSÃO - 2012¹².

Nestes relatos ainda é muito presente a ideia de um "vazio demográfico" na região, o que é reafirmado por boa parte da bibliografia e também disseminado nos livros didáticos, conforme afirma PRIORI. Muito desta construção se deu pela ausência de um projeto de ocupação efetiva em relação às regiões a oeste da

¹²RIBEIRO, Vitor Hugo; CASSULI, Danieli Cristina; FRASSÃO, Adair José Frason - Território e Conflito: Breve histórico sobre a implantação da Usina Hidroelétrica Itaipu Binacional e seus reflexos na produção do espaço - 2012

Nação. Outro fator que corrobora a ideia de vazio, segundo o mesmo autor é o não reconhecimento da presença das populações indígenas, já que estes não são contados como "povo" nos projetos civilizatórios e colonizadores.

Construiu-se a concepção de 'vazio demográfico', quase despovoado, que deveria ser ocupado pela colonização pioneira. Essa ideia teve grandes repercussões entre pesquisadores que analisaram a história da região. Historiadores, geógrafos, sociólogos, representantes políticos, integrantes de órgãos de colonização eternizaram a visão do 'vazio demográfico' em livros e materiais de divulgação. Essa versão repetiu-se nos livros didáticos, importantes mecanismos de normatização de ideias na época, utilizando, principalmente, termos como 'sertão', 'terras devolutas', 'mata virgem' ou 'boca do sertão' (MOTA, 2005). Apud. PRIORI, 2012 p. 77

Este não foi um problema local e nem isolado, mas uma prática recorrente na bibliografia brasileira e latino-americana do século passado, que coloca os demarcadores da colonização do continente a partir da presença espanhola e portuguesa, em 1492 e 1522 respectivamente. No caso do Brasil, sua expansão é dada aos bandeirantes paulistas, que percorreram o país em busca de riquezas, levando ao extermínio e a expulsão dos povos indígenas. Apesar de aos poucos estar sendo feita a revisão desta bibliografia, questionando o enfoque "eurocentrado" presente na historiografia local, estes demarcadores ainda se mostram recorrentes.

La colonización del Oeste del Paraná entonces no escapa a esa visión eurocentrada del mundo y, por lo tanto, las comunidades indígenas y negras no serán visibilizadas, o entonces solo usadas como trabajadores semiesclavos. Hoy en día esos dos segmentos de la sociedad fueron despojados casi todas sus tierras y de sus derechos aquí en el Oeste del Paraná. Creemos que el modelo patriarcal se ratifica en esta región con la llegada de colonos, viajeros y militares venidos casi que directamente de Europa. Estos verán a los nativos como inferiores y serán excluidos por no encontrarse dentro de la categoría de modelo de sociedad judeo-cristiano. Su visión de mundo será casi idéntica a la de los europeos, la percepción de tiempo, de historia relacionada al pasado, al presente y al futuro, pues todos desde 1492 y en la misma región europea percibirán esas categorías por medio de la visión bíblica, de la idea de progreso de la era industrial y de las visiones ligadas al darwinismo, al positivismo, entre otras corrientes base de la percepción evolutiva de la raza y de la cultura. LEDEZMA MENESES, G. G. 2014

Seguindo esta lógica, a colonização do Oeste paranaense é contada a partir da passagem do espanhol Alvar Nuñez Cabeza de Vaca e sua comitiva, com uma breve passagem pela região e o registro da sua visão das Cataratas do Iguaçu. Depois disto, um salto para 1889, quando foi fundada a primeira colônia Militar na foz do rio Iguaçu, dando início ao "povoamento" da região. Porém, o vazio sugerido por esta lacuna não existiu de fato. A presença humana foi frequente e intensa na

região, fosse pela presença indígena, argentina ou paraguaia. Vale lembrar que a anexação do território que hoje compõe o Estado do Paraná, sobretudo a região oeste, permaneceu sob o domínio espanhol durante muito tempo e mesmo depois de anexada ao Brasil, havia muita dificuldade para que a língua portuguesa se tornasse a língua falada na região e, assim, o território passou longos anos já sob o domínio brasileiro, mas com predominância espanhola e guarani.

O Brasil já tinha o domínio de sua fronteira, mas não da língua. O historiador paranaense Ruy Wachowicz revela em seu livro *A história do Paraná* intrigante depoimento de uma cozinheira na década de 1930. Recenseada na época, a cozinheira não pensou duas vezes e tascou um “Soy brasileña, gracias a Dios” aos pesquisadores. MACIEL, 2013

Isto fez com que a ocupação brasileira de fato demorasse a chegar a estas terras, deixando-as livre para a exploração estrangeira, o que durou até as primeiras décadas do século XX, especialmente com a exploração de erva-mate e extração de madeira por empresas estrangeiras, algumas por concessão, outras de forma clandestina. Durante este período, o sistema de trabalho empregado na região era através das *obrages*¹³, onde empresas que exploravam a região de Santa Catarina até o Mato Grosso do Sul utilizavam como mão de obra os *mensus*¹⁴, indígenas “civilizados” e paraguaios que conheciam bem a região e a vegetação local de interesse comercial. Segundo RUI WHACHOWICZ, que trabalha esta temática no livro *Obrageros, mensus e colonos: história do oeste paranaense*, tais empreendimentos funcionaram como dupla via de colonização: em primeiro lugar porque trouxeram pessoas dispostas a trabalhar e a desbravar a região, explorando a madeira e a erva-mate; segundo porque, este movimento atraiu o olhar da Nação, para o que estava acontecendo na ausência de um projeto de colonização mais efetivo que deixava as fronteiras à mercê de interesses estrangeiros, um risco para o futuro do país.

Darcy Ribeiro constata que após a destruição das missões jesuíticas no século XVII pelos bandeirantes paulistas, uma parte das tribos guarani, que

¹³O desenvolvimento das *Obrages* foi facilitado porque o governo imperial em meados do século XVIII havia assinado um acordo de navegação com a Argentina e com o Paraguai. Esse documento garantiu o acesso à província do Mato Grosso com entrada pela foz do rio da Prata até o rio Paraná. Na outra parte do acordo a Argentina tinha assegurado o direito de navegar pelo rio da Prata, desde o Iguaçu até a distância das Sete Quedas. Essas resoluções tornaram propícia à atividade de contrabando da erva-mate, muito consumida pela população platina, e da madeira, que, além de utilizada pelos argentinos, era também exportada para o Canadá e Estados Unidos (COLODEL, 2008). Apud PRIORI, Angelo. 2012

¹⁴__geralmente paraguaios, argentinos e guaranis modernos’ – termo empregado aos índios guaranis miscigenados no Paraguai. PRIORI, Angelo. 2012 p. 79

estavam aldeadas nas missões, miscigenaram-se com a população rural do Paraguai. Seus descendentes são os guaranis modernos. É esse guarani moderno, que os produtores de erva mate argentinos utilizavam, a partir de meados do século XIX, para penetrar cada vez mais a fundo em território brasileiro, no vale do Uruguai, em demanda da erva mate, negócio rendoso naquelas paragens. WACHOWICZ, 1987, p. 17

Neste processo de colonização que a região já vinha sofrendo desde o final do século XIX, com a criação da Colônia Militar na foz do rio Iguaçu, a região esboçou poucas mudanças significativas durante os primeiros anos. Seu crescimento se dava lentamente, sendo que, somente em 1914 a,até então, Vila Iguaçu passa a ser município, recebendo o nome de Foz do Iguaçu. Seu desenvolvimento a partir daí seguiu ritmo ascendente e gradativo.

O isolamento gerado pela dificuldade de acesso por via terrestre era contornado pelo uso do rio Paraná, que fazia a ligação com outras localidades, tanto rio acima quanto rio abaixo. Por conta deste isolamento com o restante do estado e, conseqüentemente, do país, a região se tornou um mundo à parte. De fato, era como se esta região não pertencesse à nação. Mesmo com a instalação da colônia e a abertura da estrada entre Foz do Iguaçu e Guarapuava e, a partir desta, com outras regiões, uma viagem da capital (Curitiba) para a fronteira era uma verdadeira aventura, tão cara, dispendiosa e demorada, quanto perigosa. As vias de acesso em dias chuvosos ficavam intransitáveis. Isto fez com que, segundo WACHOWICZ, *a região ficasse de costas para o restante do país*. Neste sentido, o rio Paraná permaneceu por muito tempo com a principal via para o transporte de pessoas, bem como para o escoamento de mercadorias e a aquisição de bens de consumo. O mesmo rio que mais tarde abrigaria a hidrelétrica de Itaipu já mostrava ali a sua importância. Era muito mais prático transitar pelo rio Paraná e descer até Buenos Aires e Montevideu e por ali contornar a costa brasileira para chegar aos grandes centros do que ariscar-se atravessando o estado por estradas pouco transitáveis. O caminho inverso também era o escolhido pela grande maioria que queria chegar à região oeste ou mesmo para subir rumo à região norte do país.

As Cataratas do Iguaçu já começavam a ficar conhecidas através de turistas estrangeiros que chegavam pela Argentina e mencionavam em seus relatos a exuberância da natureza por estas bandas e, a partir daí o rio Iguaçu também começa a ganhar importância econômica no cenário local. De forma incontestável, os rios Paraná e Iguaçu contribuíram para atrair a atenção e interesse nacional para

esta região. Claro, não podemos negar o fato de que o interesse em guardar suas fronteiras, especialmente em uma área onde três países se encontram, teve também papel importante nas decisões governamentais em expandir sua área de influência e ocupação territorial. Mas também não podemos negar que, a entrada indiscriminada de estrangeiros fazendo uso comercial dos recursos naturais da União tenha exercido forte influência nesta decisão. Desta forma, impedir que o “outro” tomasse posse destas terras era tão importante quanto ocupá-las. Sendo assim, não fosse pela intromissão estrangeira, talvez ainda demorasse um pouco mais até que a nação estendesse seus braços nesta direção.

Mas foi somente em 1943 que um projeto de ocupação mais direto foi implementado. A iniciativa partiu do então presidente Getúlio Vargas, através do Decreto-Lei nº 5.812, de 13 de setembro de 1943, que criava o Território Nacional do Iguaçu entre outros territórios nas demais regiões de fronteira, dentro da política de nacionalização das fronteiras. O Território do Iguaçu compreendia as regiões oeste e sudoeste do Paraná e oeste de Santa Catarina (LOPES, 2004). O projeto ficou conhecido como “Marcha para o Oeste”, numa clara alusão à iniciativa norte-americana que motivou a ocupação do oeste do continente. Desta forma, abriu-se espaço para que empresas colonizadoras atuassem na região, comercializando lotes e propriedades com objetivo de fomentar a pequena propriedade. Para Sérgio Lopes¹⁵, estudioso do assunto, a *“Marcha para o Oeste” consistiu na tentativa de “despertar no povo o sentimento de brasilidade e de disposição para ocupar os espaços considerados vazios do território brasileiro”*[...].

O papel das Colonizadoras foi determinante para conformação dos espaços geográficos, tal como vemos atualmente. Dentre as empresas colonizadoras, a que talvez tenha desempenhado papel mais relevante tenha sido a Colônia Agrícola Nacional General Osório (CANGO), de caráter governamental. Foi criada por Vargas em 1943, momentos antes da criação do Território do Iguaçu¹⁶, o

¹⁵LOPES, Sérgio. *O Território do Iguaçu no contexto da ‘Marcha para oeste’*. Cascavel:Edunioeste, 2002.

¹⁶O escasso povoamento de algumas regiões fronteiriças representa, de longo tempo, motivo de preocupação para os brasileiros. Daí a ideia de transformá-las em Territórios Nacionais, sob a direta administração do Governo Federal. Era essa uma antiga aspiração política de evidente alcance patriótico, principalmente dos militares que possuem aguda sensibilidade em relação aos assuntos capazes de afetar a integridade da Pátria e o sentido mais objetivo dos problemas atinentes à defesa nacional. A criação dos territórios fronteiriços nas zonas colindantes [sic] e de população esparsa

que demonstra que as ações eram bem articuladas. Além desta, outros empreendimentos colonizadores se instalaram na região com o propósito de povoar e explorar suas potencialidades, como a Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S.A. (MARIPÁ), criada em 1946.

Foi a partir da implantação desta política e com o trabalho desempenhado pelas Colonizadoras que a região começou a mudar de forma mais expressiva. Mesmo em meio às dificuldades de acesso, um grande contingente de pessoas, oriundas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná começaram a chegar à região, atraídas pelas empresas colonizadoras, com propostas de terras baratas e produtivas e a possibilidade de iniciar nova vida. Boa parte desta imigração era proveniente do Rio Grande do Sul (Estado de origem do próprio Getúlio Vargas) e dentre eles estavam também imigrantes alemães, italianos, poloneses, entre outros.

Às famílias que se tornariam migrantes chegavam informações estimulantes sobre as terras do Oeste do Paraná. Cartas de parentes, propagandas de venda de terra e relatos de viajantes contribuíram para a elaboração de um imaginário em relação à região. Expressões como “paraíso terrestre”, “uma nova pátria” e “terra prometida” fascinaram e mobilizaram as pessoas para que empreendessem mudança por um pedaço de chão. SCHREINER, 2013

Muitos dos que subiram para a região eram imigrantes estrangeiros que já estavam no Brasil. Estranhamente, estes foram os mais bem cotados para fazer parte do projeto de nacionalização das fronteiras. Ora, se a ideia, segundo próprio Vargas, era fomentar o nacionalismo através da ocupação dos espaços por parte de brasileiros, ter um grande contingente de estrangeiros entre os colonos parece apontar para outra direção. O que se percebe é uma clara distinção e criteriosa escolha de um padrão cultural para desenvolver a região com traços comuns, de forma que o Oeste do Paraná pudesse compor juntamente como as demais regiões do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul uma mesma identidade étnica e cultural.

deve ser considerada, por isso, medida elementar de fortalecimento político e econômico. O programa de organização e desenvolvimento desses Territórios resume-se em poucas palavras: sanear, educar, povoar. (...) Eis a finalidade da criação dos Territórios Nacionais. A história dos povos está ligada à sua geografia. Segundo a distinção dos sociólogos, a geografia estuda a organização dos povos em sua forma estática e a geopolítica a dinâmica de sua evolução. É o destino dos povos plasmado pela energia criadora dos homens. E a nossa “Marcha para Oeste” significa precisamente uma das formas de manifestação desse destino. (VARGAS, s/d.). Apud LOPES, Sérgio. 2002

No processo de se construir uma identidade para uma região, estado ou nação, faz-se necessário delimitar quem são os sujeitos a quem se quer dar o "protagonismo" na narrativa da história, ou seja, quem serão os colonos ou pioneiros no processo civilizatório. Naturalmente, à medida que se delimita quem são os detentores da narrativa, determina-se também quem são os "outros" que, pela lógica, estariam de fora deste projeto ou serviriam apenas como coadjuvantes nesta narrativa. Neste sentido, quando vemos as empresas colonizadoras dando preferência para colonos provenientes do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, em outras palavras se está afirmando que os protagonistas da colonização seriam pessoas de cor branca, oriundas da região sul e de preferência de origem ou descendência europeia, que traziam no seu bojo a "capacidade civilizatória e colonizadora".

Nesta perspectiva, priorizaram a venda dos lotes para colonos descendentes de europeus imigrantes do século XIX do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná. A Colonizadora Maripá, em seu plano de colonização, manifesta claramente qual o tipo humano escolhido para a comercialização das terras e constituição de comunidades: "o descendente de imigrantes italianos e alemães", "de mão de obra esmerada", "de maior valor produtivo", "primado pela sua operosidade e pelo seu amor à terra em que trabalha". SCHREINER, 2013

Ora, se este lugar já era habitado e possuía, portanto, seu mito-fundador, seria necessário apagar esta história anterior para escrever uma nova. Assim como se anulou a presença indígena na história do "descobrimento do Brasil", colocando seu mito-fundador com a chegada de Cabral, assim também foi feito com os indígenas que habitavam a região. Tal qual aconteceu na "Marcha para o Oeste" norte-americano, que aniquilou a história indígena e criou seus próprios mitos, a "Marcha para o Oeste", empreendida por Vargas também aniquilou o passado indígena reduzindo-o a mitos como a Lenda das Cataratas por exemplo. Esse é o lugar do indígena na história regional, romantizada no passado ou como mão de obra para as *obragens*, e sem ação no presente.

Los colonos llegados al Oeste del Paraná, fueron atraídos por una nueva vida donde recrearían sus costumbres e implantaría nun tipo de sociedad atrapada en la idea de historia ligada al futuro y al progreso. Generalmente su comportamiento llevó a estas comunidades a ejercer prácticas sociales y económicas al estilo puritano como en la región Norte de los Estados Unidos, en época colonial; lugar donde no quisieron, por sus creencias religiosas y prejuicios étnicos y sociales, mezclarse con grupos afrodescendientes o aborígenes, los cuales fueron negados, expropiados, masacrados o usados como mano de obra esclava. LEDEZMA MENESES, G. G. 2014

Ao delimitar as fronteiras tanto territoriais quanto linguísticas se destrói toda uma rede das relações que se tinha até então, onde o *guarani indígena* se misturava ao *castelhano* falado em toda a região, mais o português, falado por alguns poucos, mas que também estava presente. Os Argentinos que se faziam economicamente presentes em toda a região também ficaram de fora. A presença negra pouco é mencionada nos estudos sobre estes processos, no entanto, o fato de encontrarmos comunidades Quilombolas em algumas regiões, como é o caso da *Comunidade Apepu*, em São Miguel do Iguaçu, demonstra que sua presença foi também ignorada no momento de se montar a história do território.

Os pioneiros, geralmente sulinos, descendentes de europeus, principalmente de italianos e alemães, pequenos agricultores, são vistos como “heróis” que desbravaram a floresta e os responsáveis pelo desenvolvimento da região. Essa mesma elite que se coloca como guardiã da civilização, remontando suas origens europeias, acaba por silenciar as indígenas que também contribuíram para o povoamento e a história desse lugar. Lembram a luta contra a ameaça estrangeira, se colocando como defensor da fronteira nacional e como único pioneiro do desenvolvimento. BURRILE, 2010

Se por um lado, algumas colônias se fecharam em suas próprias tradições, festas, comidas e religião, num esforço natural de não perder sua cultura de origem, por outro lado, outros experimentaram uma espécie de apropriação cultural, resignificando sua própria cultura em relação à do outro, que no caso pode ser brasileira ou alguma outra cultura estrangeira. Sendo assim, as trocas culturais foram inevitáveis e o abasileiramento, em muitos casos, uma questão de sobrevivência. A língua é um bom exemplo, já que precisavam se comunicar entre si, mas também com pessoas de língua diversa da sua. Neste caso, observa-se o seguinte fenômeno: em casa falavam em sua língua natal ou de origem étnica, mas em contato com os outros, falavam o português. Um português modificado pelo sotaque e pela fonética, misturado com o português dos gaúchos de quem recebem forte influência. Assim, a região ganha uma linguagem muito própria e diferenciada das demais regiões do país.

Trata-se de um espaço diverso, multifacetado, constituído por sujeitos de diferentes origens, culturas, classes sociais e etnias (descendentes de alemães, italianos, ucranianos, poloneses, japoneses, entre outros). Expressões como “celeiro agrícola”, “polo do agrobussines”, “colonização de gaúchos e catarinenses”, utilizadas não raras vezes para designar o Oeste, são dimensões importantes, mas não abarcam a riqueza e diversidade da formação sociocultural da região. Seu tecido histórico-cultural é permeado por experiências que se entrecruzam, permanências e excepcionais transformações que nos fazem olhar para as múltiplas temporalidades e

para as ações dos personagens sociais na formação desse espaço social. A formação da região se fez por mudanças impressionantes, ocorridas na velocidade e no ritmo da contemporaneidade. SCHREINER, 2013

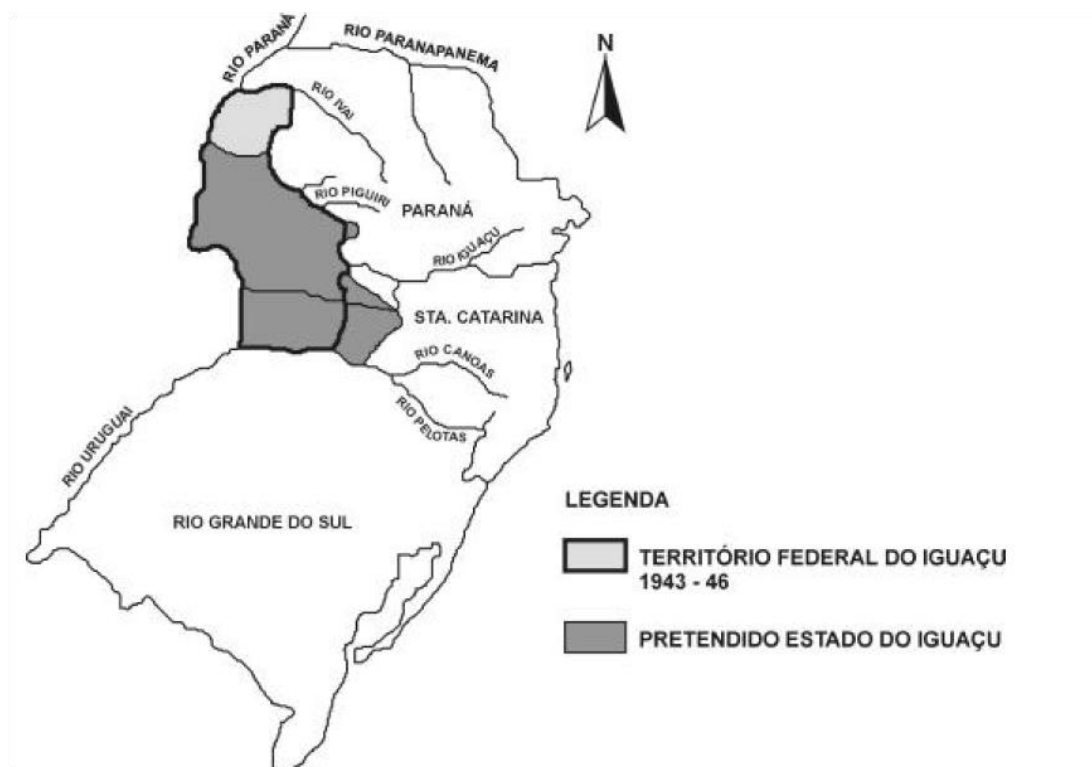
A consequência disto é visível ainda hoje quando boa parte da população nesta região do país é composta por gaúchos e catarinenses, netos destes ou de alguma descendência europeia, que preservam ainda muito da sua cultura e tradição da qual são oriundos. No entanto, a estes, juntaram-se mais tarde brasileiros das mais diversas regiões, estrangeiros de outras partes do mundo, que hoje compõem um cenário bem diversificado. E a região que se pretendia “brasileiríssima” por Getúlio Vargas e que se afirmava hegemonicamente branca de descendência gaúcha e europeia, acabou por conformar-se em uma região com uma diversidade étnica e cultural bastante acentuada.

Por ocasião da comemoração do aniversário de 96 do município de Foz do Iguaçu, em 2010, o *Jornal O Pioneiro* publicou uma lista com os sobrenomes das personagens que marcaram a história da cidade. É notória a presença de nomes de origem estrangeira nesta lista, que considerou pioneiro todo aquele que vive na cidade há pelo menos 45 anos. Desta forma, já aparecem também nomes oriundos de outros fluxos migratórios, como as colônias árabe/libanesas, japoneses e brasileiros de outras regiões. Já em comemoração ao Centenário do município, a prefeitura de Foz do Iguaçu, através da Fundação Cultural, gravou uma série de entrevistas em vídeo que compõem um documentário dos pioneiros falando sobre suas trajetórias e relações com a história da cidade. Mais uma vez se percebe a presença europeia e sulista entre os entrevistados, confirmando-os como protagonistas da história local e reafirmando que assim será contada a origem do oeste paranaense até que um trabalho mais profundo de resgate da história local seja realizado e possa agregar novos elementos a esta construção.

Com a queda de Getúlio Vargas, porém, em 1946, o Território do Iguaçu se desfez. Mas o interesse em que esta região permanecesse unificada tornou-se o objetivo de algumas camadas da sociedade que levantaram a bandeira do *Estado do Iguaçu*. Se o Território do Iguaçu, teoricamente, negava a diversidade étnica para compor o quadro populacional para a região e buscava a unidade em torno da “brasilidade” e da supremacia da língua portuguesa sobre as demais, já o Estado do Iguaçu reconhecia a diversidade étnica e cultural que a região atraiu ao longo do seu

processo histórico. No entanto, firmava suas raízes também numa hegemonia branca e europeia, com características civilizatórias bem marcantes. Isto se observa claramente na opção que o grupo faz ao deixar de fora da área pretendida para o novo Estado a região mais ao norte, que havia sido incluída na divisão anterior no momento em que compreendia o Território Federal, conforme se observa na figura abaixo.

Desenho 2 - Mapa Território Federal do Iguaçu e Estado do Iguaçu



Fonte: <http://estadodoiguacuagora.blogspot.com.br/>

A explicação, segundo seus idealizadores é cultural, já que esta região teria sido colonizada por nordestinos e paulistanos. Esta iniciativa não teve êxito, mas demonstra que a região é fruto de múltiplos projetos culturais e econômicos de inclusão e exclusão sociais e étnicas. Cada projeto com suas próprias justificativas, porém todos eles firmados na exclusão indígena e afrodescendente, e na construção de uma sociedade de modelo europeu. Estes foram alguns dos fatores que motivaram um olhar mais atento para as fronteiras e que culminaram com uma ação de povoamento mais eficaz para a região.

2.2 MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DOS SUJEITOS

As memórias individuais ou coletivas constituem-se numa importante fonte para a escrita da história. Quando entramos em contato com a narrativa de determinado sujeito ou grupo social podemos acessar muito mais do que a história presente nestes relatos, é possível também acessar estruturas e mentalidades que estão presentes nas entrelinhas. A história, portanto, trabalha para fazer a leitura e a interpretação destas narrativas, tendo em mente quem é o interlocutor, da onde ele fala e a quem deseja comunicar, a fim de dar conta de preencher as lacunas deixadas pelas ausências da memória ou por um documento que, mesmo existente, não responde a tudo sozinho.

Neste sentido, a História Oral surge como uma importante contribuição nos estudos históricos, especialmente nos processos mais recentes dando visibilidade a setores da sociedade que dificilmente seriam incluídos no rol da história tradicional. Visto que Alvorada do Iguaçu teve curtíssima duração, com apenas 16 anos de existência, é possível que, não fosse sua importância em um contexto mais amplo, desaparecesse por completo com o alagamento do seu território e a dispersão da sua população. No entanto, o fato de muitos destes antigos moradores terem permanecido na região, aliado aos estudos referente a Itaipu e seus efeitos, tem contribuído para que estes sujeitos apareçam e deem sua versão dos acontecimentos. A maioria das pesquisas no campo dos *atingidos por barragens* trabalha nesta perspectiva. Desta forma, a História Oral constitui-se num importante instrumento na construção destes sujeitos frente aos processos que vivenciaram, dando a eles o protagonismo da ação e não a passividade imposta pela história oficial. Muitos deles que seriam sequer mencionados na historiografia, agora podem ter suas narrativas presentes nos mais diversos estudos sobre a história local.

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar o conteúdo e a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre geração, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história - sejam em livros, museus, rádios ou cinema - pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. THOMPSON, 1988 p. 23

Quando da nossa primeira visita à Vila Bananal, nos foi indicado quem seria a pessoa mais apropriada para fornecer as informações sobre o local e sobre

sua história. Através do olhar do Sr. Mario, portanto, podemos revisitar os processos que culminaram com a criação de Alvorada do Iguaçu, bem como sua desapropriação e extinção, além do surgimento da Vila Bananal e seu isolamento. Podemos também visualizar processos mais amplos, que abarcam questões sociais e culturais que extrapolam a história local e que alcançam outras temporalidades, onde passado e presente dialogam através da sua narrativa. Sr. Mario é um homem simples, de 80 anos de idade, com uma experiência de vida extensa dedicada à família e ao trabalho com a terra. Em duas horas de conversa falou quase sem interrupções das suas andanças entre Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Com a memória vívida e uma linguagem simples, típica de uma pessoa com pouca instrução, falou de pessoas, lembrou-se de nomes, lugares e situações com riqueza de detalhes. Falou também da vida sofrida na infância, de como teve que sair de casa com oito anos de idade por causa do irmão mais velho que, após a morte do pai ficou de tutor dos menores, com apenas uma muda de roupa e um chinelo de dedo, devido aos maus tratos sofridos nas mãos deste. De como perambulou na casa de um e de outro, mas sem nunca depender de ninguém. Falou ainda de atualidades, das dificuldades enfrentadas no seu cotidiano como morador da Vila Bananal e de como Foz do Iguaçu, São Miguel do Iguaçu e Itaipu interagem com a localidade.

Sr. Mario. _Então, foi uma barbaridade, um absurdo. Pra mim foi umas bordoadas mesmo pra acabar de matar. Se não fosse isto, se não fosse tanta, eu pra mim, olha, eu não sei nem como lhe dizer, que a gente bem dizer de casa e era traiçoeiro. Um irmão meu quando morreu pai e minha mãe eu tinha oito anos, e ele ficou de tutor dos órfãos, mas aquele homem, aquele meu irmão justamente, ele devia de ter morrido antes de nascer.[...] Daí, saí da casa dele com um par de chinelos e duas mudinhas de roupa dentro de uma mochila. Ele não me deu um centavo pra eu comprar um caramelo pra comer na estrada. Nem adeus ele não disse.

A memória, segundo Le Goff, é um mecanismo de dominação. Aqueles que se apoderam da memória, seja ela individual ou coletiva, podem conduzir os rumos de um determinado grupo ou nação. Desta forma, tanto a memória quanto o esquecimento possuem igual valor. Aquilo que está sempre sendo lembrado pode ser usado para forjar um sentimento coletivo ou até mesmo para encobrir outros interesses. De igual modo, evitar determinadas lembranças pode ter o mesmo efeito e impede que reflexões mais profundas produzam as mudanças necessárias, trabalhando também para a manutenção de estruturas e paradigmas. Aqueles que

conhecem estes mecanismos podem aproveitar-se deles em detrimento daqueles que ignoram seus efeitos.

“Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva” LE GOFF, 1990. p. 426.

Neste sentido, Itaipu procura apoderar-se das memórias individuais e coletivas utilizando-se de diversos meios para escrever uma história onde ela (a empresa) seja protagonista e o *progresso* seja o seu discurso. A começar pela história narrada aos visitantes *in loco* e virtuais, onde o progresso e a superação de desafios fazem calar as vozes dos que foram por ela subjugados e prejudicados, das lutas, perdas e ganhos de sujeitos ou grupos que foram por ela afetados. Outra estratégia consistiu na criação do Ecomuseu de Itaipu, cuja ideia inicial era manter um registro da biodiversidade e dos elementos arqueológicos encontrados na região. Porém, com a construção de uma narrativa histórica linear, leva seus visitantes a entender a história local como uma trajetória ascendente, passado, presente e futuro, onde a presença indígena representa o atraso, marcado pelo obscurantismo. O processo de civilização tem início com a presença dos padres Jesuítas e segue com a colonização desencadeada no início do século passado, atingindo seu ápice com Itaipu, que representa o progresso e o avanço tecnológico, trazendo desenvolvimento não só para a região, mas para as duas nações que a construíram. A outra estratégia é o Espaço do Barrageiro, uma espécie de memorial que se propõe a contar um pouco da vida no canteiro de obras e nos alojamentos dos barrageiros, com espaços recriados à imagem e semelhança dos existentes na época. Fotos, vídeos e áudios que podem ser acessados pelos visitantes ajudam a contar a história de Itaipu a partir do olhar dos próprios trabalhadores que a construíram. Claro que os relatos são selecionados e vão de encontro aos interesses da empresa. Sendo assim, o que parece uma iniciativa positiva por parte da empresa, na verdade acaba contribuindo para consolidar a história do vencedor, ou seja, de Itaipu.

Da mesma forma, os sujeitos também fazem escolhas, consciente ou inconscientemente quando se trata de construir sua própria identidade ou de narrar sua história. A mesma memória que trabalha com as lembranças trabalha

também para o esquecimento. Para ter um entendimento mais complexo deste sujeito, a partir da sua memória, é necessário ter uma leitura dos processos históricos que ele atravessa, das mentalidades que permeiam sua fala e das expressões culturais e identitárias presentes na sua narrativa. Cada atingido por Itaipu tem sua própria narrativa acerca deste processo e das implicações sobre suas trajetórias. Aqueles que trabalharam na construção da usina geralmente trazem um discurso positivo acerca da mesma, pois se beneficiaram dela em alguma medida, enquanto aqueles que foram desalojados dos seus lugares falam a partir do ponto de vista do oprimido. Essas construções são políticas, pois falam a partir de um lugar onde o sujeito se coloca como agente da história e não apenas objetos passivos diante dos fatos. Assim também nosso entrevistado vai se construindo através de cada argumento apresentado. É interessante notar que, sendo o mais antigo morador, ele se tornou uma espécie de *guardião da memória* local e também uma voz na defesa dos interesses da comunidade de tal forma que nos foi dito: “*vai logo porque ele pode morrer a qualquer momento*”, como se a memória do local fosse morrer juntamente com ele. Sua história, apesar de ser individual e particular, assume um caráter coletivo no momento que é reivindicada por um grupo social que labuta na mesma causa, ainda que estes sequer se conheçam, como é o caso dos atingidos por barragens. Assumir o protagonismo da sua própria história é, portanto, o que a história oral oferece como possibilidade.

A passagem da memória para a história obrigou cada grupo a definir sua identidade pela revitalização de sua própria história. O dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo. O imperativo da história ultrapassou muito, assim, o círculo dos historiadores profissionais. Não são somente os antigos marginalizados da história oficial que são obcecados pela necessidade de recuperar seu passado enterrado. Todos os corpos constituídos, intelectuais ou não, sábios ou não, apesar das etnias e das minorias sociais, sentem a necessidade de ir a busca de sua própria constituição, de encontrar suas origens. NORA, 1992 p. 28

Ecléa Bosi traz uma importante contribuição neste sentido com seu trabalho *Memórias de velhos*, ao entrevistar pessoas idosas que haviam trabalhado em uma fábrica na cidade de São Paulo no início do processo de industrialização. Através de cada entrevista ela extraiu mais do que simplesmente a vida de cada idoso, ela pôde contemplar também todo o contexto social que eles vivenciaram daquilo que está vivo em suas memórias, e do que já não se lembram, ou não querem lembrar-se.

Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida; elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcantes e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural, igualmente reconhecíveis; enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um plano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade. BOSI, 1994. p. 60

Segundo Le Goff, os idosos já eram venerados na idade média justamente por seu vasto conhecimento e experiência. Eles eram tidos como *homens-memória*. A memória poderia ser mantida intacta por até cem anos e o conhecimento era passado a outra geração através da oralidade, sendo que a escrita servia para prolongar esta memória e funcionava apenas como suporte.

Pierre Nora também faz um tratado interessante sobre a questão da memória. Em sua obra "*Lugares de Memória*", ele procura desvincular *Memória* de *História*. Para ele história e memória são irreconciliáveis, embora reconheça que ambas tenham relação com o passado. A diferença está na própria maneira de lidar com este passado. Enquanto a memória trata com a vida, com as lembranças, com as amnésias, já a história lida com coisas muitas vezes estáticas, com as representações que estas manifestam, com a resignificação do que já não existe ou existe através da relativização. A memória não tem a obrigação de lidar com o real e nem de ser exata. Pelo contrário, ela trabalha com o simbólico. Portanto, seus mecanismos são mais maleáveis, podendo adaptar-se a realidades múltiplas, enquanto que a história, mesmo adquirindo maior liberdade, precisa cercar-se da falsa impressão da verdade, ainda que saiba, não poderá atingi-la.

No coração da história, trabalha um criticismo destrutor de memória espontânea. A memória sempre é suspeita para a história, cuja missão verdadeira é destruí-la e reprimi-la. A história é deslegitimação do passado vivido. No horizonte das sociedades de história, nos limites de um mundo completamente historicizado, haveria dessacralização última e definitiva. NORA, 1992. p. 21

Durval Muniz¹⁷ entende a história como uma constante construção. Para ele, a história pode ser inventada e reinventada a todo o momento. Por isso é quase impossível se conhecer o passado tal como ele foi. Sendo assim, não está a serviço

¹⁷ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. História. a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história. Bauru: Edusc, 2007. 256 p.

da memória e sim do esquecimento, uma vez que, quanto mais tentamos nos aproximar dele, mais o afastamos, cada vez que esta história é recontada novos elementos são anexados, paradigmas são questionados e alguns substituídos, destrói-se assim um passado já construído, o que acaba distanciando ainda mais o historiador deste passado.

Historicamente, as ruínas de alguns lugares constituem-se em elementos catalizadores da memória e da reflexão historiográfica. Geralmente as pessoas acabam interessando-se mais pelo contexto histórico que envolvem determinados sítios arqueológicos depois de uma experiência de visita. Da mesma forma, quando Alvorada do Iguaçu volta a ficar à mostra depois de anos submersa, a possibilidade de visitar o local despertou em muitos o interesse por conhecer os processos que levaram aquela localidade a chegar àquela condição. Assim, a memória que antes pertencia a um grupo social, daqueles que vivenciaram o processo de deslocamento, torna-se agora uma memória compartilhada com estranhos que se sentem incluídos pela identificação com este passado. Para quem não vivenciou os processos, esta memória é apenas conhecimento, mas para os que vivenciaram, é provocação das lembranças, terreno menos rígido, mas também muito mais delicado, que trilhamos na obtenção das percepções, desses lugares onde a memória está alojada.

Na época em que a baixa do lago expôs as ruínas de Alvorada do Iguaçu, nós já havíamos iniciado o projeto de pesquisa para este trabalho e ficamos sabendo através de uma reportagem de TV que Alvorada estava à mostra novamente. Este fato foi para nós como um presente. Ter a possibilidade de ver estas ruínas com nossos próprios olhos, pisar sobre este chão, caminhar por entre restos de construções que, silenciosas, dizem muito sobre o passado, sobre os processos, sobre pessoas, sobre Itaipu e sua imposição do progresso. Tivemos a oportunidade de visitar o local e presenciar o que restou das casas, construções e objetos que pertenceram àquelas famílias. Andar por aquelas terras que há tempos estavam inacessíveis, ver as ruínas das casas, dos poços, imaginar como era a vida antes de Itaipu, os laços de amizade, os sonhos e esperanças de pessoas que não conhecemos foi uma experiência única. A sensação é estranha já que não eram nossas lembranças que estavam ali. No entanto, nos sentimos profundamente tocados pelo desalento que o local apresenta. Tudo foi registrado na memória e

também em fotografias. Mas o momento mais emblemático foi visitar o antigo cemitério da comunidade. Ver aqueles túmulos, as lápides, ler alguns nomes, datas de nascimento e morte de algumas pessoas foi extremamente revelador, já que ali não eram anônimos, mas pessoas com nome, sobrenome, tempo de vida. Mesmo sabendo que os corpos foram removidos para outro local antes do cemitério ficar debaixo d'água, fica a sensação de um local sagrado, do descanso final daqueles que de alguma forma trabalharam para que aquela comunidade viesse a existir.

As bases das construções continuavam lá, denunciando que já houve vida, que há memória, que há histórias incompletas, à espera de serem trazidas à tona, assim como aquelas ruínas. Este é o papel do historiador, através dos fragmentos do passado, dos escombros, dos vestígios, permitir que estes falem. A partir desta experiência, estudar a história do local e as narrativas que se construiu sobre este passado se tornou muito mais pertinente e estimulante.

Fotos 8: Ruínas de Alvorada do Iguaçu com a baixa do Lago de Itaipu em 2014



Fonte: Acervo pessoal

Fotos 9: Ruínas de Alvorada do Iguaçu com a baixa do Lago de Itaipu em 2014



Fonte: Acervo pessoal

Estas ruínas ficarão ali ainda por muitos anos como um memorial silencioso contra Itaipu e as demais hidrelétricas que têm provocado a retirada de populações do seu caminho. De tempos em tempos, a natureza se encarregará de trazer à tona estas memórias submersas. Lembranças de um passado esquecido por muitos, à medida que os anos avançam, ou propositadamente deixadas ao esquecimento. Forçadamente, se terá de falar que, uma comunidade inteira precisou deixar para trás suas casas e sua história vivida com aquele local por causa da Itaipu.

Alvorada do Iguaçu, no contexto da história em sua longa duração, não passou de um lance, um momento, uma vírgula na escrita da história da região. Porém, para quem a conheceu e fez dela um lugar de ancoragem das suas lembranças, de memórias tão vívidas quanto o dia de hoje, ela está carregada de simbolismos, de significados diversos, que trazem sentido à sua própria existência como indivíduo ou como grupo social. Por isto, o fato de saber que, mesmo submersa, ainda existe um pouco do lugar, dos resquícios, que podem ser apreciados de alguma forma, mesmo que para isto tenha que depender dos caprichos da natureza para trazê-la à tona, transmite a ideia de que ela permanece viva, ao menos na sua memória.

2.3 ALVORADA DO IGUAÇU: VIDA E MORTE

O Distrito de Alvorada do Iguaçu foi criado através da Lei 431/64 de 18 de dezembro de 1965 e sancionado pelo então prefeito municipal de Foz do Iguaçu Ozires Santos com a seguinte limitação geográfica:

Fica criado o Distrito de "Alvorada do Iguaçu", com sede em "Cidade Alvorada", neste Município, com as seguintes confrontações, ao Norte, com o Município de São Miguel do Iguaçu, pelo rio Ocoy, partindo da divisa do distrito de Santa Terezinha nesse rio, e por ele abaixo, até a sua foz, no rio Paraná; a Oeste, com a República do Paraguai, pelo rio Paraná; deste a foz do Rio Ocoy até a foz do rio Bela Vista; ao Sul, com o 2º Distrito deste Município, pelo Rio Bela Vista, desde a sua foz e por ele acima até encontrar a divisa do distrito de Santa Terezinha, pela linha divisória do mesmo desde o rio Bela Vista até o rio Ocoy.¹⁸

Os espaços geográficos se definem com base em marcadores definidos, sejam eles visíveis ou invisíveis, que venham a estabelecer limites, compondo assim a área de determinado lugar. No caso de Alvorada do Iguaçu, seus limites foram facilitados pela existência de diversos rios presentes na região, que acabaram sendo utilizados como marcadores geográficos. Porém, as relações que se estabelece com esse lugar abarcam outros aspectos cuja geografia não é capaz de limitar ou compreender e, neste caso, as fronteiras são menos claras. Tem a ver com sentimentos, com ganhos e perdas, com aspectos culturais e identitários, com toda uma bagagem histórica que se traz e se transmite de saberes, de costumes e tradições, capazes de dar sentido e pertencimento aos sujeitos, uma vez que as relações interpessoais pressupõem trocas culturais. Alvorada do Iguaçu foi colonizada basicamente por migrantes do Rio Grande do Sul, que tiveram conhecimento do local através de notícias de parentes ou através da propaganda feita pelas Colonizadoras. O Distrito que, geograficamente estava definido de acordo com a Lei acima, ainda estava, contudo, em processo de estabelecer os marcadores culturais, embora já houvesse diversos indicadores comuns entre os sujeitos que ali foram morar, tais como a origem, a língua, a religião, entre outros.

Um dos aspectos que proporciona um forte elo entre estes moradores é, sem dúvida, o fato de serem *pioneiros* no lugar. Especialmente para aqueles que vieram de mais longe, como tantos que já haviam cruzado o Oceano Atlântico para

¹⁸Retirado do site da Câmara Municipal de Foz do Iguaçu (<https://leismunicipais.com.br>) acessado em 02/03/2017

buscar novas oportunidades no Brasil e que puderam ali estabelecer-se com suas famílias e construir uma nova história ou um novo começo. Mesmo para os que vieram de mais perto como gaúchos e catarinenses, ou até mesmo paranaenses, chegar a um lugar e "*desbravar*", com todas as ressalvas que esta palavra necessita ao utilizá-la, especialmente por transmitir um conceito essencialmente *colonialista*, é sem dúvida uma importante característica que vai unir estes indivíduos, não apenas no desenvolvimento social e econômico do lugar, como também nas lutas que estes teriam que enfrentar mais adiante, quando da perda das suas propriedades para Itaipu.

O Distrito já se desenhava como uma localidade bem organizada, com perspectiva de crescimento e possivelmente num futuro próximo, a exemplo de Santa Terezinha e São Miguel do Iguaçu, também Distritos à época, se desmembraria e se tornaria um município autônomo, ou no mínimo, poderia juntar-se a estes para conformar um município maior, devido a sua proximidade e características similares. De acordo MELCHIOR, o loteamento de Alvorada teve sua organização a cargo da Colônia de Nacionais PassoCuê, que havia projetado o espaço prevendo uma série de estruturas com vistas no crescimento e desenvolvimento do lugar.

Alvorada do Iguaçu tinha o perímetro originalmente integrante da antiga Colônia de Nacionais PassoCuê, esta, com um território de 36.250 hectares que foram subdivididos em 1788 lotes, 107 quadras. No projeto da colonizadora foram reservados lotes para praças, escolas, indústrias e até um aeroporto. MELCHIOR, 2012

Foto10:Alvorada do Iguaçu antes de Itaipu. **Foto11:** Posto de combustível



Fonte: extraído da reportagem no Jornal do SBT

Porém, como foi dito acima, seu desenvolvimento foi interrompido pela construção da Hidrelétrica de Itaipu, que ao represar o Rio Paraná para a formação do Lago da barragem condenou o Distrito ao desaparecimento embaixo d'água. Em 2014, a região oeste passou por uma forte estiagem e o reservatório do Lago de Itaipu baixou o seu nível de forma drástica. Isto permitiu que as ruínas de Alvorada do Iguaçu viessem à tona. Este fato chamou a atenção de muitas pessoas, especialmente daqueles que conheceram a história do lugar, que puderam revisitar o que ficou do seu passado. Sua localização fica a poucos metros de onde hoje é a praia artificial de Santa Terezinha de Itaipu, que recebeu o nome de Terminal Turístico Alvorada do Iguaçu¹⁹.

Foto 12: Terminal Turístico Alvorada do Iguaçu na área onde se localizava Alvorada do Iguaçu



Fonte: Acervo pessoal

Um dos colonos que veio para a região foi o Sr. Mario, 81 anos, a quem entrevistamos. Ele veio de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, através do convite de um parente que já estava morando no Distrito de Santa Terezinha, em 1973. Atualmente vive com sua esposa Nair na comunidade Vila Bananal, os filhos já casados moram em São Miguel do Iguaçu. Sr. Mario foi um homem que lidou a vida toda com a terra, chegou à região e encantou-se com as lavouras de hortelã. Veio sondar a terra, gostou do que viu, comprou alguns alqueires e voltou para vender o que tinha construído para então mudar-se definitivamente com a família. Sua relação

¹⁹Ao longo da costa do Lago de Itaipu, diversas praias artificiais se formaram e compõem a paisagem da região que ficou conhecida como Costa Oeste. Esta foi uma das formas que Itaipu encontrou para compensar os transtornos e perdas que causou à região, fazendo o aproveitamento do lago. Para isto criou diversos terminais turísticos, dotados de praias artificiais, área de camping com quiosques e churrasqueiras, visando o lazer da população local e a atração de turistas para a região. Estas estruturas foram entregues aos respectivos municípios que ficaram responsáveis por administrar e manter o local em condições de uso.

com Alvorada do Iguaçu foi muito próxima e pautada pela necessidade, uma vez que Alvorada já possuía uma estrutura comercial mais desenvolvida e a distância com Foz do Iguaçu acabava favorecendo esta relação. Foi lá que ele diz ter comprado a madeira com a qual construiu a casa em que vive até o dia de hoje.

Sr. Mario: _A Alvorada do Iguaçu, ela justamente, era uma vila muito boa. Tinha uma serraria lá onde eu comprei essa madeira que até hoje está aqui na minha casa. Isto já tem cinquenta anos para lá (*Ele se perde um pouco nas datas*). Comprei. Paguei cinco mil reais(*e também nas moedas*) pela madeira naquele tempo. Então, eu sei dizer que a Alvorada eu achava até bom. Uma vilinha boa. Uma vilinha que dava para a gente ir lá. É onde a gente tinha a farmácia para a gente buscar o remédio quando tinha uma criança doente uma coisa, eu corria lá.

Encontrou um lugar promissor e ainda com muitas áreas de mata preservada, que aos poucos iam sendo derrubadas para dar lugar a lavouras, áreas para criação de animais e espaços residenciais. O período predatório da madeira e da erva-mate já havia cessado e agora a região já esboçava uma forte vocação agrária, que se intensificaria nos anos seguintes, favorecido pela qualidade da terra de grande valor econômico, propícia para diversas culturas e pelo clima agradável. Este foi um ponto que ocasionou bastante embate quando as terras começaram a ser desapropriadas por Itaipu uma vez que, no Paraná, as terras férteis estavam extremamente valorizadas, e nas demais regiões oferecidas por Itaipu, a qualidade da terra não era equivalente e o esforço para torná-las produtivas seria muito maior. Assim Sr. Mario relata sua vinda para o Oeste Paranaense.

Sr. Mario: (...)na mesma hora arrumei o caminhão para a mudança para vim pra cá. Porque eu já tinha vindo antes, meus cunhados moravam aqui em Santa Terezinha, eu vim antes, olhei o lugar e olhei a plantação de hortelã. Então, a hortelã tinha uma influência, meu Deus do Céu, olha, a planta de hortelã era o mesmo que jogar dinheiro na terra, aquilo ali estava juntando dinheiro todo dia.

Cheguei ali e comprei 3 alqueires de hortelã e paguei. Comprei e paguei e fiz um contrato assim com o cara. Óh, se até tal tempo eu vier aqui, você desocupa a casa e se eu não vier, fique com o dinheiro e a roça.

Aí quando eu vendi minha terra já mandei avisar pra desocupar a casa porque até tal tempo eu ia chegar com a mudança e ele desocupou. Cheguei ali e toquei aquela lavoura de hortelã 3 anos. Rapaz, mas me deu dinheiro igual água. Nunca tinha pegado tanto dinheiro quanto eu fiz com aquela roça de hortelã. Eu vendia, lambicava a lavoura de hortelã, me dava 200 litros de óleo, eu vendia por 18 mil aquele óleo de hortelã. E foi aonde que de lá comprei aqui pagando muito caro, paguei 14 mil. Ora, vendi lá no Rio Grande a terra nestas condições, me deram 3 mil na hora e 5 mil com prazo de um ano sem juros, foi como jogar fora.

De acordo com o relato do Sr. Mario, Alvorada do Iguaçu era uma localidade que fornecia bens de consumo, materiais de construção, medicamentos,

alimentícios e policiamento. De acordo com MELCHIOR, 2012, "*o Distrito tinha como atividade primária a agricultura, mas havia também casa de comércio, armazéns, postos de combustível, bares e bazares, setores de prestação de serviços como contabilidade e construção civil, além de setor de transportes*". O policiamento, de acordo com o relato do Sr. Mario ficava por conta do farmacêutico e seu filho, já que além de ser o dono da farmácia era também o delegado local, uma espécie de Xerife que atendia as ocorrências policiais na região. Era um homem admirado e temido com a mesma intensidade. Se por um lado abastecia a região com medicamentos e auxiliava a comunidade com atendimento farmacêutico, por outro fazia cumprir a lei à bala. Resolvia desde uma discussão familiar ou entre vizinhos, até casos mais sérios como a captura de bandidos e foragidos. O próprio Sr. Mario teve vários conflitos seus com vizinhos intermediados por esta figura policial, mas afirma ter tido com ele um bom relacionamento.

Sr. Mario: —E tinha um tal de Bianco que era o dono da farmácia. Um homem muito bom, mas muito brabo. Ele era delegado do lugar. Esse Bianco, pra mim foi um homem muito bom. Muita gente falava de vir, que aqui tinha bodega, tinha três a quatro bodegas, e matavam gente aí pra ver morrer.

...E essa farmácia do Bianco, era onde a gente se servia de remédio. E o Bianco era o delegado do lugar.

...Mas o Bianco, aqui tinha gente que tinha bolsa de sal, destas bolsinhas de sal, e tem até hoje, cheia de revolver e pistola, e tanta arma escondia aí nos mato embaixo das madeiras, e fazia travesseiro daquela bolsinha. O Bianco vinha aqui de noite e dizia: *Você conhece fulano?* _Sei. _*Sabe onde que ele dorme?* _Sei. _*Então vamos lá comigo que eu vou prender ele.* Ele ia lá, prendia o homem, só que aquele não voltava mais.

Sabendo que a região se desenvolveu a partir da implantação da Colônia Militar, é de se esperar que estes tenham exercido forte influência em toda sua extensão. Sendo assim, Foz do Iguaçu foi administrada diversas vezes por militares ou civis indicados por estes, fator apontado pelo ex-prefeito Perci Lima em seu livro "A História de Foz do Iguaçu", de 2001. Para ele, este fator foi determinante para o desenvolvimento lento que a cidade experimentou antes de Itaipu, uma vez que, segundo ele, estes militares vinham de fora, não estabeleciam nenhum vínculo com a região e logo retornavam para seus locais de origem, salvo raras exceções. Por conta disto, a cidade chegou a ter até três administradores em um único ano. Além de que, com o desencadeamento do golpe militar em 1964, a região se tornou ainda mais estratégica militarmente. A partir da deflagração da Operação Condor, onde as ditaduras do cone Sul atuaram em conjunto para reprimir todo e qualquer foco de

subversão, a tríplice fronteira se tornou em um local vigiado. Por situar-se nesta região estratégica para o país, Alvorada do Iguaçu também recebia a visitados militares de vez em quando. O lugar era movimentado e se tornava cada dia mais conhecido. Nos finais de semana atraía gente dos arredores, que em busca de diversão, frequentavam as várias bodegas e as áreas de lazer onde, por vezes, a situação fugia do controle. Nesta época a fronteira já se consistia num fator que facilitava a compra de armas ilegais, conforme relata o Sr. Mario, e apesar de todo policiamento, as coisas se resolviam mesmo era à bala:

Sr. Mario: _Então aconteceu, olha aconteceu tanta coisa aqui que nem é bom lembrar. Barbaridade, coisa séria. Aqui existia muita gente ruim aqui. Tinha um pessoal aí, eu acho que tinha umas 600 pessoas mais ou menos, frequentavam essas bodegas aí. Dia de festa, dia de domingo, aquele vai e vem, aquele alvoroço. Jogo de futebol ali na frente, que o seu Flávio deu o terreno pra eles fazerem um campo bem grande de futebol, mas no fim, pra arremata o caso, teve que vir o Batalhão de Foz desarmar todo esse pessoal porque era demais. Você imagine, de vir o Batalhão, não era pouca coisa né. Se fosse um, ou dois, ou três, a polícia podia dar conta.

A vida religiosa na comunidade estava representada pelas igrejas Católica Apostólica Romana que concentrava boa parte dos habitantes em torno de suas atividades. Mas também já contava com a presença da igreja Evangélica, representada pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IECLB) MELCHIOR, 2012. Não se sabe a proporção de membros entre uma e outra, mas especialmente naquela época, o país era majoritariamente católico. Por esta razão, não seria exagero concluir que o catolicismo romano predominava no cenário religioso em Alvorada do Iguaçu.

Como um reflexo da experiência colonial espanhola e portuguesa, que marcaram sua presença no continente americano com a cruz e a missa, assim também aconteceu e acontece nas diversas localidades aonde o homem branco chega para povoar. A presença da igreja Católica acaba sendo quase que onipresente por onde quer que se ande pelo país, por mais ermo que seja o lugar, lá está a religiosidade católica na cultura, nos templos, nas práticas cotidianas e nos simbolismos. Embora haja movimentos outros que se pode presenciar nos grandes centros, onde as igrejas evangélicas e outras religiões começam a ocupar espaços antes exclusivos do catolicismo, no interior, contudo, ainda é muito presente a força da igreja Católica. É interessante notar que, a igreja evangélica que marcou presença em Alvorada do Iguaçu tenha sido justamente a Igreja Luterana,

originalmente fruto da Reforma Protestante, desencadeada na Alemanha no século XVI, através de um dissidente da Igreja Católica. Esta, provavelmente, tenha chegado à região juntamente com este movimento migratório experimentado pelos colonos de origem alemã.

As igrejas, porém, não foram poupadas no processo de desapropriação efetuado por Itaipu. A IECLB, por exemplo, precisou recorrer ao poder público, solicitando a doação de um terreno no Distrito de Santa Terezinha para que pudesse construir sua nova sede. A justificativa é simples, assim como as demais propriedades expropriadas por Itaipu, os valores pagos acabavam sendo insuficientes para comprar e reconstruir a estrutura que se dispunha antes da inundação devido à inflação e exploração comercial. A igreja recebeu um terreno como doação da prefeitura de Foz do Iguaçu conforme a Lei assinada pelo então prefeito municipal Clóvis Viana.

LEI Nº 1048, DE 30 DE JUNHO DE 1980

AUTORIZA A DOAÇÃO DE UMA ÁREA DE TERRAS PARA A CONSTRUÇÃO DO TEMPLO DA IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA DO BRASIL, NA FORMA QUE ESPECIFICA.

A Câmara Municipal de Foz do Iguaçu, Estado do Paraná, Decretou e eu, Prefeito Municipal, sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica o Sr. Chefe do Executivo Municipal autorizado a doar à IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA DO BRASIL - Paróquia do ex-Distrito de Alvorada do Iguaçu, uma área de terras denominada lote nº 01(um) da quadra nº 92 (noventa e dois) localizada no Distrito de Santa Terezinha neste Município, com a área total de 1.500,00m² (hum mil e quinhentos metros quadrados) destinada a construção de Utilidade Pública (Praça e Igreja), para ali ser construído o seu templo.

Art. 2º A doação de que trata a presente Lei far-se-á mediante a condição de que a área doada seja utilizada exclusivamente no atendimento dos objetivos da IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA DO BRASIL.

Art. 3º O imóvel objeto da presente Lei reverterá ao domínio do Município, por anulação pura e simples do documento de doação, caso a Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil não inicie a construção no prazo de 1 (um) ano ou não a conclua no prazo de 2 (dois) anos, tudo a contar da data da escritura de doação.

Art. 4º Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Edifício da Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, em 30 de junho de 1980.

CLÓVIS CUNHA VIANA

Prefeito Municipal ²⁰

Foto 13: Posto de combustível. **Foto14:**Antigos moradores de Alvorada do Iguaçu.



Fonte: extraído da reportagem no Jornal do SBT

Apesar de ter exercido um importante papel para a região em sua curta existência, Alvorada não resistiu diante do forte apelo do progresso imposto por Itaipu. O Distrito foi o primeiro a ser desapropriado já que a intenção inicial de Itaipu era começar as desapropriações pelas proximidades do canteiro de obras e seguir, subindo as margens do rio Paraná até alcançar o município de Guaíra. Este projeto inicial foi frustrado quando os primeiros sinais de resistência por parte de alguns proprietários começaram a aparecer. Vale ressaltar a maneira arbitrária como foram realizadas estas desapropriações. Segundo retratado por Juvêncio Mazzarollo em *A Taipa da Injustiça*, a estratégia de Itaipu para forçar as famílias, na sua maioria produtores rurais, a deixar suas terras e a aceitar os preços bem abaixo de mercado, oferecidos pela empresa, era iniciar pelas infraestruturas urbanas como hospitais, postos de combustíveis, mercados e escolas, das quais esses pequenos produtores dependiam. Desta forma, isolados e sem a estrutura de que necessitavam para manter-se no local, vendo suas terras se desvalorizarem, o produtor não tinha outra escolha senão aceitar as propostas de Itaipu. Esta estratégia também é destacada por Maria de Fátima Bento Ribeiro em seu trabalho MEMÓRIAS DO CONCRETO, onde ela relata da seguinte forma:

A primeira desapropriação que ocorreu foi em Sede Alvorada do Iguaçu. Em primeiro lugar desapropriaram, na sede do distrito, as casas comerciais, os postos de combustíveis, as farmácias e, uma vez desapropriada com a infraestrutura, os agricultores, que permaneceram, tinham que percorrer mais de 70 quilômetros para comprar combustíveis e outros produtos que

²⁰Retirado do site da Câmara Municipal de Foz do Iguaçu (<https://leismunicipais.com.br>) acessado em 05/04/2017

precisavam. Com isso, suas propriedades desvalorizavam. " (RIBEIRO, 2002, p. 23).

Foi o que aconteceu. A região contava já com uma população bastante expressiva na época da desapropriação conforme aponta Mazzarollo, "*Centros urbanos também foram seriamente afetados. Alguns simplesmente desapareceram, como Alvorada do Iguaçu, próspero distrito de Foz do Iguaçu com cerca de 5.000 habitantes,(...)*" (MAZAROLLO, 2003, p. 33). Segundo MELCHIOR, este número chegou a 7.000 habitantes no seu auge. Na reportagem exibida na época da baixa do lago, o antigo morador Wilson Datsch afirmou que a princípio os moradores acharam que estavam fora do alcance do futuro lago, que as águas não chegariam a atingir a área residencial e isto fez com que alguns relutassem em deixar o local.

Se entre Itaipu e os proprietários a relação já era de lutas por conta das desapropriações, entre Itaipu e o município de Foz do Iguaçu as decisões se davam de forma mais facilitada, uma vez que tanto Itaipu quanto o município eram administrados por subordinados ao governo militar. Por conta disto as negociações avançavam e já em 1979, a prefeitura assina Lei nº 1014 que entregava a área do Distrito à Itaipu Binacional, incluindo cemitério, ruas, avenidas e praças, com área e valores²¹ pagos pela mesma conforme demonstrado abaixo.

Código	Propriedade	Valor
10-180-00	Cemitério Área: 13.000m ²	40.560,00
10-436-00	Ruas e Avenidas Área: 456.346,82m ²	5.851.545,00
10-639-00	Praça Pública Área: 10.200m ²	58.836,00
10-640-00	Praça Pública Área: 9.120m ²	25.135,00
TOTAL:		5.976.076,00

Estas decisões foram tomadas em instâncias governamentais, sem que houvesse discussão com as pessoas que seriam atingidas. Embora Alvorada do

²¹Valores em Cruzeiro, moeda vigente no ano da transação.

Iguaçu tivesse representante político na Câmara de Vereadores, o então vereador Sergio Spada, morador da comunidade, que havia sido eleito em 1978 com uma expressiva quantidade de votos pelo extinto Movimento Democrático Brasileiro (MDB), sendo o mais jovem vereador eleito em Foz do Iguaçu, com apenas 20 anos de idade (MELCHIOR, 2012). Este, além de reivindicar questões de interesse geral para o Distrito, procurou fazer oposição à Itaipu e seus desmandos, porém, não foi páreo para a máquina que representava Itaipu no cenário nacional e local. Em 1980, foi emitido um Decreto anunciando a extinção do Distrito, conforme abaixo.

APROVA A REPRESENTAÇÃO Nº 01/80, DO PREFEITO MUNICIPAL, DE EXTINÇÃO DO DISTRITO DE ALVORADA DO IGUAÇU.

O Presidente da Câmara Municipal de Foz do Iguaçu, Estado do Paraná, faço saber que o Poder Legislativo Decreta, e eu promulgo o seguinte, DECRETO LEGISLATIVO:

Art. 1º Fica aprovada a Representação nº 01/80, do Sr. Chefe do Executivo Municipal, de extinção do Distrito de Alvorada do Iguaçu, cuja sede será inundada pela represa de Itaipu.

Art. 2º Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões da Câmara Municipal, em 13 de junho de 1980.

Aguinello Fávero Haus
Presidente²²

Os expropriados, muitos deles pioneiros na cidade, viram anos de luta ser perdidos com a invasão autoritária da Itaipu. Foram muitas as lutas por parte dos expropriados para conseguir melhores valores, reivindicando reajustes reais nos valores praticados por Itaipu. Pediam também que fossem indenizadas as terras com plantações produzindo, os materiais e benfeitorias que por ventura no local estivessem. Mas Itaipu utilizou de todas as formas possíveis para enganar, ludibriar e conseguir comprar as terras que queria por valores abaixo do mercado. Uma delas era que, ao comprar uma determinada terra, se a medida que Itaipu tivesse fosse menor que a do proprietário prevaleceria a da Itaipu, mas se a medida que o proprietário tivesse fosse menor que a de Itaipu, então prevaleceria a do dono. Utilizavam de ameaças dizendo que, caso o dono da terra não vendesse naquele momento, as águas viriam e inundariam as terras, e o dono somente iria receber o

²²Retirado do site da Câmara Municipal de Foz do Iguaçu (<https://leismunicipais.com.br>) acessado em 05/04/2017

dinheiro na justiça, o que demoraria e geraria a desvalorização do dinheiro e consequentes perdas.

Aos poucos a situação foi se tornando insustentável como o esvaziamento do local e falta de estrutura para permanecer. A reportagem feita na época (1982) pelo jornalista Francisco de Alencar do Jornal O Estado do Paraná, mostra que já não havia mais condição de permanecer no local. A pressão começa a fazer efeito e muitos vão cedendo e fazendo acordo com Itaipu, outros, porém, se unem e saem à luta por melhores preços e terras em local de qualidade compatível. Com as estruturas comerciais já inoperantes, agora era vez de o cemitério local ser removido. Aliás, segundo a reportagem, eram vários cemitérios espalhados pela região, já que, segundo Olivio Magagnin afirmou na época à reportagem, *"Cemitério aqui tem em quantidade. Esses paraguaios enterram os mortos por aí mesmo, porque antigamente nem tinha estrada por aqui"*. Ele dizia conhecer a existência de pelo menos 30 cemitérios próximos da sua propriedade. A responsabilidade pela exumação e transferência das ossadas era de Itaipu, mas segundo Magagnin, alguns familiares não esperaram e preferiram eles mesmos fazer a retirada dos seus entes. Parte da estrutura do cemitério principal continua lá e também veio à tona quando o lago baixou seu nível.

Foto 15: Escombros do cemitério em 2014.



Fonte: Acervo pessoal

Foto 16: Outubro de 1982. O Estado do Paraná.



Fonte: br.pinterest.com/cleyscholz/adeus-sete-quedas

O Isolamento foi inevitável: isolamento dos parentes, já que muitas famílias foram separadas neste processo; isolamento dos amigos que haviam feito na região; isolamento social e também econômico, tendo em vista que todo trabalho que haviam tido para tornar as terras produtivas estariam agora debaixo d'água, além de estabelecimentos comerciais, edificações de uso comum como clubes sociais, igrejas, hospitais e escolas. Sendo assim, todos se viram deslocados não apenas de suas terras, mas também da vida ao qual estavam habituados, do convívio que tinham com outras famílias, de um passado comum que acabou submerso pelas águas do lago.

Aqueles que não conseguiram se estabelecer na região precisaram buscar outro lugar para recomeçar. Neste período, a região Norte do país também estava em processo de povoamento e era uma das opções oferecidas pela Itaipu. Na época o Sr. Mario, nosso entrevistado, recebeu proposta de parentes para ir até Rondônia, pois o local estaria oferecendo terras baratas para quem queria recomeçar a vida lá. Porém, o cenário que ele encontrou ao chegar era desolador. De acordo com suas palavras, o lugar era terra sem lei, de pessoas mal-intencionadas, aproveitadores e ladrões como se lê abaixo.

Sr. Mario _Aí veio meu cunhado e disse, vamos embora daqui porque lá em Rondônia dão terra de graça, que não sei o que. Dei o dinheiro pra ele pagar a passagem pra ir lá ver e ele vem de lá com mentira, que era um lugar bom, que não sei o que, que não sei o que. Eu peguei e fui lá ver, lá só tem bandido, só tem bandido, só tem bandido. Lá, os coitadinhos que iam daqui, abençoado do céu, que vendiam tudo e levavam o dinheiro, ficavam lá na beira da rua debaixo de uma lona esperando. Lá tinha os vigaristas, então eles combinavam, ó, você é dono dessa propriedade, vamos fazer assim, eu vou lá e ofereço tua propriedade pra ele, que é uma propriedade boa, que assim e assim, e faço que eu que sou o dono e vou vender a terra pro cara, a gente pega o dinheiro e reparte, e você não deixa ele entrar aí, e ele se lasca.

Assim, meu pai do céu, eu vi tanta mulher chorar lá por causa disso. É, viemos pra cá, acabamos debaixo de uma lona, serviço não tem, dinheiro acabou, terra não tem, não dão pra ninguém e bandido na rua, ia caminhando e um puxava o revolver e matava outro ali a troco de nada. Se encontrou, atirou, matou. Eu vi lá com meus olhos, daí disseram lá, fulano, você quer saber bem como é que é Rondônia, você vai na missa que eles vão contar e você vai saber muita coisa lá. E eu fui. Daí chegou a hora da confissão, e cada um contava os pecados dele gritado lá, mais de cem pessoas. Aí era só mulher que falava: é, mataram meu marido e agora eu estou aqui sofreda, com tantos filhos pra dar de comer, sem recurso, sem ter pra onde ir. Mas olha meu Deus do Céu, daí que eu acabei de crer como era o negócio, não, não, pelo amor de Deus, vou ficar por aqui mesmo, aqui ao menos o que comer nós temos. Vamos ficar aqui porque lá o que tinha mais que tudo que é bandido que tinha em Foz e Mato Grosso.

Esta realidade aumentava o drama daqueles que já haviam perdido o pouco que tinham. Mesmo aqueles que na época conseguiram fazer um acordo satisfatório, precisavam enfrentar a falta de escrúpulos dos aproveitadores que, diga-se de passagem, não estavam apenas no Norte do país, mas também na própria região. Muitos ficaram sem rumo, pois os valores pagos eram abaixo do mercado, e a inflação e a especulação desvalorizavam totalmente o dinheiro de um mês para outro. A especulação era por parte de pessoas que, sabendo dos valores que Itaipu estava pagando, sempre exigia um valor maior do que a terra valia, tornando o mercado imobiliário da região inflacionado. O valor que recebiam por suas terras não era suficiente para comprar nem metade em outros lugares, isso

sem levar em conta que a terra não era tão produtiva como as que se possuíam. Por conta disto, o período foi marcado por cenas inusitadas como mostrado na imagem abaixo, onde casas inteiras eram transportadas na carroceria de caminhões. Valia tudo para minimizar as perdas agora que a saída do local era inevitável e iminente.

Foto 17: Para salvar a casa das águas, valia qualquer coisa. Foto: João Luiz Thomazi.



Fonte: www.jie.gov.br

As obras em Itaipu estavam concluídas e águas começaram a subir rapidamente. Alvorada do Iguaçu em pouco tempo estaria submersa e a partir de então só existiria na memória dos seus antigos moradores, esperando que uma seca na região a revelasse às novas gerações. Porém, uma parte dela não foi atingida e permanece como uma espécie de elo entre presente e passado. Se por um lado Alvorada do Iguaçu desapareceu de baixo d'água, por outro, surge Vila Bananal. Enquanto Alvorada do Iguaçu espera que o lago baixe seu nível para ser vista e lembrada sem que haja necessidade de qualquer esforço para isto, já Vila Bananal, está exposta e pode ser vista por todos que desejam conhecê-la. No entanto, Vila Bananal passa despercebida da maioria da população de Foz do Iguaçu. Sua invisibilidade em face de sua importância é intrigante como veremos a partir de agora.

Foto 18: A água sobe rapidamente, trazendo mudanças e progresso. Foto: ValdenorFranzen.



Fonte: www.jie.gov.br

3. VILA BANANAL: DESLOCAMENTO E ISOLAMENTO SOCIAL

Ao ouvir falarem Vila Bananal, a primeira imagem que vem à mente é de bananas, ou seja, uma localidade que tem, ou teve, a banana como um importante elemento na construção de sua identidade social e econômica. Vila Bananal já ocupou uma posição de destaque na produção de bananas para o Estado do Paraná. Atualmente, mesmo sendo ainda um importante centro de abastecimento do produto para o município e região, nem de longe se assemelha ao que um dia já foi. É notória que esta não é mais sua principal vocação, já que a banana praticamente desaparece diante de uma vasta área agrícola e pecuária, ficando restrita a poucos e pequenos produtores que ainda resistem.

Foto 19: À esquerda, a placa que dá boas vindas ao Município de Foz do Iguaçu indica o início da Vila Bananal. Ao centro, a cerca que marca a divisão entre Foz do Iguaçu e São Miguel do Iguaçu.



Fonte: Arquivo pessoal

Sr. Mario. _Não, de primeiro aqui, eu digo pro senhor que virou Vila Bananal porque tinha uns 300 alqueires de banana. Porque o Luiz Salasi, ele plantava essas terras, tudo o que senhor vê aqui era quase tudo cheio de banana que era dele. Ele tinha 14 peões fichados, aonde que meu filho tocou quase vinte anos trabalhando junto com o Luiz.

Vila Bananal nem chega a ser uma vila propriamente dita, podemos chamá-la de comunidade. Nela vivem aproximadamente 60 famílias com cerca de 150 pessoas, na maioria produtores rurais e pescadores. Representa uma parte importante da área rural de Foz do Iguaçu, responsável por uma parcela considerável da produção agrícola e pecuária do município. Não é raro, ao transitar pela única estrada que dá acesso ao lugar, ter de sair da pista ou aguardar até que as grandes máquinas agrícolas passem para então prosseguir caminho. Surgiu dos processos mencionados acima e sua principal causadora é, sem dúvidas, Itaipu Binacional. Quando o lago da usina foi formado, Alvorada do Iguaçu, cuja área ocupava uma grande extensão desde próximo à barragem até o município de São Miguel do Iguaçu, perdeu boa parte das suas terras. A parte que não foi alaga, porém, ficou isolada do restante do município que a abrigava. Sem acesso, senão pela rodovia BR-277 ou pelo lago, a região ainda é quase que desconhecida da maior parte da população e com quase nenhuma atenção do poder público. Isto faz com que a comunidade assuma uma identidade flutuante a fim de ter suas demandas atendidas, sendo que Foz do Iguaçu é seu município domiciliar, mas é de São Miguel do Iguaçu que estes sujeitos utilizam serviços básicos como saúde, educação e suprimentos diversos. Serviços que nem sempre são satisfatórios. *"Somos de Foz, mas estamos jogados entre os municípios", observa o pescador Leocir de Oliveira Boes. "Moramos em Foz, mas quando precisamos de serviços temos de ir a Foz", brinca o pescador*²³. A ironia revela a dura realidade e mostra a condição destes moradores em relação ao poder público e como eles mesmos se veem.

No entanto, ao que parece, estes moradores não abrem mão de pertencer a Foz do Iguaçu. Talvez porque estar ligado a uma cidade que se insere no cenário nacional e internacional com certo destaque possa proporcionar um “que” de *status* social, de tal forma que acaba compensando a falta de atenção e o isolamento a que são submetidos. Eles são iguaçuenses por imposição dos processos históricos, não foram ouvidos quando a região foi alagada e tampouco quando Foz do Iguaçu e São Miguel disputavam a posse destas terras. Porém, um certo conformismo pode ser

²³RIBEIRO, Vitor Hugo; CASSULI, Danieli Cristina; FRASSÃO, Adair José Frason - Território e Conflito: Breve histórico sobre a implantação da Usina Hidroelétrica Itaipu Binacional e seus reflexos na produção do espaço– 2012 -FONTE: (GAZETA DO IGUAÇU)
http://www.ideall.com.br/costaostefm/noticias_det.asp?cod_not=17236 acessado em 19/11/2011.

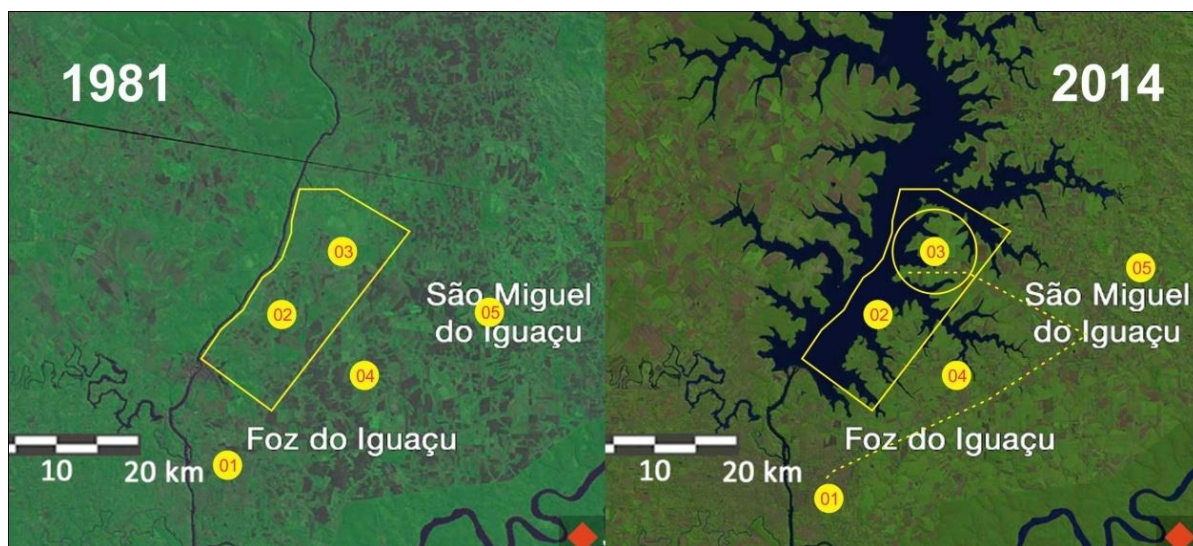
percebido no discurso dos seus moradores, nas diversas entrevistas concedidas, de forma que, caso fosse oferecida a possibilidade de escolha entre Foz do Iguaçu e São Miguel do Iguaçu como definição para uma identidade local, é bem provável que estes moradores fariam a escolha por pertencer a Foz do Iguaçu. Neste sentido, os sujeitos são autônomos na escolha da sua identidade. São capazes de avaliar aquilo que lhes é mais conveniente e assumir então os riscos que esta escolha lhes confere, até mesmo viver deslocados e isolados entre duas cidades que não são a sua, ou pertencer a um município que não supre suas necessidades básicas no que tange a serviços públicos, mas que lhes oferece outras vantagens sejam elas culturais ou sociais.

Por deslocamento entende-se um movimento voluntário ou involuntário em direção a outro lugar que pode ser territorial ou não, pois há também deslocamentos socioeconômicos, quando determinado indivíduo ou grupo social ascende ou desce sua categoria econômica ou dentro do grupo social a que pertence. Os moradores de Alvorada do Iguaçu, alguns, experimentaram ambas as categorias, pois precisaram deslocar-se do seu território de maneira forçada, sendo que não lhes foi oferecida a oportunidade de ficar. No máximo poderiam escolher ficar próximos e, neste caso, pagar o preço alto que a especulação de terras estava cobrando. Neste afã, muitos acabaram sem seus recursos, precisaram recomeçar do zero, sendo assim deslocados de seus antigos padrões socioeconômicos relativamente confortáveis. Outros ainda, que optaram em recomeçar a vida noutras regiões, especialmente no Norte e Centro-Oeste do país, se viram tendo que lutar com terras em condições brutas, e amargaram anos até que as mesmas estivessem em condições de produzir, sem contar aqueles que foram enganados e roubados tanto no processo de expropriação quanto na aquisição de novas propriedades. E houve também aqueles que optaram por deixar o campo e foram tentar a sorte nos centros urbanos. Neste caso, deslocados territorialmente, socialmente e economicamente, pois precisaram adquirir um novo modo de vida, ao qual não estavam habituados.

Vila Bananal é o resultado de um destes movimentos de deslocamento. Na Figura, vemos como era região antes de 1981, quando Itaipu ainda estava na fase final de construção e o Lago ainda não havia sido formado como se observa no lado esquerdo da imagem. Para maior compreensão, delimitamos a área que

correspondia a Alvorada do Iguaçu com base nas informações da Lei que criou o Distrito. Do lado direito da imagem, vemos o Lago já formado. Deixamos a área da antiga Alvorada do Iguaçu para melhor visualização, e indicamos a localização da Vila Bananal conforme se lê na legenda.

Desenho3: Comparativo da antes de Itaipu (1981) com a limitação de Alvorada do Iguaçu e depois de Itaipu (2014) indicando a localização da Vila Bananal e área alagada.



Fonte: Adaptado de <http://apublica.org/os-ecos-de-itaipu/>

Legenda: 01- Foz do Iguaçu; 02- Alvorada do Iguaçu; 03- Vila Bananal; 04- Santa Terezinha de Itaipu; 05- São Miguel do Iguaçu.

Como se observa, a região que compreendia Alvorada do Iguaçu teve boa parte de suas terras coberta pelas águas. Na imagem à direita, Vila Bananal corresponde apenas à área delimitada com um círculo. A parte indicada com número 02 que era parte integrante de Alvorada, após Itaipu acabou sendo anexado ao território de Santa Terezinha de Itaipu. Nada mais lógico que acontecesse o mesmo com a Vila Bananal, ou seja, que ela viesse a compor o território de São Miguel do Iguaçu devido à sua proximidade, o que não aconteceu.

De fato, a área chegou a ser disputada na época entre Foz do Iguaçu e São Miguel do Iguaçu. Isto fez com que comunidade recebesse o apelido de Vila Malvinas, numa clara alusão à guerra das Malvinas, quando Argentina e Inglaterra entraram em disputa pelas Ilhas Malvinas no ano de 1982, mesmo ano da formação do Lago de Itaipu. O nome já revela o motivo. A disputa não era por outra razão que não econômica, uma vez que, a região seria responsável por uma parcela significativa dos *royalties* pagos por Itaipu aos municípios lindeiros ao lago em

virtude da perda das terras produtivas, sendo que, depois de Santa Helena, a maior área alagada compreendia exatamente a extinta Alvorada do Iguaçu.

Este pedaço de terra encravado entre os municípios de Santa Terezinha de Itaipu e São Miguel do Iguaçu já foi disputado no passado, acarretando no apelido de 'Malvinas brasileiras', uma menção à guerra entre a Argentina e a Inglaterra pelas Ilhas Malvinas. A disputa tem forte motivação econômica. Sem a Vila Bananal, Foz perderia aproximadamente 60% do valor recebido em royalties pela Itaipu. A distribuição dos royalties é proporcional à área alagada dos municípios, com percentuais definidos pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). (GAZETA DO IGUAÇU)

Embora isolada, porém, a região continua desempenhando um papel importante na economia de Foz do Iguaçu. Sua relevância se dá por pelo menos dois motivos aos quais vale à pena serem destacados: primeiro porque a região é responsável por mais da metade do valor dos *royalties* pagos ao município, o que não é pouco. De acordo com informações obtidas no site de Itaipu, o município recebeu até 2017 aproximadamente 354,1 milhões de dólares, sendo que 60% deste valor são atribuídos à perda da área correspondente a Alvorada do Iguaçu (201,84 km² de área alagada); segundo porque, ainda que reduzida em relação ao tamanho original, as terras que restaram se constituem nas mais férteis da região e representam um bom percentual da área produtiva do município tanto de produtos agrícolas quanto da pecuária. Em visita ao local, a prefeitura de Foz do Iguaçu, através do *Gabinete Aberto*, detectou as seguintes demandas da comunidade que, na verdade, são reivindicações antigas que se arrastam a cada administração desde o seu surgimento.

"A população quer se regularizar, e isso é importante, porque estamos falando de 8 mil hectares de área que pertencem a Foz, sendo que 4500 hectares, são produtivos. Várias são as demandas, como o poço artesiano, a construção de um barracão comunitário, que irá servir também como um posto de saúde, clube de mães e um local de encontro para os moradores, pois eles ainda não têm nenhuma estrutura pública em funcionamento". (PEREIRA, Reni – Prefeito Municipal).

São questões relativamente simples de se resolver, ao menos na teoria, porque na prática a realidade é outra. A comunidade vive das promessas dos seus governantes quando estes aparecem para legitimar a posse do local, para em seguidas suas necessidades caírem no esquecimento, até que nova administração apareça, com novas promessas. Vale lembrar que estes moradores são domiciliados em Foz do Iguaçu, no entanto seu cotidiano está muito mais relacionado a São Miguel do Iguaçu por conta da proximidade. É em São Miguel que as crianças estudam e para isto contam com um ônibus cedido pela prefeitura de Foz do Iguaçu

que faz o transporte até São Miguel. Quando chove, porém, é um problema, pois a única estrada que é pavimentada é a principal, sendo que as vicinais são de terra, ficando intransitáveis em tempos chuvosos. O transporte de alunos acaba sendo também a única opção para aqueles moradores que não tem veículo próprio e que se utilizam deste serviço para se locomoverem ao município vizinho. Em relação à saúde, os casos mais simples são tratados em São Miguel, já os que precisam de uma maior atenção são tratados em Foz do Iguaçu. Quando a população se mobiliza e reivindica mais atenção, especialmente utilizando-se algum veículo de comunicação, a prefeitura de Foz faz um mutirão para atender a população, mas por não haver prosseguimento, acaba não tendo o efeito desejado. Ao ser entrevistada, a moradora Adriana de Melo, que vive a mais de 20 anos no local fez a seguinte declaração:

[...] na Vila Bananal é muito bom viver, tem muita paz. “Nossa maior dificuldade é quando alguém fica doente, pois não temos nenhum posto de saúde por aqui, quando precisamos, temos que recorrer ao vizinho que tem carro, e corremos para a cidade de São Miguel, pois é a mais próxima. Todas as 37 famílias que vivem aqui se conhecem, e ajudamos um ao outro em tudo, nascemos e fomos criados aqui, e não queremos sair da Vila Bananal”, declarou Adriana (*na época* – grifo nosso).

Este mesmo argumento aparece também no discurso do nosso entrevistado. Segundo ele relata, o descaso e o abandono são o grande problema que os habitantes do lugar enfrentam diariamente. Questões simples como a substituição de uma lâmpada queimada em um poste se transforma em uma grande batalha, uma vez que em Foz do Iguaçu, os responsáveis não vêm por causa da distância, e em São Miguel do Iguaçu, não vêm porque alegam não ser da competência deles, e assim, os moradores ficam no escuro por meses. Neste sentido, o que poderia ser uma “conveniência”, poder contar com a estrutura de dois municípios, acaba se tornando um problema, uma vez que, como iguaçuenses, precisam contar com a solidariedade do município vizinho, sendo que, um empurra a responsabilidade para o outro.

Sr. Mario: Olha, eu digo até a verdade, São Miguel, eu até sinto, eu até sinto morar longe de Foz do Iguaçu, sinto. Agora, aqui em São Miguel, pra nós, nós estamos aqui obrigados, obrigados, porque neste canto aqui, olha eu precisei, eu fui lá na farmácia pegar um remédio esta semana, aí, por um descuido de nada, o ônibus não tinha aluno, porque nós sempre ocupamos o ônibus que puxa os alunos, é o único transporte que tem. Aí o ônibus veio embora, e eu precisei pagar setenta reais para o rapaz me trazer aqui.

O município de Foz do Iguaçu que tem toda a responsabilidade administrativa e social com a Vila Bananal, não se vê capaz de suprir suas demandas e acaba jogando a responsabilidade, ou apoiando sua falta de ação a uma decisão de Itaipu. No entanto, o município já recebe os *royalties* referentes àquela área, cabendo ao governo municipal direcionar uma parcela destes recursos em direção aos anseios da comunidade Vila Bananal. Com isto, não estamos negando a responsabilidade social que Itaipu deveria ter com o local por ser a responsável por sua existência, mas apenas apontando que a inércia tanto de uma quanto de outra acaba agravando a situação desta população.

“Existe a possibilidade de uma parceria com a Itaipu para a construção de uma barracão comunitário, somente depois disso, podemos deslocar uma equipe, seja a cada 15 dias, ou a cada semana, regularmente para fazer o atendimento médico as famílias, porque hoje não adianta nós mandarmos uma enfermeira, porque não tem onde atender”.(PEREIRA, Reni – Prefeito Municipal).

A parceria ainda está à espera de se concretizar. O barracão existe, mas permanece inacabado ao lado da Igreja que os próprios moradores construíram com recursos arrecadados entre eles através de festas, rifas e doações. Esforço que chegou a ser usurpado por pessoas que se utilizaram da oportunidade para benefício próprio, desviando recursos e doações que deveriam ser revertidos para a construção da igreja e do barracão, como relata com ressentimento o Sr. Mario. É no salão da igreja que a comunidade se reúne, seja para a missa, quando é deslocado um sacerdote para officiar a cerimônia, para reuniões comunitárias ou até mesmo as ações da prefeitura, quando esta desloca médicos, dentistas ou outros profissionais para atender a comunidade. A parceria de Itaipu só existe na teoria. Ela interferiu e interfere diretamente no cotidiano da Vila Bananal, mas não da forma como deveria, trazendo recursos, oferecendo desenvolvimento e condições de sustentabilidade para a comunidade. Sua presença na região tem consequência direta na existência da Vila Bananal e ainda a mantém isolada naquele pedaço de terra. Perguntado se Itaipu contribui de alguma forma com a comunidade, assim responde o Sr. Mario:

Nada, nada, nada. Digo a verdade pro senhor, a Itaipu nem é lembrada aqui. Eles não vêm aqui. A Itaipu não! Nunca deu nada, nunca fez nada, nunca ajudou com nada, nunca se lembrou do lugar, só se lembra, eu falo bem a verdade pro senhor e adoro que seja bem gravado, que nunca ajudou e nunca lembrou. Só se lembram do lugar quando tem que levar o dinheiro para lá, mas ajudar com alguma coisa não.

Esta declaração é reveladora e ao mesmo tempo intrigante, tendo em vista que a empresa desenvolve diversos projetos de desenvolvimento ambiental e agrícola em parceria com os municípios afetados pelo lago. Outro fator que causa estranheza é a presença de uma família “ilustre” no local. Em entrevista concedida em 1997, João Samek, pai de Jorge Samek que foi presidente brasileiro de Itaipu de 2012 a 2017, um dos proprietários de terras na Vila Bananal fez a seguinte declaração quando indagado sobre ser um latifundiário da região.

— Comprei minha terra, mas não creio que seja latifundiário. Tinha cerca de 500 alqueires, dos quais perdi cerca de 150 para o lago de Itaipu. Com o que sobrou formei a fazenda Cacique. Localizada perto de São Miguel do Iguaçu, naquela área de Foz do Iguaçu seccionada pelo lago de Itaipu, as chamadas “Malvinas”. CAMPANA & ALENCAR, 1997²⁴

Segundo o Sr. Mario, um de seus filhos chegou a trabalhar muitos anos para João Samek. A Fazenda cobre uma vasta área na região, bem próxima ao lago. Fica então a pergunta: Itaipu realmente mantém-se inerte em relação à Vila Bananal ou sua presença beneficia alguns em detrimento de outros? Não encontramos dados suficientes para dar a resposta.

Através do cruzamento fontes, podemos detectar outras questões que não aparecem nas entrevistas e nem nos trabalhos já realizados, mas que merecem uma atenção devido à gravidade e os desdobramentos que acabam acarretando. Uma busca na internet pelo portal de pesquisas “Google.com.br” usando a referência “Vila Bananal” denuncia que o lugar se transformou em ponto estratégico para o contrabando e descaminho. Não são poucas as matérias divulgadas pelos meios de comunicação local dando conta de apreensões, perseguições e outras ações do gênero efetuadas na região. Quando da nossa primeira visita ao local, nos foi sugerido evitar aproximar-nos da mata ciliar, pois a aproximação de estranhos é tida como ameaça por parte daqueles que utilizam o local como ponto estratégico para o escoamento de produtos contrabandeados do país vizinho. Até mesmo o Sr. Mario aponta que às vezes o lugar se enche de policiais tanto federais quanto militares que fazem ações no local para coibir a marginalidade, mas que, segundo ele, não afeta a vida no local.

²⁴Trecho retirado da entrevista concedida por João Samek publicada no livro “Foz do Iguaçu – Retratos”, produzido pela Campana & Alencar Ltda. (antiga editora dos jornalistas Silvio Campana e Chico de Alencar), em 1997, e publicada pelo blog <http://h2foz.com.br>, acessado em 22/03/2017

Foto 20: Porto clandestino na Vila Bananal.



Fonte: <http://pontodanoticia.com>

Foto 21: Um veículo Duster, roubado em São Paulo, na Vila Bananal.



Fonte: <http://www.radioculturafoz.com.br>

Foto 22: Caminhão carregado com cigarros na região da Vila Bananal



Fonte: <http://www.jtribunapopular.com.br>

Foto 23: Uma embarcação com 250 caixas de cigarro apreendida na Vila Bananal.



Fonte: <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia>

Sendo assim, temos um território de aproximadamente 8 mil hectares, sendo que destes 4.500 são produtivos. Área que pertence ao município e que é responsável por 60% do valor que a cidade recebe mensalmente como compensação pela perda de território inundado por Itaipu, mas cujo benefício direto desta indenização não chega de fato a esta comunidade. Um município que não responde aos anseios desta comunidade, mas que também não abre mão dela porque se beneficia diretamente dos recursos advindos dela seja pelos royalties ou pela produção agrícola e pecuária que de lá provém. Ao que parece, ainda demorará até que esta comunidade se veja representada e com o devido valor reconhecido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa trouxe importantes reflexões sobre a realidade no Oeste do Paraná, especialmente no que diz respeito à sua formação e processos sofridos ao longo dos anos, mas principalmente nos últimos cem anos, quando transformações mais profundas ocorreram. Ficou claro que o desenvolvimento da região seguiria um outro caminho, não fosse a imposição de projetos nacionais que se sobrepuseram sobre processos anteriores. Uma região de fronteiras, onde essas eram menos rígidas e excludentes, onde a presença indígena ainda se podia notar e que, pelo isolamento, sentia menos a interferência do nacionalismo que mais tarde traria um contingente de pessoas para ocupar os espaços que se julgavam "vazios".

Este "vazio" apontado pela historiografia local deu margem para que o governo brasileiro lançasse seu olhar para esta região. Vazio que na verdade nunca existiu. Um olhar "eurocentrado" e de cunho colonial. O mesmo olhar que Europa lançou sobre as Américas portuguesa e espanhola, reconhecendo nelas espaços que precisavam ser desbravados, ocupados e dominados. Para isto, era necessário apagar um passado de ocupações indígenas e estrangeiras, que já faziam desta região um lugar de intensas relações. Por isto, a história da região é contada de forma a não levar em conta séculos da presença indígena e espanhola, muito menos afrodescendente.

Este nacionalismo se manifestou primeiro pela instalação da Colônia Militar e a abertura da estrada entre Guarapuava e a Foz do Iguaçu. Em seguida, a colonização se daria a partir da Marcha para o Oeste, com a presença das Empresas Colonizadoras que seriam responsáveis por todo um fluxo de imigrantes gaúchos, catarinenses e paranaenses, sendo muitos deles de origem estrangeira, principalmente alemães, italianos e poloneses. A intenção real era expulsar os que aqui já se faziam presentes, e através desta nova classe de pessoas reescrever a história da região, entregando a estes o pioneirismo regional. Este é um ponto que causa estranheza, já que a intenção era nacionalizar as regiões de fronteira e dominá-la através da língua portuguesa, o que na prática não se via, tendo em vista que a quantidade de pessoas de língua estrangeira presentes na região, trazidas justamente por estes fluxos migratórios era grande.

A identidades são construídas pelos sujeitos a partir de suas próprias lógicas e necessidades, e elas são autônomas neste sentido para fazer uso da forma como acharem mais conveniente. Por isto, uma vez estabelecidas na região estes sujeitos estabeleceram entre seus pares e com os outros, relações que permitissem conectar-se socialmente, mas guardando suas próprias tradições e elementos culturais. Desta é forma, ainda é comum que, em algumas regiões, se perceba a presença decolônias bem definidas com predominância de pessoas de origem estrangeira (alemã, italiana, polonesa, etc.) onde as tradições estão presentes na fala, na comida, na cor da pele, na religiosidade. Em Foz do Iguaçu observa-se uma realidade um pouco diferente por conta de outros fluxos, tais como, Itaipu, Turismo e o comércio com as nações vizinhas. Por conta disto, vemos um panorama multicultural na região atualmente, mas ainda assim, com pouca mistura entre as diversas etnias.

Quando em meados da década de 1960, a necessidade da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu estava em discussão, o Distrito de Alvorada do Iguaçu estava sendo criado. Quando em 1976, as obras se iniciaram no canteiro de obras, Alvorada já estava em franco desenvolvimento e consistia-se numa comunidade bem organizada socialmente, economicamente e politicamente. Sua população, com cerca de 5 a 7 mil habitantes era proveniente dos fluxos migratórios impulsionados pelas colonizadoras. Porém, a imposição de outro projeto de desenvolvimento acabou impedindo que este fosse adiante. É interessante notar que o projeto econômico se sobrepôs ao projeto cultural e identitário que já estava em desenvolvimento com a ocupação da região. Alvorada foi a primeira vítima que estava no caminho da grande Itaipu Binacional. Itaipu enquanto uma obra construída em nome do progresso não levou em consideração as comunidades que estavam em seu caminho, fossem elas rurais, urbanas, indígenas e nem tampouco a flora e fauna que se perderia. Uma vez consolidada e colecionando a cada ano recordes na geração de energia, Itaipu pode colocar-se como um *Desafio* superado. Esta é a palavra que define a empresa atualmente em sua página na internet. Mas na época da construção, o *Progresso* era a palavra de ordem, que passava por cima de tudo e de todos.

Itaipu é o reflexo de uma época marcada pelo autoritarismo e pela imposição governamental aparelhada pelo militarismo. Talvez por conta disto, não

esperava que houvesse resistência por parte dos expropriados e nem que estes pudessem se organizar em torno dos seus direitos como de fato aconteceu, especialmente numa região que teve sua origem a partir de uma Colônia Militar e com governos indicados por estes. Os estudos sobre os atingidos por barragens têm mostrado que os sujeitos, tanto em relação à Itaipu quanto em outras barragens, sabem sim organizarem-se e buscarem seus direitos, seja em grupo ou individualmente.

Está provado também que a construção de uma hidroelétrica traz como consequência transformações diretas na vida das comunidades por ela afetadas e seus efeitos negativos são proporcionais ao tamanho da obra. Neste exato momento em que este trabalho está sendo escrito, está em andamento a Usina Hidrelétrica de Belo Monte no Pará. Uma obra que se arrastou por décadas e que sai do papel, passando por cima de comunidades ribeirinhas e terras indígenas, trazendo uma série de consequências para a biodiversidade animal e vegetal. Já Itaipu, trouxe além destas questões, um desequilíbrio sociocultural para Foz do Iguaçu e região, sendo responsável pela extinção do Distrito de Alvorada do Iguaçu bem como no êxodo de cerca de 40 mil pessoas no seu caminho somente do lado brasileiro.

Uma família que é deslocada de seu lugar de origem de forma traumática, como foi o caso dos expropriados de Itaipu, deixam para trás bem mais do que sua terra ou propriedade, mas também sua história, relações sociais e econômicas estabelecidas com outras famílias e com a região da qual está sendo removida. Esta foi a realidade vivida por estas famílias que tiveram que amargar sair do seu local e buscar outra forma de vida, fosse na região ou em outros locais afastados. No processo de deslocamento, muitas famílias acabaram sendo separadas tendo em vista que, para começar nova vida, alguns escolheram permanecer na região, enquanto outros optaram por refazer a vida em lugares distantes, onde pensavam haver melhores condições. Muitos dos que partiram, decepcionaram-se e se viram expropriados duas vezes, uma por Itaipu, outra por exploradores mal-intencionados.

Outra consequência direta de Itaipu na região foi o surgimento da Vila Bananal, já que esta originou-se a partir da formação do lago de Itaipu. Estando próxima a São Miguel do Iguaçu, as terras poderiam facilmente ter sido incorporadas ao território deste. Porém, seu valor econômico para o município de Foz do Iguaçu

fez com que esta não abrisse mão da área, mesmo sabendo do isolamento a que as famílias que ali viviam teriam de amargar. Dos *royalties* pagos por Itaipu referente a área inundada de Foz do Iguaçu, 60% eram provenientes desta área, além de Vila Bananal compor parte expressiva da área rural do município. Economicamente Vila Bananal é extremamente valiosa, mas socialmente chama pouco a atenção a não ser pelas manchetes no setor policial que têm dado destaque à diversas apreensões de produtos ilegais no local. Do lucro que ela traz ao município nada retorna de fato. Itaipu também pouco interfere na região a não ser pelo lago que mantém a comunidade incomunicável com restante do município.

Se Vila Bananal praticamente não é lembrada, Alvorada do Iguaçu não será esquecida. A natureza tratará de nos lembrar em alguma época, expondo novamente suas ruínas e trazendo à tona a discussão em torno dos efeitos de Itaipu na região Oeste do Paraná. Além disto, a história da região está sendo contada e recontada a cada novo trabalho. Esperamos ter contribuído um pouco para ampliar o conhecimento a cerca destes processos recentes que ainda estão sendo construídos.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História**. A arte de inventar o passado. Ensaio de teoria da história. Bauru: Edusc, 2007.
- AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. Em Estudos histórico, Rio de Janeiro. Vol8, nº 15. 1995. pp 145 a 151.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. Lembranças de velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.
- BURILLE, Celma Faria de Souza - **Nas tramas da separação**: o caso do Estado do Iguaçu nas décadas de 1960 e 1990 – Curitiba, 2010. 122f.
- GERMANI, Guiomar Inez. **Expropriados terra e água**: o conflito de Itaipu. Salvador: Edufba: ULBRA, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós – modernidade**/ tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro-11. Ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KARPINSKI, Cezar. **Sobre as águas a memória**: a usina hidrelétrica de Salto Caxias e a história dos que ficaram. Marechal Cândido Rondon, 2004.
- LEDEZMA MENESES, Gerson Galo. **Del “descubrimiento” y laconquistadel oeste del paraná1, hasta laconstrucción de itaipu**. La visión de tiempo de una sociedadeurocéntrica. Revsita SURES, 2014, nº4, p. 13-41.
- LE GOFF, Jacques - **História e memória** - tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.
- LIMA, Perci. **Foz do Iguaçu e sua história**. Foz do Iguaçu: S/E, 2001.
- LOPES, Sérgio. **O Território do Iguaçu no contexto da ‘Marcha para oeste’**. Cascavel:Edunioeste, 2002.
- MASCARENHAS, Milena Costa, **Poeira X Unicon**: confrontos e contrapontos entre atingidos e itaipu, 2009 - Maringá, PR.
- MATIELLO ,Catiane. **Narrativas tecnológicas, desenraizamento e cultura de resistência**: história oral de vida de famílias desapropriadas pela construção da Usina Hidrelétrica de itaipu, Curitiba-PR, 2011.
- MAZZAROLLO, Juvêncio - **A taipa da injustiça**: esbanjamento econômico, drama social e holocausto ecológico em Itaipu. Edições Loyola - São Paulo. 2003.
- MELCHIOR, Kleber Dreicy- **A migração dos mortos**: Remanejamento de cemitérios na região do Lago de Itaipu - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu - 2012.
- NORA, Pierre. **Lugares de memória** - Entre memória e história: a problemática dos lugares, Tradução: Yara AunKhoury. Projeto História, São Paulo, PUC-SP, 1993 p 7-22.

PENA CATTÁ, Luiz Eduardo. **O cotidiano de uma fronteira**. A perversidade da modernidade. Cascavel: Unioeste, 2003.

PRIORI, A., et al. **História do Paraná: séculos XIX e XX** [online]. Maringá: Eduem, 2012. 234 p.

RIBEIRO, Maria de Fátima Bento. **Itaipu, a dança das águas: histórias e memórias de 1966 a 1984** / Campinas, SP: [s. n.], 2006.

RIBEIRO, Maria de Fátima Bento - **Memórias do concreto: vozes na construção de Itaipu** - Edunioeste - Cascavel-PR - 2002.

RIBEIRO, Vitor Hugo; CASSULI, Danieli Cristina; FRASSÃO, Adair José Frason - **Território e Conflito: Breve histórico sobre a implantação da Usina Hidroelétrica Itaipu Binacional e seus reflexos na produção do espaço** - 2012.

SANTOS, Ana Paula dos, **Lago de memórias: a submersão das Sete Quedas**/Ana Paula dos Santos. Maringá, 2006. 133 p.

SCHREINER, Davi F. - Memórias da Terra, em **Revista Helena**, Ano 1 nº2, Secretaria de Estado e Cultura, Curitiba, 2013.

SCHIMMELPFENG, Otila - **Retrospectos iguaçuenses: Narrativas Históricas de Foz do Iguaçu** - Editora Tezza Ltda. - Foz do Iguaçu-PR - 1991.

SCHMITT, Judite Veranisa. **Os atingidos por Itaipu: história e memória**. Oeste do Paraná, décadas de 1970 a 2000, UNIOESTE, 2008.

THAUMATURGO, Leila Regina Youssef; SIMÕES, Silvio Jorge Coelho; TRANNIN, Isabel Cristina de Barros - **A construção da usina hidrelétrica de Itaipu e seu impacto sobre a urbanização de Foz do Iguaçu** - Universidade Estadual Paulista - UNESP, 2013.

THOMPSON, Paul, **A voz do Passado, História Oral**. São Paulo -SP. Paz & Terra, 1992.

WACHOWICZ, Ruy Cristovam. **Obrageiros, mensur e colonos: história do oeste paranaense** – 2ª Edição – Curitiba: Ed. Vicentina, 1987. 218 p.

REFERÊNCIAS DA INTERNET

Jornal NOSSO TEMPO, Informativo Digital - Edições de 1980 a 1982, disponível em <<http://www.nossotempodigital.com.br/>> (acessado em outubro 2016).

Governo investe na construção de 86 hidrelétricas e tem centenas no papel: Disponível em <https://www.aecweb.com.br/cont/m/rdo/governo-investe-na-construcao-de-86-hidreletricas-e-tem-centenas-no-papel_7037> (acessado em abril de 2017).

Itaipu Binacional/Nossa História, disponível em <www.itaipu.gov.br>(acessado em novembro de 2016).

Usina refez o mapa da região Oeste, disponível em<<http://www.gazetadopovo.com.br/economia/especiais/itaipu-30-anos/usina-refez-o-mapa-da-regiao-oeste-8tbwwaiyoig2mbijrefca2j2>> (acessado em 26/05/20107).

Adeus Sete Quedas, disponível em <br.pinterest.com/cleyscholz/adeus-sete-quedas>(acessado em maio de 2017).

Os ecos de Itaipu - Agência de Reportagem e Jornalismo Investigativo, disponível em < <http://apublica.org/os-ecos-de-itaipu>> (acessado em fevereiro 2017).

Quas seriam as fronteiras do Estado? Disponível em <<http://estadodoiguacuagora.blogspot.com.br/>> (acessado em outubro de 2016).

Leis Municipais da Câmara Municipal de Foz do Iguaçu, disponível em <<https://leismunicipais.com.br>> (acessado em março de 2017).

O grande capítulo dos 100 anos, disponível em <<http://jie.itaipu.gov.br/node/55921>> (acessado em abril de 2017).

Polícia Federal apreende quase 2 toneladas de maconha em porto clandestino no Lago de Itaipu, disponível em < <http://pontodanoticia.com/ver-noticia.php?uid=10607> > (acessado em abril de 2017).

Policiais encontram mais de 700 kg de maconha em carro clonado, disponível em < <http://www.radioculturafoz.com.br/policiais-encontram-mais-de-700-kg-de-maconha-em-carro-clonado/#.WWTDFYTyUk>> (acessado em abril de 2017).

PF aprende caminhão carregado com cigarros na região da vila bananal, disponível em <<http://www.jtribunapopular.com.br/artigo/pf-aprende-caminhao-carregado-com-cigarros-na-regiao-da-vila-bananal#.WWS9woTyUk> > (acessado em abril de 2017).

Barco com caixas de cigarro é abandonado no Lago de Itaipu no PR, disponível em<<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2011/04/barco-com-caixas-de-cigarro-e-abandonado-no-lago-de-itaipu-no-pr.html>> (acessado em abril de 2017).

ANEXOS

Entrevista com Sr. Mario Batistelli, realizada em 12 de março de 2017
Duração: 1:43:00

Edson: O Sr. Chegou aqui em que ano seu Mario?

Sr. Mario: Eu cheguei aqui em 73.

Edson: O ano que eu nasci, eu estou com 43.

Sr. Mario: É. Em 73, o sr. vê que faz tempo. Eu tenho filho também que logo que nós chagamos aqui ele... eu cheguei no mês de junho e ele nasceu em setembro. Ele deve ter com 43 também.

Edson: Eu sou de agosto, pertinho.

Sr. Mario: É, ele é do dia 30 de setembro.

Edson: O Sr. Veio da onde?

Sr. Mario: Eu vim do Rio Grande do Sul. Eu sou natural de Passo Fundo.

Edson: Veio com a família?

Sr. Mario: Vim, vim. Eu morei muito tempo em Santa Catarina, que lá morava um irmão meu, nós trabalhamos muito numa cerraria pra um tal de Dionísio Monfrede lá do Rio Grande, que era o patrão, e depois eu vim pro Rio Grande pra ir servir. Eu tinha que servir em Passo Fundo, que naquele tempo a gente era alistado era onde tinha que ir servir né. Então eu vim de lá com dezessete anos e meio, eu vim de Santa Catarina, parei na casa dos meus cunhado, e esperando a hora de ir servir, mas daí no fim do remate me julgaram incapaz, daí eu tirei a Terceira, todo o documento, e não fui servir, é.

Edson: O sr. Era solteiro ainda naquela época? (ele não entende a pergunta e achar que estou perguntando sobre o documento de reservista).

Sr. Mario: Tenho, tenho os documentos tudo guardado. Então, daquele tempo, faz muitos anos mas a gente, o documento que a gente pega a gente tem que guardar porque um dia pode precisar dele.

Edson: Sim, com certeza. Eu insisto na pergunta. O sr. Era solteiro nessa época?

Sr. Mario: Era, eu era solteiro.

Edson: E casou aqui?

Sr. Mario: Eu casei lá no Rio Grande. Até que antes de servir, antes de servir, eu casei. Então foi assim. Eu parava na casa dos meus cunhados, mas eu já me criei sem pai e sem mãe, e justamente foi muito sofrido. E trabalhava muito e naquele tempo ninguém queria pagar nada, o muito que davam era uma mudinha de roupa, e comida, e aquilo foi me enfadando, dando uma coisa ruim, porque eu dizia trabalhar tanto pra não ganhar nada, o que era feito da minha vida. Eu vou ter que me virar e fazer pra mim. Daí foi a hora que achei com quem casar, achei que era uma família de gente muito boa. Então eu digo, eu sou novo mas eu vou casar, e ainda o meu

sogro falou, não se você tiver que servir, não tem problema, a filha fica aqui em casa porque nós necessitamos que ela fique aqui mesmo que a mãe dela é parálitica, não tem importância esse negócio, se tiver que servir, vai servir, e se não melhor, porque daí já pega trabalhar pra sim né. Aí foi o jeito que eu casei, eu casei no dia 28 de outubro de 1955 e era pra mim servir no dia 15 de novembro, daí eu fui. Mas aí julgaram incapaz, eu me apresentei pro sargento o registro de casamento e acho que foi por isto que ele me dispensou.

Edson: Daí vieram pra cá?

Sr. Mario: Daí fiquei lá, fiquei trabalhando. Aí eu pedi, o meu sogro tinha muita terra, mas ele era um homem engraçado, ele pouco trabalhava a terra dele, não arrendava e não deixava ninguém plantar na terra dele. Então eu fui lá na casa dum compadre meu e pedi, ele tinha bastante terra, uns 30 alqueire de terra, e eu disse: compadre eu queria mudar de casa e queria trabalhar, mas trabalhar junto, eu pago renda da terra e deu um lugar de casa, eu comprei uma madeira, e fizemos um ranchinho, e comecei a trabalhar. No primeiro ano eu plantei, eu fiz 8 mil de milho, plantei em sociedade, pagando renda, e ainda deu um bom ano pra mim e foi muito bom aquele dinheiro.

Mas pra mim, o sr. Imagine, que pra mim poder casar, eu tive que vender uma terra que meu pai deixou de herança. Eu tive que vender aquela minha terra porque outro jeito não tinha. Então até tinha gente que falava: mas fulano tem que vender a terra dele meu Deus do céu, no tempo de comprar mais vai vender a que tem. Outro jeito não tinha.

E aí, eu fiquei trabalhando com meu compadre lá uns dois anos, e daí o meu sogro mudou de lá desse lugar e veio aqui pra perto duma capela chamada São Luiz, na beira do asfalto. E era, tinha mais ou menos uns 20 quilômetros de distância. Então ele comprou uma moradia muito boa, menos terra, mas a casa muito boa. Mas aí eu cheguei por ali e eu pedi pra um parente dele que também tinha bastante terra e parente da minha mulher, pra me arrendar um pedacinho de terra pra mim plantar e que tivesse um rancho pra mim morar, e ele foi muito pronto e disse, tem uma casinha ali, o terreno era grande, vamos lá olhar as casinha, se te servir pode vir que terra pra plantar aqui tem bastante. Daí então, mudamos pra lá mais pra perto de onde estava o sogro. Daí naquele ano no que deu 8 mil de milho já deu pra comprar muita coisa pra casa. Deu um dinheirinho, deu pra comprar garfo, colher, faca, muita coisa. E a mulher tinha um pouquinho de gado, vaca de leite, já criamos um bocado de porco e galinha e já foi melhorando a vida né. E daí trabalhei mais 2 anos com esse homem e daí eu comprei um pedaço de terra na divisa da terra do meu sogro. Eu achei melhor fazer outro rancho ali e morar no que era meu. Então dali pra frente toda a vida fiquei morando sempre no que era meu. Não dependi mais de pedir lugar pra outras pessoas.

Eu fui comprando, era, uns órfãos, eles tinham uma parte de terra de 11 hectares, então eu fui comprando de um em um aquela parte de terra e pagando, escriturando, e depois chegou num ponto, que o homem lá, tinha, o meu sogro trabalhou muito pra esse homem, era peão desse homem, esse homem era fazendeiro, um homem muito bom, chamava Franklin Lisboa de Souza. Aí, chegou seu Franklin e falou: olha, eu tenho um criado meu que mora ali, que até é meu compadre e ele tinha 12,5 hectares de terra. O fazendeiro deu pro criado, que era criado desse fazendeiro, esse homem que eu falo que era meu compadre. Aí, eu sei que seu Frankilin trocou com o criado. Ele tinha um campo lá mais retirado e tinha um gado lá e ele precisava de quem cuidasse daquele gado. Então ele disse: fulano,

eu te dou uma, tem 12,5, eu te dou 25 hectares lá, pra você me cuidar aquele gado, que eu já estou de idade, já tenho gado aqui, eu não posso estar lá cuidando e preciso de uma pessoa pra cuidar lá. Então se você for pra lá, tem tudo, tem mangueira, tem três casas, tem tudo, mangueirão muito grande pra fechar porco, uma moradia muito boa. Aí, o criado aceitou. E daí então o seu Frankilin...eu estava meio pobre ainda, não tinha muita coisa, aí o seu Frankilin ofereceu aquela terra pra vizinhança ali onde tinha o Angelin Lira que já tinha comprado 85 hectare do seu Frankilin na divisa dessa que eu comprei. E essa que eu comprei pra esse homem era o principal, porque pra ele sair tinha que passar dentro do que era meu.

Então, seu Franklin ofereceu, ofereceu 80 mil, por 100 mil aquelas 12,5 hectares de terra e ninguém quis comprar. Daí, não sei se por intermédio do outro compadre meu, chamado Natalino que morava mais adiante, ele me indicou. Disse: ó, aí tem um homem muito trabalhador e ele é capaz de lhe comprar essa terra. Aí, o seu Frankilin veio atrás de mim e falou: o fulano quer me comprar esses 12,5 hectares de terra? Eu disse, mas eu não posso comprar porque não tenho com o que pagar. Eu tenho terra aqui mas é pouca. Se eu vender não dá a metade do que o sr me pediu. Ele me pediu 160 mil. Pros outros dava até por cento e pouco, pra mim já quase dobrou o preço. Mas eu não tenho como comprar, eu não posso. Não, eu te vendo a terra com condição, você me paga a terça parte do que você colhe e me dá 80 mil de entrada, e o resto eu te dou prazo de um ano. Quando você fizer as colheitas, daí você me paga. Daí fizemos negócio. Daí eu vendi aquelas hectares que eu tinha comprado e escriturado pra um cunhado meu por 60 mil e fomos reunindo mais um dinheirinho pra dar os 80 mil e ainda tinha completar 100 mil porque pagava 20 mil de escritura.

Aí eu fui me virando, pegando dinheiro emprestado pra um, pra outro, e eu tinha mais dinheiro pra receber com letra assinada mas era em mês de julho que ia receber esse dinheiro e ali naquele tempo era o mês de março ou abril que foi feito esse negócio. Aí fui lá na casa de um compadre meu que ele sempre tirava bastante dinheiro no banco aonde que eu tinha plantado todos esses anos junto com ele e disse: compadre eu queria 20 mil emprestado que eu precisava comprar essa terra, comprei essa terra e estou apurado. _Mas olha compadre, eu não tenho. Eu tirei na verdade um dinheiro no banco mas tive que comprar 2 pareias de gado e gastei o dinheiro.

Aí me virei, cheguei na casa de um outro compadre meu e falei: o fulano, eu vou te fazer uma proposta, você me arruma 20 conto hoje e te dou 50 daqui trinta dias.

Edson: Nossa, bastante.

Sr. Mario: Bastante, bastante. Porque ele era pão duro. Ele tinha o dinheiro, mas era pão duro. Eu te dou a letra assinada aqui, eu te dou 50 por 20. Ah ele me arrumou o dinheiro na hora. Aí completei um pouco daqui, um pouco dali, completei os 100 mil. Daí esse fazendeiro, esse vizinho que tinha par, eu trabalhando pra ele, minha mulher ajudando bem dizer na casa dele porque a mulher dele era muito doente, ele vivia com a mulher no hospital e minha mulher tinha cuidar das crianças nossas e as dele. E ele me atraíndo pra comprar essa terra. Quando ele viu que eu ia comprar ele foi e ofereceu 200 mil.

Ofereceu 200 mil, eu digo, o meu Deus do céu. Aí o fazendeiro, ele tinha uma mulher muito danada, e a mulher danou brigar com o fazendeiro porque, aonde é que se viu perder de vender por esse dinheiro, pra vender a terra mal vendida, barbaridade, e tem que sair fora de vender a terra pra esse homem e vender pro

Angelin Lira porque ele tem o dinheiro, já comprou um milhão de campo nosso, comprou 85 hectares vizinho dele, e não pode perder esse negócio.

Aí o fazendeiro enloucou e daí ele mandou me chamar. Mandou me chamar, e era um dia de chuva, mas chuva rapaz. Encilhei o cavalo, botei minha capa de chuva, mais ou menos duas horas de viagem, fui lá na casa dele saber o que ele queria comigo.

Eh barbaridade, agora eu quero tanto de dinheiro senão...não falou que ia desistir do negócio, mas ele falou assim, ele sustentava o negócio se eu arrumasse todo esse dinheiro dentro de quatro dias. Se eu não arrumasse o dinheiro dentro de quatro dias tava desfeito nosso negócio porque nós não tínhamos papel, não tínhamos testemunha nem nada. Foi feito negócio só nós dois.

Eu falei tá bom seu Frankilin, tá bom. Aí chegou na quarta-feira, eu arrumei o dinheiro e cheguei lá e disse o seu Franklin. _Eh barbaridade! _Ele era um homem muito bom. Aí eu sei dizer que, eu falei: Seu Franklin, eu vim aqui lhe falar pro senhor que amanhã vamos fazer a escritura porque o dinheiro está aqui. _ Eh barbaridade, onde é que arrumou todo esse dinheiro? Você tinha dinheiro guardado? Eu disse: eu não tinha nada, eu não tinha um centavo em casa seu Frankilin.

Esse dinheiro, sabe como eu consegui? Eu vendi a minha terra, o rapaz ainda foi no banco, fez um financiamento no nome do pai dele, e tirou o financiamento e me pagou a terra, e daí ele pagou o pai dele. E uma parte eu me virei e arrumei o dinheiro e ta aqui, eu tenho cem conto. É 80 da primeira prestação e 20 da escritura. Fomos lá na Lagoa Vermelha fazer a escritura, o homem pega, tinha uma bruaca cheia de escritura, ele pegou uma escritura sei lá da onde, perdemos viagem, o escrivão disse, mas essa escritura não é da terra que o senhor vendeu. A terra que o senhor vendeu é lá em tal lugar.

E o polícia era genro dele, do fazendeiro e era quem dirigia o jipe do fazendeiro. E eu tinha que ir de Ônibus. Aí então, fica pra semana que vem. Eu já desconfiado, esse velho está de mancada. Mas não tem como, agora eu arrumei o dinheiro, tudo o que ele pediu está aqui e pra ele sair fora fica ruim. E ele me falou depois, que ele só não caiu fora do negócio comigo, só porque ele tinha contado pros outros fazendeiros que tinha me vendido esta terra. Ele falou pra mim, senão eu caia fora do negócio. Eu não ia deixar de pegar 200 pra vender por 160. Com tudo que era fazendeiro e além de tudo era um homem de idade, quem morava com ele era um irmão dele mudo ainda, estava com 70 anos de idade naquela época. E a mulher dele, logo que ele casou ele se separou, a mulher era muito ligeira né, muito vagabunda, e daí se separaram e ele pegou esta outra, e esta outra era muito danada, muito, é por isto que povo fala, não confia em ninguém não, porque confiou está roubado.

Porque ele pegou esta mulher, esta mulher bebia muita pinga. Ela vivia com um barril de pinga no porão da casa e bebia muita pinga e caía e se machucava e ficava mastigando fumo o dia inteiro. Nunca vi uma coisa assim.

Aí o seu Franklin falava, seu Mario vem aqui. Eu tenho ai uns dois quilômetros de cerca pra arrumar. Vem arrumar a cerca pra mim. Eu ia lá, trabalhava quinze dias e não cobrava nada. Arrumando cerca pra ele, lavrando a lavoura dele pra plantar, com boi, ele me dava boi pra amansar, pra trabalhar e daí eu trabalhava pra ele de graça porque ele também me ajudava.

Aí, eu sei dizer que, vira pra cá, vira pra lá, essa mulher ficou junto com o Frankilin sempre consultando advogado escondido do seu Frankilin. E quando completasse quatorze anos que ela morava junto, ela era dona da metade do capital que o fazendeiro tinha. No dia que completasse os quatorze anos poderia ir lá no

advogado e falar, hoje está completando quatorze anos, então daí poderia dividir a fazenda, e o dinheiro e o gado que ele tem.

Aí o fazendeiro, meu Pai do Céu, quando aconteceu isto caiu os braços dele. Ele ficou muito triste. O que ele falava pra mim assim que aquela fazenda nem por uma bola de ouro ele não dava. Aquela fazenda dele ele não vendia de jeito nenhum.

Tinha outro fazendeiro a par, ele lutou pra ver se empurrava uma filha pra esse velho pra ver se matava o velho e ficar com a fazenda. Mas o Frankilin não era muito bobo e não quis. Foi pegar outra, pegou uma cobra. Viviam brigando a vida inteira porque ela bebia muito, caía, aí virava aquela rezinga, eu trabalhava, chegava lá e estava aquela “rezinga” entre eles.

Edson: Isto tudo foi lá no Rio Grande do Sul né seu Mario?

Sr. Mario: É.

Edson: E quando o senhor veio pra cá. Como o senhor achou o lugar aqui?

Sr. Mario: Ah quando eu cheguei aqui no Paraná, eu vendi esse 5 alqueire de terra e comprei 10 alqueires desse meu compadre que foi o primeiro homem que eu comecei trabalhar depois que eu casei porque nós dividíamos o produto. Aí comprei 10 alqueires lá, aí fui pra lá. Daí de lá que eu vendi e vim pra cá.

Daí lá pra mim foi muito ruim, muito ruim. Foi o pior azar que eu tive na minha vida foi comprar aqueles 10 alqueires de terra lá. Eu paguei 4 mil por 10 alqueires e vendi aqueles 5 alqueires de terra, eu vendi pra um cara lá, esse mesmo que estava me atraçando, eu vendi pra ele por 3 mil. Sai de uma de 5 comprando 10, está aumentando, vou arriscar ir pra frente né. E foi meu erro.

Comprei esses 10 alqueires de terra, mas rapaz, eu entrei num monte de cobra desgraçada. Desgraçada mesmo, e desgraço até hoje.

Entre no meio de irmão e irmã, e cunhado e conhecido e compadre. Ali parece que entrou o capeta no meio. Acho que eles lidavam o livro do São Cipriano, mas rapaz do céu, pelo amor de Deus. Eu tinha criação boa, eu tinha meu dinheiro que dava pra fazer tudo e sobrar dinheiro, mas foi indo e foi o mesmo que bater o sol em cima de uma geada, foi derretendo aquilo que sumiu.

Os meus bois, que eu não dava por uma panela de ouro, boi tratado no galpão rapaz, tratado 2 a 3 anos uma pareia de boi no capricho, manso barbaridade e bom e gordo, porque eu botava milho no coxo pra aqueles bois de sobrar e depois largava no meio de um aveial e lá eles comiam o tanto que eles queriam.

E quando ia trabalhar também eu pegava de manhã e chegava em casa meio dia e a tarde tornava trabalhar, voltava quando anoitecia, e os meus bois eram demais, mas de repente morria um boi, de repente morria outro, de repente morria uma vaca de leite. Rejeitando “mil reais” por uma vaca boa de leite e daqui pra lá ela morria.

Mas olha, foi num ponto que eu me desgostei tanto que eu não sabia o que fazia daquela terra pra eu sair de lá.

E outra coisa atrás desta, eu ofereci aquela terra por 8 mil. Tinha tudo, fiz casa, fiz galpão, água encanada, horta, potreiro pra criação, galpão pra botar 6 cabeças de gado. Oferecia por 8 mil e ninguém comprava. Os compradores vinham até uma altura da estrada e voltavam pra trás. Lá não sei que capeta que tinha que ali não chegava, não dava jeito. Eu tive que procurar o centro pra tirar aquele inferno dali pra poder vender.

Aí quando foi um dia um homem chegou e disse hoje vai vender a terra. Óh, hoje você vende boi, vende vaca, vende terra, vende porco, galinha, vende tudo que você quiser. Dito e feito. De repente chegaram dois homens lá e compraram o paiol cheio

de milho. Também na mesma hora arrumei o caminhão para a mudança para vim pra cá. Porque eu já tinha vindo antes, o meus cunhados moravam aqui em Santa Terezinha, eu vim antes, olhei o lugar e olhei a plantação de hortelã. Então, a hortelã tinha uma influência, meu Deus do Céu, olha, a planta de hortelã era o mesmo que jogar dinheiro na terra, aquilo ali estava juntando dinheiro todo dia.

Cheguei ali e comprei 3 alqueires de hortelã e paguei. Comprei e paguei e fiz um contrato assim com o cara. Óh, se até tal tempo eu vier aqui, você desocupa a casa e se eu não vier, fique com odinheiro e a roça.

Aí quando eu vendi minha terra já mandei avisar pra desocupar a casa porque até tal tempo eu ia chegar com a mudança e ele desocupou. Cheguei ali e toquei aquela lavoura de hortelã 3 anos. Rapaz, mas me deu dinheiro igual água. Nunca tinha pegado tanto dinheiro quanto eu fiz com aquela roça de hortelã. Eu vendia, lambicava a lavoura de hortelã me dava 200 litros de óleo, eu vendia por 18 mil aquele óleo de hortelã. E foi aonde que de lá comprei aqui pagando muito caro, paguei 14 mil. Ora, vendi lá no Rio Grande a terra nestas condições, me deram 3 mil na hora e 5 mil com prazo de um ano sem juros, foi como jogar fora.

Edson: Isto foi na década de 1970.

Sr. Mario: Isto mesmo, isto mesmo.

Então, foi uma barbaridade, um absurdo. Pra mim foi umas bordoadas mesmo pra acabar de matar. Se não fosse isto, se não fosse tanta, eu pra mim, olha, eu não sei nem como lhe dizer, que a gente bem dizer de casa e era traiçoeiro. Um irmão meu quando morreu pai e minha mãe eu tinha 8 anos, e ele ficou de tutor dos órfãos, mas aquele homem, aquele meu irmão justamente, ele devia de ter morrido antes de nascer.

Edson: Ele era muito ruim.

Sr. Mario: Não, eu ia matar ele. Na verdade eu falei que eu ia matar ele, eu ia matar ele. Mas daí, saí da casa dele e nunca mais nem quis saber. Até hoje eu me lembro dele e eu tenho raiva dele. Porque, se, eu acho eu, que se, por exemplo, aqui mora o meu pai, e ele morreu, eu tinha minha casa, larguei lá e vim aqui tomei conta. Mas, eu sou tutor, ele ficou de tutor dos órfãos, mas ele tomou tudo o que os órfãos tinham e vendeu. Vendeu. Ele me tirou tudo o que eu tinha, ele vendeu. Além de eu trabalhar tantos anos pra ele e não ganhar se não um feijão bebido pra me alimentar, ele me tomou tudo o que eu tinha, ele vendeu. Vendeu minhas vacas, tudo, tudo. Ele não vendeu a terra porque também ai era muita coisa. Mas, carroça, tudo o que eu ganhei de herança, tudo, ele pegou e vendeu tudo.

E daí teve mais esta. As casas onde morava o meu pai, aquelas lá eram minhas, porque eu era o de menor e era o último da família, e aquelas pertenciam pra mim. E ele pegou e vendeu tudo. Vendeu 5 alqueires de terra e vendeu minhas casa junto pra poder vender melhor as dele, ele pegou 10 mil. Ele pegou aqueles 10 mil e não deu um centavo pra nós.

Edson: Quantos irmãos o senhor era?

Sr. Mario: Oito.

Edson: Tinha que ser dividido igual pra todos.

Sr. Mario: É. Sete e comigo oito. Mas, quer dizer, os outros que era de maior sabiam como era a lei. Mas eu com 8 anos vou saber o que? E daí, eu sei dizer que ele vendeu tudo. Na hora de eu sair de Santa Catarina pra vir pro Rio Grande pra ir

servir, eu tinha uma vaca lá muito boa e ele já tinha vendido aquela também. Daí veio os homens procurar a vaca, daí o dono da serraria foi delegado muito tempo, ele disse: não senhor, esta vaca é de fulano, ninguém leva daqui essa vaca, eu dou dinheiro pra ele e essa vaca fica aqui, ninguém leva.

Daí, saí da casa dele com um par de chinelos e duas mudinhas de roupa dentro de uma mochila. Ele não me deu um centavo pra eu comprar um caramelo pra comer na estrada. Nem adeus ele não disse. Então esse homem pra mim, olha...e outra coisa, ainda se fosse só isto, não era nada. Mas e os desaforos que ele fazia pra gente em casa. A pessoa estava ali quieta e ele chegava com a tesoura e cortava o cabelo e morria de dar risada. Você estava almoçando e de repente ele vinha peidar dentro do prato. Mas olha, pelo amor de Deus, pelo amor de Deus. Um homem desse não era pra existir no mundo. Mas tanto foi que Deus ajudou que deu câncer na próstata e ele morreu. Todos eles, éramos em 8 irmãos, tem só uma irmã viva. Ela já tem 84 anos.

Edson: Mora aqui?

Sr. Mario: Mora no Rio Grande. Eles vieram passear aqui, tudo bem, tudo bom, mas aquele cunhado pra mim, eu também morei na casa dele, trabalhei 2 anos e o que ele me deu foi um pano pra uma camisa por 2 anos de serviço.

Então, da minha gente, eu sei dizer pro senhor que eu nunca vi na minha vida, não pode existir gente de um coração tão desgraçado do jeito que foi, pra mim, eu nunca vi na minha vida, e não quero ver. Aí eu fui me virando como eu pude, como eu pude, como eu pude, mas sempre me cuidando porque quando podem me pegar alguma coisa eles pegam mesmo. É, tinha que me cuidar muito.

Mas, no nome do Nosso Senhor Jesus que tanto me ajudou...hoje sinto, eu podia estar bem melhor, podia estar muito, muito, muito bem com tudo o que eu trabalhei, que segurei, era pra ter muita coisa, mas não deu porque quando eu queria arrumar uma coisa um ou outro tirava. Então, aqui ainda comprei 10 hectares, paguei 14 milhãoa vista.

Edson: O senhor sempre lidou com a terra?

Sr. Mario: Sempre, sempre. A minha vida foi mexer com terra, com as vaquinhas. Gosto muito, tenho minhas vacas aí. Estou comprando milho e tratando das minhas vacas por causa da seca. A grama estava ruim, comprei bastante adubo e semeei o adubo no pasto pras vacas se alimentarem.

Edson: A terra do senhor aqui é pra onde?

Sr. Mario: A minha terra pega esta parte de cima, até a parte daqui, ela de lá da rua vai lá na casa do alemão lá. Aqui ele mediu, agora aqui eu não sei se está bem medido porque o cara que me media aqui cada vez que ele media ele tirava um pedaço. Era o Ivo que era o dono aqui, um tal de Ivo Quadriotto, aquele homem roubava até não sei de quem. Até o genro dele media junto, então media com arame de 10 metros, media as datas, eu ia na frente e marcava onde dava o arame, e daí um metro ou dois antes de chegar ali ele já marcava. O genro dele falava: fulano, você vendeu a terra cara não roube do homem. O genro dele mesmo falava pra ele, não roube. Você vendeu a terra cara pra esse homem, está vendida, você recebeu, foi com o que você se alimentou, comprou carro com o dinheiro dele, mas não roube do homem. Então eu não sei se está certa esta medição. Foi marcado por ele. Coisa do outro mundo né, fazer o que.

Edson: Tem gente que gosta sempre de levar vantagem né.

A não, desvantagem ninguém gosta de levar. Mas eu sou uma pessoa feito assim, sou pobre, não tenho quase nada, mas não peço também nada pra ninguém por nada. Se eu dever um tostão, nem que seja um filho, um filho vem aqui trabalha uma hora eu pago. Eu quero ver dizer: teve isto aí porque eu fui lá e fiz. Não senhor, tudo eu pago. Vivocom o que é meu. Eu sou uma pessoa que não devo pecado a Deus de dizer eu logrei esse, eu logrei aquele, eu tirei um centavo de um ou de outro.

Me sinto feliz porque não tem ninguém que chegue aqui, no Rio Grande ou em Santa Catarina, ou lá no Mato Grosso onde eu andei que diga, fulano ficou me devendo um real.

Edson: Seu Mario, o que o senhor lembra lá da Alvorada do Iguaçu?

Sr. Mario: A Alvorada do Iguaçu, ela justamente, ela era uma vila muito boa. Tinha uma serraria lá onde eu comprei essa madeira que até hoje está aqui na minha casa. Isto já tem cinquenta anos pra lá. Comprei. Paguei cinco mil reais pela madeira naquele tempo. Então, eu sei dizer que a Alvorada eu achava até bom. Uma vilinha boa. Uma vilinha que dava pra gente ir lá. É onde a gente tinha a farmácia pra gente buscar o remédio quando tinha uma criança doente uma coisa eu corria lá.

E tinha um tal de Bianco que era o dono da farmácia. Um homem muito bom, mas muito brabo. Ele era delegado do lugar. Esse Bianco, esse Bianco pra mim foi um homem muito bom. Muita gente falava de vir, que aqui tinha bodega, tinha três a quatro bodegas, e matavam gente aí pra ver morrer.

E um homem muito brabo, morava bem aqui, um tal de baiano, todo mundo tinha medo dele. Pra mim era meu amigo, ele tinha uma loja ali e dizia, o seu Mario vem cá, olha, se precisar de alguma coisa que você não tiver dinheiro, já deixo a ordem pra minha mulher que a hora que você precisar é só vir aqui buscar. Pra mim foi muito bom. Ele foi morto ali com uma punhalada no peito, só porque deu um tapa na cara do irmão dum capixaba, o capixaba viu o irmão dele muito brabo e matou. Cheguei lá ele estava morto. Eu falei: Cleo, era filho do baiano, você não viu eles matarem teu pai ali? _Não eles estavam brincando_ digo, olha ali teu pai morto ali pra fora da escada ali rapaz. Ele foi ver, aí pegaram ele levaram pra São Miguel, foram ver como é que estava, mas já fazia meia hora que ele tinha morrido. Uma punhalada em cima do coração que ele nem viu como que ele morreu. E o cara, garrou ali pra baixo foi parar lá pra baixo onde a gente plantava arroz na fazenda num banhado assim. Aí a polícia veio e ter com a outra mulher que ele tinha, na paulistana, ta lá ainda, a mulher desse baiano ainda mora lá na paulistana, ela é viva ainda, a mulher legítima dele. A mulher falou: não, mataram ele, peguem ele e joguem não sei pra onde porque eu não quero que venha velar aqui. Ele batia muito nela. E pegou outra nova que ele tinha aqui. Então, a mulher não quis nem saber. Desse homem não quero nem saber. E falou tanta coisa lá que a polícia falou pro cara que matou ele, que se ele tivesse escondido, falou pro administrador da fazenda, fala pro cara que matou o Baiano, que ele venha embora cuidar da família dele que de nós ele está livre. Sepultaram o Baiano e ninguém fez nada.

Edson: O homem era ruim então.

Sr. Mario: Ele era brabo e o povo tinha medo dele. Ele ajustava peão, trabalhava pra ele, nas lavouras de hortelã, de arroz, ele tinha um capitalzinho. E aí quando era de pagar, ele pagava batendo nas pessoas, não pagava.

E essa farmácia do Bianco, era onde nós nos servíamos de remédio. E o Bianco era o delegado do lugar.

Edson: Eu acho que ele era pai, o filho dele também chama Bianco né.

Sr. Mario: Sim, acho que sim.

Edson: Porque tinha uma farmácia lá na Vila C onde eu morava, que ele tomava conta.

Sr. Mario: Isso, isso, ele foi pra Foz.

Edson: Ele tinha uma churrascaria, depois...

Sr. Mario: Sim, eu não sei se o Bianco ainda é vivo.

Edson: Não, morreu. Mataram ele também esses tempos atrás, o filho.

Sr. Mario: Mataram? Nossa Senhora. Porque, quando ele morava aqui na Alvorada, eu não sei, ele tinha encrenca com um paraguaio. E daí, o paraguaio era dos tal que não tinha medo e veio ali e fizeram um tiroteio pra matar o paraguaio, e o paraguaio baleou o filho dele. Baleou parece que o Bianco e o filho dele. Mas eles mataram o paraguaio.

Mas o Bianco, aqui tinha gente que tinha bolsa de sal, destas bolsinhas de sal, e tem até hoje, cheia de revolver e pistola, e tanta arma escondia ai nos mato embaixo das madeiras, e fazia travesseiro daquela bolsinha. O Bianco vinha aqui de noite e dizia: *Você conhece fulano?_Sei._Sabe onde que ele dorme?_Sei._Então vamos lá comigo que eu vou prender ele.* Ele ia lá, prendia o homem, só que aquele não voltava mais.

Mas pra mim, então tinha muita gente que me incomodou muito aqui e, não sei se eles falavam pro Bianco ou o que. O Bianco nunca me incomodou. O Bianco falava, ó, gente...tinha um cara aqui, o véio, o pai e o filho. Então eu plantava da rua pra lá 3 alqueire de terra que eu arrendei do dono da terra por quatro anos, pagando 30% livre. Daí trazia, ele vinha morar ali, trazia uma galinhada, cinquenta a cem galinhas, quando meu milho tava crescendo, ele soltava aquele bando de galinhas arrasando a roça. Aí eu falava pra eles e não adiantava. Ele saía puxar madeira com o caminhão e a mulher soltava aquela galinhada morta de fome, nossa Senhora.

Aí eu falava lá com o dono da terra, ele vinha ali e dizia, eu vendi lote mas eu justamente não vendi pra criar galinha. O homem tem a família pra tratar, ele trabalhou, ele quer colher as plantas dele.

E daí o filho e o velho, que era o sogro desse cara que morava aqui, eles começaram a me perseguir. Pegaram raiva de mim. O velho vinha ali na bodega, bebia uns trago e arrancava da faca e ficava bem louco. Eu fui lá no Paraguai. Tinha uma mulherzinha morena, ela vendia arma. Eu digo: o, abençoada, quanto é que vale um revolver aí._Vale seiscentos reais _ Então me dá um pra cá, me dá uma caixa de bala. Aí, meu cunhado era inspetor, entreguei o revolver pro meu cunhado, pra outro entreguei a caixa de bala, se a polícia me revistar eu não tenho nada.Trouxemos.

Botei o revolver na minha cintura e disse, agora o negócio é comigo mesmo. Vamos ver o que é que nós vamos fazer. E foi aquelas galinhas, barbaridade. Meu Deus do céu, Nossa Senhora, dava uma chuva a mulher soltava aquelas galinhas. O jeito que tem é, eu vou armar arapuca. Vou armar arapuca com umas tábuas ali, com uns tocos, pode ser que ela segure. Eu ia lá montava quatro a cinco tábuas, botava

quirera embaixo da arapuca, mas olha, matava galinha que não era mole. Botava em cima dos tocos.

Ele foi lá e trouxe o Bianco. O Bianco chegou bem macho aqui. Quem é que tinha matado aquelas galinhas? O Bianco não me levou pra cadeia aquele dia porque veio o Ivo de lá disse, não senhor, aqui eu vendi lote aqui, mas aqui a terra é minha e eu arrendei, o homem tem a família dele pra tratar e o negócio é que essas galinhas, eu não vendi lote aqui pra criar galinha. Eu também tenho parte nesta planta. Mas o Bianco, já tinham enchido a cuca dele barbaridade, ele veio com espírito de porco. E nós íamos nos estranhar com ele. Eu também não arredo o pé pra qualquer um não. Aí, os caras ficaram me perseguindo, eu digo, eu vou matar, vou matar todos os dois. Enchi meu revolver de bala, botei na cinta, e ia trabalhar lá na fazenda do Flávio, lá na Santa Luz, e passava todos os dias na estrada, todo dia pra lá e pra cá, eu e a minha família. Daí, ele _é, não sei o que, não sei o que. Eu disse: fulano, eu não quero briga, eu não quero briga. Mas o meu suor, eu não estou pra derramar suor debalde. Tenho minha família pra tratar. Eu peço por favor de Deus que segure essas criação tua.

E veio o Bianco de lá e me perguntou que é que tinha matado as galinhas? Eu disse: Foi a arapuca. _e quem é que armou as arapucas? _ eu que armei as arapucas, fui eu. _é porque não sei o que...o cara lá arrancou da faca e veio pra cima de mim. Eu digo, rapaz deixa pra lá que eu te arrumo uma viola. Você é bom, você e o capeta do teu pai. Me ataque na estrada, toda hora eu estou pra lá e pra cá, me ataca na estrada. Aqui não vamos brigar na frente do delegado. Me acerte na estrada, meu Deus do Céu, que nós vamos medir os passos é ali.

Quando foi um dia de manhã cedo tinha um rapaz que morava aqui. Nós trabalhávamos a terra lá em baixo. Ele plantava meio alqueire de terra de arroz e eu meio alqueire. Então nós fazíamos a terra meio junto com ele porque ele ajudava eu plantar, eu ajudava plantar o arroz dele e daquele jeito a gente estava levando. E quando foi um dia de manhã eu sai daqui e cheguei ali aonde mora, onde hoje é do Carlinho Cereno, ali era terra dele, eles estavam carpindo, mas eles carpiam assim numa rodinha na barranca da estrada. O velho com um punhal assim enfiado na frente e o cara aquele com um revolver. Eu digo, hoje eu vou matar os dois.

Eu disse pro meu companheiro: ó, você, por favor de Deus...eu estava desse lado...você não chegue pra frente, não chegue pra frente que eu vou matar os dois é hoje. Já fiquei com meu revolver prevenido. Aí, quando eu fui chegando como, olha, como daqui ali, que eles fizeram menção de descer a barranca da estrada que eu já levei a mão no revolver pra sapecar um pra não descer a barranca. Um eu mato no descer a barranca, o outro se correr eu mato ele antes de chegar na casa.

Aí, foi onde que chegou o administrador da fazenda com o carro, freou o carro ali e disse, seu Mario, monte aqui no carro, monte aqui. Daí eles pegaram a ferramenta e foram embora. Daí o Bianco desceu, ó, o seu Librio e seu Adão, eu tenho uma coisa pra falar pra vocês curta e certa, o dia que o Mario matar vocês dois, eu vou apear pra levar vocês dois mortos, mas prender ele eu não vou, porque, lá na bodega todo domingo vocês estão lá brigando e enchendo a cuca de pinga, e o Mario mora lá encostado e eu nunca vi ele lá na bodega, ele está em casa cuidando da família dele. Nunca vi este homem chegar na bodega, todo domingo eu estou lá na bodega lá. E faz anos que ele mora ali, e justamente nunca vi este homem chegar na bodega, nunca vi pedir um trago, nunca vi nada. Ele está lá na casa dele cuidando da família dele, agora vocês vivem fuçando ele. O dia que ele matar vocês eu posso ir lá pra juntar vocês mortos, mas pra prender ele, negativo, o Bianco falou. E daí

tiveram que parar né, tiveram que parar porque eles viram que a coisa não ia pra frente né, mas razão também não tinha.

Então aconteceu, olha aconteceu tanta coisa aqui que nem é bom lembrar. Barbaridade, coisa séria. Aqui existia muita gente ruim aqui. Tinha um pessoal aí. Eu acho que tinha umas 600 pessoas mais ou menos, frequentavam essas bodegas aí. Dia de festa, dia de domingo, aquele vai e vem, aquele alvoroço. Jogo de futebol ali na frente, que o seu Flávio deu o terreno pra eles fazerem um campo bem grande de futebol, mas no fim, pra arremata o caso, teve que vi o Batalhão de Foz desarmar todo esse pessoal porque era demais. Você imagine, de vir o Batalhão, não era pouca coisa né. Se fosse um, ou dois, ou três, a polícia podia dar conta.

Edson: Então morava bastante gente pra cá.

Sr. Mario: Muita, muita. Aí era tudo mato, tudo mato, tudo mato. Aí derrubaram aí. Engraçado, eles roçaram o mato e botaram fogo. E daí o facho não queimou bem o miúdo por causa da sombra da copa das árvores, e aí foram derrubar as árvores grandes, e daí não queimou, e ficou aquela galhada barbaridade. Foram plantar hortelã, não deu nada. Não deu nada porque não tinha como dar. Eu plantei hortelã e deu muito, mas a minha roça era limpa, era limpa, tinha só a hortelã e os tocos. As madeiras grossas eu mandava cortar e amontoar. A galhada eu tirava tudo. A lenha, que aqui tinha muito Angico, eu mandava cortar de motosserra e nós com a família ia juntando e botando em pé a par dos tocos pra depois quando fosse lambicar a hortelã tinha lenha pronta.

Então, o patrão morava lá em Foz, ele dizia, não, esse homem aí, eu nunca vi um homem de sorte igual a esse, trabalhador, porque a hortelã dele toda a vida é o que dá mais. Eu deixava madurar a hortelã e os outros cortavam a hortelã verde pra gastar o dinheiro meu Deus do Céu. Saíram de lá não tinham dinheiro pra pagar a mudança.

Todos tinham a lavourinha de hortelã, mas ele só viviam dormindo com a cuca cheia de pinga e botavam peão lá na lavoura. Eu não botava peão na lavoura, eu botava meus filhos, minha mulher, eu, minhas meninas. Vamos cortar a hortelã, vamos botar peão se vê que precisa eu boto peão, eu tenho dinheiro, pago pra cortar. Tenho meus cunhado, a gente troca serviço. Então assim nós dávamos conta né.

E guardando um dinheiro né, porque digo, uma hora nós saímos daqui e a hora que a gente sair daqui nós temos com o que nos valer pra viver em outro lugar. Se não a gente vai sofrer. Toda a vida eu pensei foi isso. Meus cunhados, teve um, que hoje está morre e não morre lá no Mato Grosso, ele me botou no mato, porque ele me falou, vamos, fez eu vender a lavoura de hortelã, vender meu gado, que eu tinha bastante gado na fazenda, porque o doutor Rubem era o maior amigo meu, eu arrumava as cercas lá do pasto e ele dizia, ó fulano, você pode comprar gado e botar aí no pasto e não tem que pagar, pode botar, você está cuidando da cerca e gostei de você e gostei do teu serviço. Porque eu fincava os palanques desta fundura. Os mineiros iam lá, com o enxadão, davam três enxadãozadas e botava o palanque alí e granpeava e a cerca já caía. Aí o doutor disse, ó, te dou terra pra você plantar de graça também. Pode roçar aí a quiçaça e plantar milho, não te cobro nada. Então foi aonde que ele me ajudou. Quando eu estava lá com doença também ele não cobrava tão caro. Alí o doutor me ajudou demais.

Aí veio meu cunhado e disse, vamos embora daqui porque lá em Rondônia dão terra de graça, que não sei o que. Dei o dinheiro pra ele pagar a passagem pra ir lá ver e ele vem de lá com mentira, que era um lugar bom, que não sei o que, que não sei o que. Eu peguei e fui lá ver, lá só tem bandido, só tem bandido, só tem bandido. Lá,

os coitadinhos que iam daqui, abençoado do céu, que vendiam tudo e levavam o dinheiro, ficavam lá na beira da rua debaixo de uma lona esperando. Lá tinha os vigaristas, então eles combinava, ó, você é dono dessa propriedade, vamos fazer assim, eu vou lá e ofereço tua propriedade pra ele, que é uma propriedade boa, que assim e assim, e faço que eu que sou o dono e vou vender a terra pro cara, a gente pega o dinheiro e reparte, e você não deixa ele entrar aí, e ele se lasca.

Assim, meu pai do céu, eu vi tanta mulher chorar lá por causa disso. É, viemos pra cá, acabamos debaixo de uma lona, serviço não tem, dinheiro acabou, terra não tem, não dão pra ninguém e bandido na rua, ia caminhando e um puxava o revolver e matava outro ali a troco de nada. Se encontrou, atirou, matou. Eu vi lá com meus olhos, daí disseram lá, fulano, você quer saber bem como é que é Rondônia, você vai na missa. Você vai numa missa que vem o padre rezar a missa e lá na igreja eles vão contar e você vai saber muita coisa lá. E eu fui. Cheguei lá rapaz e eles diziam bom dia, boa tarde pro padre assim como nós, não respeitavam muito o padre também não. Daí chegou a hora da confissão, rezando a missa, chegou a hora da confissão, e cada um contava os pecados dele gritado lá, mais de cem pessoas. Aí era só mulher que falava: é, mataram meu marido e agora eu estou aqui sofreda, com tantos filhos pra dar de comer, sem recurso, sem ter pra onde ir. Mas olha meu Deus do Céu, daí que eu acabei de crer como era o negócio, não, não, pelo amor de Deus, vou ficar por aqui mesmo, aqui ao menos o que comer nós temos. Vamos ficar aqui porque lá o que tinha mais que tudo que é bandido que tinha em Foz e Mato Grosso.

Estavam uma semana telefonando pro Zé, que era o motorista do ônibus que vinha de São Miguel aqui, então ele morava ali naquela casa ali, e ele foi pra Rondônia. O Zé falava, seu Mario do céu, pelo amor de Deus, esse é o lugar que o filho chora e mãe não ouve. Lá até os irmãos desse Zé mataram. Coitado, a mulher foi embora com outro, e acabaram matando até ele. A coisa mais triste do mundo, não, não, não, não, não, pelo amor de Deus. Fiquei lá trinta dias, eu vi e vim embora e disse, mulher, pelo amor de Deus, o tio Zé ia botar nós na pior do mundo. Os parentes me ajudaram desse tipo aí.

Edson: Aí o senhor resolveu ficar então

Sr. Mario: É eu vou dizer que eu não, nunca vi, nunca vi, nunca vi, nunca vi, nunca vi uma coisa igual., uma barbaridade dessa.

É, esses meus cunhados bendizer eu criei eles dentro da minha casa, tratando deles. O pai de lugar, deixou a terra lá, eles iam plantar na terra, e era dentro da minha casa que eles almoçavam, posavam, plantavam aquela terra e toda vida ajudei e pra mim ninguém me ajudou nada. Ajudou devorar minha vida.

Edson: E a Vila Bananal aqui, tinha muita banana ali né. Como é que virou Vila Bananal?

Sr. Mario: Não, de primeiro aqui, eu digo pro senhor que virou Vila Bananal porque tinha uns 300 alqueires de banana. Porque o Luiz Salasi, ele plantava essas terras, tudo o que senhor vê aqui era quase tudo cheio de banana que era dele. Ele tinha 14 peão fichado, aonde que meu filho tocou quase vinte anos trabalhando junto com o Luiz. Quando ele saiu, ele deu mil reais de acerto. E o Luiz está com 80 a 90 alqueires de terra, ceifa nova, 2 tratores novos, morando num prédio lá na frente do Itaipu em São Miguel, caminhão, diabo a quatro, e quem trabalhou pra ele está aqui, pobre do mesmo jeito que estava antes.

Agora, esse meu filho que trabalhou ali pra ele, lutou muito aqui, e o Luiz prometendo, não a hora que você sair eu te dou 2 alqueires de terra e não deu nada, não deu nada, nada, nada, nada. Aí o meu rapaz chegou aqui um dia desanimado, disse, mãe, eu vim avisar vocês que eu estou indo embora. Estou indo lá pra Chapesal. Vou embora pro Mato Grosso, vou experimentar a vida lá. Os Maggi pagam bem e eu vou pra lá. El botou as mudanças numa bolsinha e pegou a família e botou no ônibus e se mandou. Trabalhou mais de 10 anos lá com os Maggi, sofreu o que os cachorros deixaram de sofrer, mas comprou 2 datas lá na cidade e construiu as casas. Estão lá as casas e as datas, hoje estão valendo acho que uns 300 mil. Mas ele não quer vender. E tem 2 datas ali em São Miguel, que ele mora ali, e tem só um casal de filhos que já são casados. Estão bem. Mas ele, o serviço dele é fazer casa de material. Ele tem mais de 100 mil em ferramenta. O que tinha lá no Mato Grosso que ele trabalhou lá está lá guardado, está lá nas casas dele. E as casas estão alugadas, ele ganha lá uns 3 mil por mês de aluguel. E, aqui ele está fazendo uma casa pra um rapaz que ele empreitou pra fazer por 50 mil. E ele trabalhou lá na fazenda Lar, e lá mesmo meu Deus, Nossa Senhora do Céu, o tanto de galpão que esse homem fez, eu acho que dá quase mil metros de galpão que esse homem fez, porque lá tem muita, tem mais de 2.500 cabeças de gado tratadas com a ração. E ele quem fez os galpões e fez os tratos pras criação. Ele fez de 4 metros de largura e 3 de altura, tudo feito de matéria. Ele trabalhou muito lá. Ele ganhou bastante dinheiro, mas é como ele disse, eu ganho na verdade bem, não posso me queixar, mas a ferramenta também que estraga, tem que comprar outra, não é fácil. Então, está lutando, lutando. Todos eles, os meus filhos, todos eles, não tem nenhum mal de vida. A mais pobre ainda tem uma casa muito boa em São Miguel.

Edson: Como é que é a relação de vocês aqui com São Miguel e Foz do Iguaçu seu Mario?

Sr. Mario: Olha, eu digo até a verdade, São Miguel, eu até sinto, eu até sinto morar longe de Foz do Iguaçu, sinto. Agora, aqui em São Miguel, pra nós, nós estamos aqui obrigados, obrigados, porque neste canto aqui, olha eu precisei, eu fui lá na farmácia pegar um remédio esta semana, aí, por um descuido de nada, o ônibus não tinha aluno, porque nós sempre ocupamos o ônibus que puxa os alunos, é o único transporte que tem. Aí o ônibus veio embora e eu tive que pagar setenta reais pro rapaz me trazer aqui. O ônibus veio embora e eu me perdi porque fui lá na farmácia atrás de remédio, eu fui no posto e tanta coisa e com uma correria danada e a gente corre tanto e arruma tão pouca coisa.

Olha homem, uma coisa que eu reclamo, toda a vida venho reclamando, e olha eu não sei pra qual santo chamar porque esses bicos de luz da iluminação pública passa três a quatro meses que queima o bico e vira uma escuridão desgraçado e ninguém arruma. Vou lá em São Miguel, lá na Copel, ah não, tem que ir lá na prefeitura, vai lá na prefeitura e eles dizem que tem que ir lá na Copel, e ninguém arruma. Eles falam assim, nós não podemos arrumar porque lá é município de Foz e nós aqui somos de São Miguel, então Foz que tem que vir arrumar. Agora nem vem de Foz e nem vem de São Miguel e nós estamos aqui pagando e castigados a vida inteira. A vida aqui é desse tipo.

Edson: Um empurra para o outro.

Sr. Mario: O povo de lá de Foz a cada dez anos aparece um. E de São Miguel, nenhum, porque falam, lá é município deles, eles que se arrumem. O fulano, mas

olha aqui ó, na hora de pagar pois o meu dinheirinho cai aqui. Nunca fica um dia atrasado o pagamento da luz que é gastada, mas olha arrume, eu estou pagando o que não tenho. Não vem, não adianta. Vai se queixar pra quem que não tem, ainda viram a cara e dão risada.

Meu Deus poderoso, nós aqui estamos perdidos. Na verdade, Foz do Iguaçu é uma cidade boa, uma cidade de muito recurso, não tenho o que queixar de Foz. O povo quando vem e faz as coisas, mas olha, é duro porque não vem ninguém, e a gente cansa de pedir e não tem jeito. Aqui se torna assim, é bem desse jeitinho.

Edson: Uma coisa que eu observei não sei se é assim, na última vez que eu vim aqui ainda tinha as bananas, tinha mais casas. O pessoal ainda está indo embora daqui?

Sr. Mario: Não, tá chegando mais gente. No tempo de ir embora daqui tá chegando mais gente. Porque, tem um rapaz ali que cuida, mas o povo que chega vai lá e corta os cachos e leva, o dono acha ruim e aí ele cortou, por isso que ele mandou devorar. O dono é bravo, é bravo. Ele é um homem bom, é um homem muito bom, é 100%, não tenho queixa dele. Ele é um homem que, quando ele pode ajudar alguém ele ajuda, mas ele tem, Deus o livre se ele ver botar a mão numa banana que seja, ele vai em cima da pessoa. Esses tempos vieram uns caras ali e cortaram uns cachos e botaram no carro, ele correu atrás até lá perto da paulistana pra alcançar eles, fez eles pararem e pagarem pela banana. Lá é meu, quem manda lá sou eu, se vocês tivessem me pedido a banana eu dava, mas chegaram e me roubaram. Ele teve a coragem de correr e cercar eles na estrada pra cobrar.

Agora, aqui, aqui, aqui...aqui eu vou dizer pro senhor, aqui eu vou dizer pro senhor um problema muito brabo. Porque aqui, eu moro aqui porque eu tenho o meu jaguar ali, tá ali atado, tá ali, eu trato deles, tenho bolsa de ração, tem tudo ali, tem colheita feita eu jogo ali, cachorro novo eu trato, trato, cresce e não engorda, mas não é de fome que ele tá assim. Eu seguro tudo as minhas criação, e dos vizinhos a criação me invade todo dia. O Alemão ali tinha dois boizinhos, um até foi uma vaca minha que criou, que era dele, eu comprei dele a vaca, tenho aqui, tava morrendo também, coloca três cabeças de vaca dentro de um piquetinho, um cercadinho de nada, não tem nem o que comer, não dão nada pra comer. Aí ele pegou a vaca e levou lá no Calinho, a vaca muito boa de leite, Deus o livre, uma vaca boa eu comprei, e digo, o Alemão, quer vender a vaca, eu tenho muita dó dessa vaca, ele colocava na sogá, os carros pegavam na corda da vaca e arrancava os couros tudo assim da vaca, quase matava ali na estrada. Coitada, a vaca amarrada na sogá, mas ela quer passar para o outro lado da estrada, os carros vinham e, Nossa Senhora. Comprei dele, dei uma moto, me custava cinco mil a moto, dei a moto. A vaca tenho aí. Ela criou dois bezerros, ele solta os bezerros, não tem o que comer, eles vem aqui e me comem todo o milho que planto pra tratar das minhas eles vem e comem meu pasto, pisou a terra, eu aviso e ele não faz conta.

Dei parte na delegacia, o delegado puxa o saco dele. Fui lá dar parte de novo, nem na minha cara não olhou porque ele veio de lá dando tiro com a frobé, pegou dentro do meu pasto ali e descarregou a frobé ali. E eu passei a mão na minha frobé e digo, vou matar ele é agora. Quando eu passei a mão na minha frobé que eu corri ali pra matar ele ali ele sumiu. Ele sumiu, eu digo, eu vou matar ele, vou matar ele, eu mato mesmo, agora eu resolvi de matar porque, galinha eu planto milho e elas comem tudo, então não adianta, os bois ele solta, e toda hora desaforo, e toda hora é esse inferno brabo, ia indo pra um ponto que eu não aguento mais, então nós vamos dividir na bala. Aí eu chamei, o, fulano, você é o bom da boca, vem cá, vamos

disputar o tiro no meio da estrada aqui. Você é macho mesmo, você vem pra cá que eu quero te dar um tiro no meio da testa. Chamei ele ali, mas você pensa que ele veio. Você tem 50 capangas, eu sou sozinho. Mas sou homem, não vai atirar atrás do tóco não, se quer matar um, chega de cara a cara, seja como eu, seja honesto e certo. Eu não vou me esconder, pra te dar um tiro eu não vou me esconder não, e não te dou um só, te dou até 50, se for preciso.

Aí ele tira com as boas, não fulano, não, não,...é rapaz, quando eu dei parte dele, tive que dar parte dele lá na delegacia em São Miguel, porque ele faz todas essas coisas comigo aqui e vai brigar comigo lá na casa do vizinho que não tem nada a ver. Ele chegou lá com a caminhoneta e foi brigar comigo. O dono da casa ficou com raiva até dele. E fulano, como é que fulano vem brigar com fulano aqui na minha casa, não tenho nada com isso. Eu disse, Alemão, eu não tenho medo de homem, eu não tenho medo de você. Você tá enganado comigo, já vi muita gente morrer nos meus pés, não é o primeiro. Não tenho medo de homem, não sou mais que ninguém, mas não menos que ninguém. E não estou fuçando briga com ninguém. Quando eu falo é porque tenho 50 mil razões. Agora se a pessoa quer desfazer e fazer e desfazer, e pintar e bordar comigo não vai. Comigo a disputa é na bala.

Aí ele, é fulano, não tenho nada com você, tudo bem, tudo bem, e vem aqui me pedir favor, e podia me emprestar tal coisa, essas coisas tudo né. A mulher falou, olha, é melhor parar com isso, pelo amor de Deus do céu, chega gente aqui faz até vergonha. Mas é vergonha mesmo, é vergonha, e acho que não é só vergonha, isto aí é uma coisa muito séria, que tá loco, entre vizinho, vai ficar se matando entre vizinho. Um vizinho é pra servir o outro. Mas quando pega demais, demais, demais, demais, e avisa, avisa, avisa e o cara não conta, não quer saber de nada, e quer ser ele o mandão, digo ó, ali tava, um coitado de um velhinho ali, morou 30 anos ali, então veio a prefeitura de Foz e fez uma meia água pra ele, pra ele morar ali, e ele ficou doente, ele tá lá no asilo lá em Foz. Pois agora, eles tomaram conta da data, fizeram duas casa em cima, o velhinho tavivo, mas não sabe disto, o velhinho tinha mudança e deram fim, máquina de lavar roupa, ferramenta, cachorro bom de caça o velho tinha, ele não ia caçar sem os cachorros, saiam todo dia. A cama dele, a prefeitura deu até a cama, as coisas dele jogaram tudo na beira da rua lá. Tomaram conta de tudo ali e plantaram a data e na frente fizeram duas casas e tem gente morando aí, que veio lá do Paraguai. Não estou denunciando ninguém, mas o que é verdade é verdade.

Edson: Neste momento Seu Mario foi buscar um suco pra me oferecer.

Deixa eu fazer um pergunta Seu Mario, a Itaipu interfere alguma coisa aqui ou não?

Sr. Mario: Não. Nada, nada, nada.

Edson: Eles não vem fazer nenhum trabalho assim de acompanhamento, pra ver como é que está.

Sr. Mario: Nada. Nada, nada. Digo a verdade pro senhor, a Itaipu nem é lembrada aqui. Eles não vem aqui. A itaipunão, nunca deu nada, nunca fez nada, nunca ajudou com nada, nunca lembrou do lugar, só lembra do lugar, eu falo bem a verdade pro senhor e adoro que seja bem gravado, que nunca ajudou e nunca lembrou. Só lembra do lugar quando tem que levar o dinheiro para lá, mas ajudar com alguma coisa não.

Edson: Eu pergunto porque aqui ficou isolado por causa do lago né, ficou separado de Foz do Iguaçu.

Sr. Mario: É, é.

Edson: E Foz do Iguaçu recebe um dinheiro todo mês da Itaipu por causa do lago.
Sr. Mario: Meu Deus do céu, Nossa Senhora.

Edson: Então não vem nada pra cá desse dinheiro?

Sr. Mario: Nada, nada, nada. Nem um centavo. Agora tem uma, vinha muita gente aqui, muita gente vinha aqui que nunca ajudou com nada. Mas de repente a comunidade que tinha aqui resolveu de fazer essa igreja. Vamos fazer a igreja, vamos fazer a igreja, mas daí naquele tempo uma tal de Tania, era uma dona que ela ia lá em Foz e queria ser tudo lá com o prefeito, e mandou fazer a igreja muito grande. Foi muito material, mas no final aconteceu que abandonaram a igreja descoberta, estava acabada, estava acabada. Aí eu falei, não, vamos tocar isto pra frente e vamos arrumar. E ajudando, e ajudando. Até televisão demos pra botar na rifa pra bem de arrumar um dinheiro pra arrumar a igreja. O que nós podíamos fazer nós fizemos. Aí foi indo pra um ponto que juntamos os vizinhos, um ajudou um pouquinho, outro ajudou um pouquinho, porque a Tania, ela foi uma mulher assim, ela saía pedir arrecadação pra ajudar a igreja, mas a arrecadação ficava toda pra ela e pra igreja ela não dava nada, nada, ficava tudo pra ela.

Até teve um padre missionário que esteve aqui, teve as missões, não lembro quantos dias, ficou parando até na casa da Tania. Mas eu sei dizer pro senhor que até o padre se desconjurou. Disse, essa Tania vai morrer de uma morte muito triste, disse ela vai pagar o que faz, ela estava brigando com as outras vizinhas ali por causa disto, por causa daquilo, ela queria saber mais do que todos e queria mandar em tudo. A mandona aqui era ela. Até o marido dela veio aqui pra me matar, o tal de Divo Rossi, juntou a cambada de peão dele, de bandido dele lá, porque ela estava sentada aqui e nós proseando aí, ela tinha ido arrecada até o sacrário da igreja, deram e ela não deu, ficou lá na casa dela, não botou na igreja, vai daqui, vai dali, e arrecada tanta coisa mas não aparece nada pra igreja. E não sei oque, anoiteceu e eu sentado ali onde o senhor está e ela aqui. Falei, fulana, me dá licença, mas eu tenho umas criação pra tratar, que agora já é noite né, então, você pode ficar aí à vontade. A mulher também estava lidando com a janta, mas você pode ficar aí que eu só trato da criação, e não tem problema. E daí ela foi embora, eu não sei o que foi que ela falou pro macho dela, e o marido dela não se dá com o irmão que mora ali, não estavam se dando. Então, quando foi umas horas da noite eu ouvi aquele tiroteio de lá, e vem dandotiro em frente a igreja, e vem dando tiro até aqui, e chegou aqui encostou, não tinha cerca, encostou o carro ali perto da áreaali e arrancava a grama com os pneus do carro e saltou 3 dando tiro ali fora, eu ia sair e eu ira morrer que nem um passarinho sem saber porque.

Daí, eu sei dizer que a mulher falou, não, não vai lá fora que eles te matam. Eu podia pegar minha espingardona ali e dar um tiro nele e matar também. Mas ficamos nessa. Aí ele deu tiro ali e foi ali, tinha ali uma bodega ali adiante, foram lá e beberam e voltaram e fizeram do mesmo jeito. Aí eu não importei. Aí tinha o casamento de uma neta minha e a festa era lá no CTG lá em São Miguel. Então, eu fui na festa lá e um amigo meu me falou, eu contei pra ele esse caso, não devo nada, o pai do Divo é meu maior amigo meu Deus do Céu, vizinhamos 30 anos aqui, um homem de bom coração, um homem bom barbaridade. E o Divo fazendo serviço de homem, eu não tinha raiva do Divo, não briguei com ele, não fiz nada pra ele, e ele veio pra quere me matar na minha casa. Daí o rapaz falou, mas pelo amor de Deus, você vai e faça queixa no delegado que isso aí é perigoso. Eu fui lá e contei

pra o delegado e fizeram um papel e me entregara. Mas nem atrás de tirar uma arma não vão, não vão, não se importam, não vão. E ficou por isto mesmo, tenho o papel aí guardado, tanto dele quanto do Alemão.

Daí, fui falar com o Monir, irmão, o....disse não, tinha muito é, um dava 100, outro dava 200, outro dava mais, outro dava menos, na folha da data, o livro da igreja, mas daí o marido dela arrancou aquela folha, embrulhou assim e disse pro Monir jogar fora porque isso aqui não vale nada. Aí o Monir, como não se adaptava com o irmão, ele jogou na lata de lixo né, ele pegou aquela folha, arrumou bem, passou o vapor em cima e guardou, um dia se for preciso está aqui. A prova como é que está. E o resto tenho ali.

Edson: Já viveu muita coisa em seu Mario.

Sr. Mario: É, dois já vieram pra me matar aqui. Ainda não me mataram. Agora se completar os 3 eu não sei.

Edson: Espero que não.

Sr. Mario: É.

Edson: O senhor está com que idade seu Mario?

Sr. Mario: 81 anos, vou completar ainda. Eu completei 80 anos no dia 06 de novembro. Tinha um homem aqui, muito meu amigo. Até a mulher dele mora lá na segunda casa. Então é, eu falava pra ele, ele estava com 80 anos, 83 anos. E vinha aqui, naquele tempo eu tive venda aqui 14 anos, e vinha aqui e dançavam, farreavam, tomavam cerveja a noite inteira. Ele dizia, eu não sei como é que pode, a pessoa, cada uma moda que ele dançava, ele tomava uma cerveja e não se embebedava. Ele e o filho dele tomavam 5 caixas de cerveja numa noite. Nunca vi, não sei onde é que cabe essa barbaridade. Eu não sei como é que pode uma coisa dessas. E ele e a mulher dele vinham aqui os dois, tinha que medir assim no copo igual a cerveja porque um não podia tomar parece que uma gota a mais que o outro. E bebiam. Então, daí eu dizia, mas seu João, meu Deus do céu, o senhor com 83 anos com uma natureza dessas, o senhor dança, o senhor farreia, o senhor parece que tem 15 anos. Às vezes ele reclamava que sentia uma hérnia, reclamava que às ele ia catar milho na roça pra tratar as galinhas, os filhos não ajudavam, ele tinha buscar uma bolsa de milho lá e trazer aquilo nas costas e aquilo prejudicava muito ele. Aí eu dizia, é seu fulano, você viver 83 anos, eu acho eu não chego, mas nem pero disso aí, você pode agradecer a Deus. Uma pessoa com toda essa idade aí e do jeito que o senhor anda, está tudo bem e se alimenta também bem, isso aí é só por Deus mesmo. Agora, eu estou com 80 anos e vivo até, não bem, mas pro tanto que a gente sofreu na vida, eu me lembro de tudo que a gente sofreu na vida, chega uma hora que o peso vai e acarca.

Edson: Mas o senhor está forte ainda.

Sr. Mario: Mas, não, o que me judia demais e não estou achando remédio, é o que eu luto, eu gastei 2 mil reais, eu estava carpindo ali e o sol estava brabo do jeito que está. E eu tomei café, tratei das criação, fui carpindo, o sol foi esquentando e eu fui carpindo, e a quição estava alta e eu não me importava não, mas de repente eu vi que me senti ruim. Me senti ruim cada vez mais, cada vez mais, eu digo eu vou morrer. E vim aqui, bem aí. Aí eu fui ficando ruim, fui ficando ruim até que eu me lembro de dizer, mas eu vou morrer é aqui. Dali a pouco eu caí, faltou isso aqui pra eu bater a cabeça naqueles tijolos ali, e tinha chovido, estava molhado, até ficou o

lugar da minha cabeça ali no barro. Não vi mais nada, a mulher estava lavando roupa lá pra trás, dali a pouco eu dei um gemido, dei um gemido, eu vi que eu não estava carpindo mais lá veio aqui, disse alguma coisa aconteceu. Quando ela veio aqui eu estava caído ali. Daí ela chamou a tia que estava ali na casa, chamou a outra lá que estava ali na fazenda do Samek, ela veio com o carro e quando eu vi estava lá no hospital, mas graças a Deus não foi nada. Daí, foi feito tudo que é exame, foi tirado 9 seringas de sangue, cada seringada fazia um exame. Daí eu fui num médico lá em Medianeira, aquele médico muito bom, muito bom. Ele disse, seu Mario o que está lhe matando é o sol, o senhor não pode pegar sol.

Edson: O senhor teve uma insolação.

Sr. Mario: É. Eu tenho uma alergia assim nas costas que judia muito, me coça muito, me arde. Alergia do sol, já falei com três médicos, falei com farmacêutico, ali tem o seu Roque em São Miguel que pra mim é o melhor farmacêutico que tem. Ele disse, seu Mario, é alergia, alergia. Seu eu não for no sol que eu fico meio na sombra ela não me incomoda, mas se for no sol de noite eu não durmo. Mas começa a incomodar que parece formiga correndo assim que barbaridade, é ruim. O senhor quer tomar uma coca nós temos aí.

Edson: Não, não seu Mario não se preocupa não. A gente já está encerrando aí que já consegui bastante coisa.

Neste momento ele ri abertamente.

Edson: O senhor é uma figura, tem muita história pra contar. Eu sei que se eu ficar aqui a gente vara a noite.

Sr. Mario: Aqui não tem problema, aqui nós temos carne, tem carne no congelador, nós assamos carne, nós comemos. Aí nós temos de tudo um pouco.

Edson: Que bom. Não falta nada.

Sr. Mario: É, graças a Deus.

Edson: Neste momento ele sai de perto do microfone e fica incompreensível o que ele diz. Ele traz uma cuca e me oferece.

Sr. Mario: ...Daí eu peguei e disse pro meu filho, o, se você trouxer ração aí eu vou tratar da novilha e te dou pra você. Eu não quero, não quero, não quero. Daí você vende ou carneia, faz lá o que você quiser. Daí ele traz a ração e eu estou tratando dela, se ele vai vender ou vai carnear eu não sei.

Edson: Até o final do ano então tem um churrasco.

Sr. Mario: É. A, não pode demorar muito porque tem outra vaca que cria né.

A velha fez muito, muito queijo. Lá de Medianeira eles vem de lá comprar queijo aqui. Compram até o queijo que é feito no dia. Essa minha vaca que eu tenho ali ela dá um balde de leite por tirada. E ainda criou 2 bezerros ali. Essa vaca vale 5 mil reais.

Edson: É bem cuidada então.

Sr. Mario: Mas engraçado, nós compramos leite. Nós temos a vaca de leite e nós compramos leite porque o leite da vaca é muito gordo e me faz mal. A gordura do leite que faz mal. Então nós compramos leite no mercado e fazemos queijo do leite da vaca. Eu pra mim, eu estava tirando o leite e tratando dos cachorros. Eu misturo

na ração o leite, ração dos cachorros, mas daí não sei, diz o meu genro que não era bom, que começa a fazer mal pra barriga deles, aí eu parei de dar.

Então deixo ali bonito. Chamei o meu filho ali e arrumou que tem os coxo mas tem as borda. O coxo tem que estar sempre cheio de água. A vaca bebe, essa água da caixa ali vai e o coxo está sempre com água. Eu trato, e corto o pasto, e planto o pasto, e compro milho e trato das vacas. Mas, estão gordas, uma é gorda, mas a que dá de mamar está mais magra. Diz o meu genro, a vaca que dá de mamar ela não pode engordar muito mesmo, acho que devido ao leite que ela dá enfraquece ela. Ali eu dou milho pra ela comer.

Edson: Seu Mario, eu posso tirar umas fotos?

Sr. Mario: Pode, pode, pode. Pode tirar foto.

Edson: Vou tirar uma do senhor, inclusive.

Seu Mario, é só o senhor e a sua esposa aqui agora, na casa.

Sr. Mario: Sim.

Edson: Os filhos estão todos fora.

Sr. Mario: É. Pode entrar aqui, pode tirar foto.

Neste momento eu entro na casa e seu Mario vai mostrar os cômodos. Ele mostra a cozinha, os quartos onde ele e sua esposa dormem. Estranhamente cada um dorme em um quarto. No seu quarto, um altar com vários santos católicos a quem ele disse que faz suas orações. Na sala, uma estante onde apresenta fotos dos filhos e netos. No final, a esposa chega e participa um pouco da conversa.

O senhor foi ver a bagunça da criançada aí.

Edson: Não tem bagunça não. Está tudo bem ajeitadinho, nem tem criançada mais né.

Sr. Mario: Não. No tempo que tinha criança eu gostava, eu gostava. Porque meus filhos, a gente podia largar qualquer coisa que quisesse e dizer isso aqui você não pega, e ficava sossegado porque nada ia mexer. Mas os de hoje, vou falar a verdade.